

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
FACULDADE DE PSICOLOGIA

ANA CARLA SILVARES POMPÊO DE CAMARGO ARÓS

Irrealidade, Futilidade e Vazio: Sofrimentos Radicais e
Sociedade Contemporânea

CAMPINAS
2009

ANA CARLA SILVARES POMPÊO DE CAMARGO AROS

Irrealidade, Futilidade e Vazio: Sofrimentos Radicais e
Sociedade Contemporânea

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Psicologia: área de concentração como Profissão e Ciência.
Orientador: Prof^a. Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg.

CAMPINAS
2009

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t150.192 Aros, Ana Carla Silves Pompêo de Camargo.
A769i Irrealidade, futilidade e vazio: sofrimentos radicais e sociedade contemporânea / Ana Carla Silves Pompêo de Camargo Aros. - Campinas: PUC-Campinas, 2008.
206p.

Orientadora: Tânia Maria José Aiello-Vaisberg.
Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia existencial. 2. Psicoses. 3. Psicanálise. 4. Sofrimento. 5. Psicoterapia centrada no cliente. 6. Sociedades - História. I. Vaisberg, Tânia Aiello. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

22ed. CDD - t150.192

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
FACULDADE DE PSICOLOGIA

Irrealidade, Futilidade e Vazio: Sofrimentos Radicais e Sociedade
Contemporânea

Banca Examinadora:

Tânia Maria José Aiello Vaisberg

Marly Aparecida Fernandes

Tânia Mara Marques Granato

Jussara Falek Brauer

Leda Maria Codeço Barone

PUC-Campinas
2009

Dedico este trabalho a todos aqueles que lutam para não perder sua personalidade em meio à vida atribulada que encontramos nas grandes cidades do mundo, assim como àqueles que ajudam a colorir minha existência, enriquecendo com suas presenças acolhedoras, o meu viver.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Fernão Pompêo de Camargo Neto e Elizabeth de Almeida Silveiras Pompêo de Camargo, por terem me ensinado sobre o amor, a família e a importância de uma formação pessoal e profissional ética.

Ao meu marido Marcelo Salomão Arós, por estar ao meu lado em todos os momentos, em especial, nos muitos momentos difíceis que passei nos últimos cinco anos.

Ao meu filho Leonardo, atualmente com um ano e sete meses, por me ensinar sobre o amor e por trazer seu brilho e sua alegria para minha vida.

Ao meu enteado Gabriel, a quem aprendi a amar, por seu jeito doce e amigo.

Aos meus tios: Maria Lúcia, Luís Antônio e Carlos, por dividirem comigo o tempo na educação de meu filho e por nos acolherem em seus corações, adotando a mim e ao Marcelo como filhos e ao Leonardo como neto, após o falecimento de minha mãe.

À minha tia e madrinha Dulce Pompêo de Camargo, pelo amor e suporte emocional que oferece em todos os momentos importantes.

Ao meu irmão Fernão, por existir e ser esta pessoa generosa, sensível, alegre e amiga.

À minha orientadora, Tânia Maria José Aiello Vaisberg, por me convidar a refletir sobre as muitas formas de exercer a psicanálise e por contribuir muito na minha formação enquanto pesquisadora. E principalmente, por me acolher sempre de forma suficientemente boa e pessoal, mesmo nos momentos em que era necessário ser rigorosa e pragmática.

Ao grupo de pesquisa por me acolher e me incentivar sempre que era possível estar presente, em especial à Miriam Tachibana e Elisa Corbett pelos e-mails nos quais mantinham a todos informados sobre o andamento de nossos trabalhos.

À Vera Engler Cury e à Maria Cristina Lousada Machado, pelas reflexões e sugestões oportunas no momento de minha banca de qualificação, que contribuíram para a busca de uma nova temática, que culminou no presente trabalho.

À Antonina Pimenta, pela delicadeza de emprestar prontamente alguns livros que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

À Vivian Bearzotti Pires pela lapidação do texto deste trabalho e pela disponibilidade e carinho, sempre presentes, em sua relação com os colegas de trabalho.

À Ive Brunelli e Mariza Rossetto pelo inestimável auxílio na execução dos resumos deste trabalho.

Às secretárias da pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, pelo acolhimento e eficiência, que tornavam as exigências burocráticas menos angustiantes.

Ao meu tio Marcelo, pelo amor e companheirismo que dedicou ao meu pai nos momentos difíceis.

À Ilda, Mariza e Maria, pela dedicação com que cuidam de meu pai e de todos nós.

À minha família, por serem todos tão maravilhosos e presentes.

À família Arós, por me acolher de forma tão carinhosa como um de seus membros.

À Bruneide Menegazzo Padilha por sua amizade e por ser a principal responsável pela formação profissional que tenho hoje.

À Glória Elisa Bearzotti Pires von Buettner, Marcelo Passini Moreno, Maria da Piedade Romeiro de Araújo Melo e Alessandra Marquez, por acreditarem em meu trabalho e pelos exemplos de ética e profissionalismo constantes.

Ao Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, por confiar em meu trabalho, estar sempre de portas abertas e contribuir com minha formação profissional, assim como ocorre com todos que participam da construção de sua história.

A Wagner e a Carlos, pelas lições de vida e coragem que inspiraram esta tese.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos.

Índios (Renato Russo, 1986)

Quem me dera, ao menos uma vez,
Ter de volta todo o ouro que entreguei
A quem conseguiu me convencer
Que era prova de amizade
Se alguém levasse embora até o que eu não tinha.
Quem me dera, ao menos uma vez,
Explicar o que ninguém consegue entender:
Que o que aconteceu ainda está por vir
E o futuro não é mais como era antigamente.
Quem me dera, ao menos uma vez,
Provar que quem tem mais do que precisa ter
Quase sempre se convence que não tem o bastante
E fala demais por não ter nada a dizer.
Quem me dera, ao menos uma vez,
Que o mais simples fosse visto como o mais importante,
Mas nos deram espelhos
E vimos um mundo doente.
Quem me dera, ao menos uma vez,
Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três
E esse mesmo Deus foi morto por vocês
É só maldade então deixar um Deus tão triste.
Eu quis o perigo e até sangrei sozinho
Entenda - assim pude trazer você de volta para mim,
Quando descobri que é sempre só você
Que me entende do início ao fim
E é só você que tem a cura para o meu vício
De insistir nessa saudade que eu sinto
De tudo que eu ainda não vi.

*Quem me dera, ao menos uma vez,
Acreditar por um instante em tudo o que existe
E acreditar que o mundo é perfeito
E que todas as pessoas são felizes.
Quem me dera, ao menos uma vez,
Fazer com que o mundo saiba que seu nome
Está em tudo e mesmo assim
Ninguém lhe diz ao menos obrigado.
Quem me dera, ao menos uma vez,
Como a mais bela tribo, dos mais belos índios,
Não ser atacado por ser inocente.
Eu quis o perigo e até sangrei sozinho.
Entenda - assim pude trazer você de volta para mim,
Quando descobri que é sempre só você
Que me entende do início ao fim
E é só você que tem a cura para o meu vício
De insistir nessa saudade que eu sinto
De tudo que eu ainda não vi.
Nos deram espelhos e vimos um mundo doente.
Tentei chorar e não consegui.*

RESUMO

CAMARGO-AROS, A.C.S.P. *Irrealidade, Futilidade e Vazio: Sofrimentos Radicais e Sociedade Contemporânea*. 2009. Tese. 216f (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2009.

A presente investigação aborda fenômenos clínicos, habitualmente referidos como vivências de futilidade, irrealidade e vazio existencial, que têm sido descritos por Winnicott como impossibilidade de se sentir vivo e real. Apresentando-se como fundamento afetivo de uma ampla gama de manifestações sintomáticas, que incluem tanto as psicoses como as condições borderlines, são uma forma radical de sofrimento que, segundo vários autores, vem-se tornando cada vez mais comum na sociedade contemporânea, cujos contornos buscamos apreender a partir do pensamento sociológico de Bauman. O trabalho organiza-se, metodologicamente, ao redor da abordagem psicanalítica de um acontecer humano de caráter ficcional, veiculado por meio de produção cinematográfica de 1999 intitulada *Clube da Luta*. A história encenada foi elaborada como narrativa psicanalítica a partir da observação da regra fundamental para, a seguir, ser considerada em termos da captação de campos de sentido afetivo-emocional. Foram criados/encontrados sete campos diversos, que se configuram como integrantes de um campo maior, denominado "ser ou não ser", correspondente ao drama existencial da busca desesperada de uma vida que possa ser sentida como pessoal e verdadeira. Estabelecendo interlocuções com Winnicott e Bauman, foi possível concluir que a problemática clínica estudada articula-se intimamente às novas formas de organização da sociedade líquido-moderna que, de modo paradoxal, incrementam um certo tipo de individualismo enquanto dificultam o amadurecimento pessoal no sentido do desenvolvimento da capacidade de se sentir vivo, real e capaz de gestualidade espontânea e transformadora de si e do mundo.

Palavras-chave: Psicanálise, Winnicott, Bauman, Sociedade Contemporânea, Falso e Verdadeiro Selves, Psicose e "Clube da Luta".

ABSTRACT

CAMARGO-ARÓS, A.C.S.P. *Unreality, Futility and Emptiness: Radical Sufferings and Contemporary Society*. 2009. Thesis. 216f (PH.D in Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Life Science Center, Graduate Program in Psychology, Campinas, 2009.

The current investigation approaches clinical phenomena usually referred to as frivolous experience, unreality and existential emptiness, all described by Winnicott as one's impossibility of feeling alive and real. Presented as an affective ground within a wide range of symptomatic manifestations, including either psychoses or borderline conditions, this is a radical way of suffering, which, according to several authors, has gradually become more ordinary in the contemporary society, the outlines of which we try to grasp by taking Bauman's sociological thought as a starting point. This paper is methodologically organized around a psychoanalytical approach concerned with a human happening of fictional character that is made public through a 1999-movie production entitled *Fight Club*. The story that is portrayed was conceived as a psychoanalytical narrative stemming from the observation of the fundamental standard to be considered thereafter in terms of capturing the fields of affective-emotional sense. Seven diverse fields were created/found, which are set out as integrating parts of a greater field called "to-be-or-not-to-be", corresponding to the existential drama regarding the desperate search for a life that can be felt as being personal and true. By establishing a dialogue with Winnicott and Bauman, it was possible to conclude that the clinical issue in question is intimately concerned with the new forms of organizing the liquid-modern society, which paradoxically develop a certain type of individualism while they make it hard to personal growth in a sense of developing one's ability of feeling alive, real and able to provide spontaneous gesture to transform the self and the world.

Keywords: Psychoanalysis, Winnicott, Bauman, Contemporary Society, True and False Selves, Psychosis, and "Fight Club".

RÉSUMÉ

CAMARGO-AROS, A.C.S.P. *Irréalité, Futilité et Vide: Souffrances Radicales et Société Contemporaine*. 2009. Thèse. 216f (Doctorat en Psychologie). Pontificia Universidade Católica de Campinas, Centre de Sciences de la Vie, Programme de Post-Graduation en Psychologie. Campinas, 2009.

L'objectif de cette recherche est d'étudier des phénomènes cliniques qui sont habituellement considérés comme des expériences de futilité, irréalité et de vide existentiel et qui sont décrits par Winnicott comme impossibilité de se sentir en vie et réel. Ils se présentent comme fondement affectif d'une large gamme de manifestations symptomatiques, y sont incluses aussi bien les psychoses que les conditions borderlines, il s'agit bien là d'une forme radicale de souffrance qui, selon plusieurs auteurs, est chaque fois plus commune dans la société contemporaine, et dont nous avons cherché à appréhender les contours à partir des études du sociologue Bauman. La méthode de travail a été organisée à partir d'un abordage psychanalytique d'un devenir humain, du domaine de la fiction, véhiculée par une production cinématographique de 1999 intitulée *Club de Lutte*. L'histoire jouée part d'une narrative psychanalytique à partir de l'observation de la règle fondamentale pour, ensuite, être considérée en termes de captation de champs de sens affectivo-émotionnels. Il a été créé/rencontré sept champs divers, qui intègrent un champ plus grand, nommé "être ou ne pas être", qui correspond au drame existentiel de la recherche désespérée d'une vie qui puisse être sentie comme personnelle et vraie. À travers les interlocutions qui ont été établies avec Winnicott et Bauman, il nous a été possible de conclure que la problématique clinique étudiée se trouve intimement liée aux nouvelles formes d'organisation de la société liquido-moderne lesquelles, paradoxalement, développent une sorte d'individualisme au même temps qu'elles rendent plus difficile le mûrissement personnel dans le sens de développer la capacité de se sentir en vie, réel et capable de gestualité spontanée et transformatrice de soi-même et du monde.

Mots-clés: Psychanalyse, Winnicot, Bauman, Société Contemporaine, Faux et Vrai Selves et "Club de Lutte".

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1. SOCIEDADE NO SÉCULO XXI: A VIDA LÍQUIDA SEGUNDO O OLHAR DE ZYGMUNT BAUMAN	22
2. A TEORIA WINNICOTTIANA DO SOFRIMENTO HUMANO E A IMPOSSIBILIDADE DE SE SENTIR VIVO E REAL	40
3. ESTRATÉGIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS: BUSCA PSICANALÍTICA DE CAMPOS DO IMAGINÁRIO	67
3.1. Objetivo	68
3.2. A pesquisa psicanalítica, o conceito de conduta e os campos do imaginário	68
3.3. As narrativas psicanalíticas	77
4. SER OU NÃO SER E OUTROS CAMPOS DO IMAGINÁRIO	82
4.1. Roteiro de leitura dos campos do imaginário	83
4.2. (Uma luta) Entre a vida e a morte	84
4.3. Clube da luta assistido a partir de um olhar psicanalítico: os campos do imaginário	100
4.4. O ponto de vista das personagens: seleção de frases do filme “Clube da Luta”	103
4.5. Diálogos com Winnicott sobre os campos	114
4.6. Diálogos com Bauman sobre os campos	156
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: TUDO COMEÇA EM CASA?	192
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	202

APRESENTAÇÃO

A presente investigação constitui-se em de uma pesquisa psicanalítica que tem como objeto de estudo fenômenos clínicos, habitualmente referidos como vivências de futilidade, irrealidade e vazio existencial, que têm sido descritos por Winnicott como uma impossibilidade de se sentir vivo e real. Trata-se de uma forma de sofrimento radical, presente em quadros *borderlines* e psicóticos, decorrentes de fenômenos do falso *self*. Esta problemática será estudada a partir de uma produção cinematográfica, “Clube da Luta” (1999), que será tomada como um acontecer humano ficcional.

Em 1895 surgia o cinema, quando os irmãos Lumière fizeram a primeira projeção pública em Paris. Neste mesmo ano Freud apresentava o método psicanalítico, em seu livro “Estudos sobre a Histeria”, o que aproximou cinema e psicanálise desde suas origens.

Segundo Laplanche e Pontalis (1967) Psicanálise significa:

Disciplina fundada por Freud e na qual podemos, com ele, distinguir três níveis: A) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. **A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres**¹. B) Um método psicoterápico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O emprego da psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico está ligado a este sentido; exemplo: começar uma psicanálise (ou uma análise). C) Um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento (p. 384-385).

Nesta tese, a Psicanálise será concebida essencialmente, enquanto método de investigação da conduta humana (Bleger, 1963), o que abrange os

¹ Grifos da pesquisadora.

fenômenos ressaltados no fragmento citado de Laplanche e Pontalis (1967) – palavras, ações e produções imaginárias – assim como as manifestações corporais, uma vez que se consideram palavras e ações como decorrentes de manifestações do mundo externo, assim como, as produções imaginárias seriam fruto de manifestações mentais.

É evidente que a divisão da conduta em três categorias – mente, corpo e mundo externo – ocorre somente para fins didáticos, uma vez que se trata de uma unidade, cujas manifestações estão interligadas através de diferentes tipos de combinações de expressões do existir humano e, no caso específico deste trabalho, o existir humano será captado a partir da análise do filme “Clube da Luta”, partindo da premissa de que as experiências de suas personagens, sendo elas manifestações de condutas individuais ou coletivas, serão compreendidas enquanto um acontecer humano ficcional.

A análise de produções artísticas configura-se um procedimento consagrado por Freud e por outros psicanalistas. Tânia Rivera² (2008), no livro “Cinema, Imagem e Psicanálise”, comenta uma passagem interessante, capaz de ilustrar bem o presente objeto de pesquisa, assim como faz menção à estratégia metodológica escolhida:

O escritor italiano Italo Calvino, em um escrito biográfico sobre sua adolescência, afirma que o cinema era, para ele, o mundo. Um mundo pleno e coerente, ao contrário de sua vida, que não era mais do que um amontoado de elementos heterogêneos, sem forma, “como que juntados ao acaso” (Rivera, 2008, p.8).

² Tânia Rivera é doutora em psicologia pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica, com pós-doutorado em artes visuais na Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente trabalha como psicanalista e professora da Universidade de Brasília.

O cinema tem como um de seus principais fundamentos a possibilidade de expressar a dramática da vida (Politzer, 1968) sob diferentes pontos de vista, de maneira a despertar experiências bastante variadas no espectador, que pode encontrar nas telas uma série de vivências e emoções, que serão registradas juntamente com as demais experiências do sujeito. No caso de Ítalo Calvino, o cinema funcionava como um elemento integrador em sua vida, percebida, possivelmente, como fonte de sofrimento, confusão mental e de um sentimento de irrealidade.

Por outro lado, no prefácio do livro de Sérgio Telles (2004), “O psicanalista vai ao cinema”, Cromberg apresenta reflexões que costumam interessar aos apaixonados por cinema e que desejam expandir esta paixão para campos como a psicanálise, a pesquisa qualitativa ou a pesquisa psicanalítica e que podem contribuir para a compreensão do material ficcional utilizado nesta pesquisa – a produção cinematográfica:

Invenções quase que simultâneas, o cinema e a psicanálise têm inúmeros pontos em comum. A revelação de que nossos sonhos pensam, essencialmente, através de imagens, transforma o livro inaugural da psicanálise, *A interpretação dos sonhos*, de Freud, no primeiro grande ensaio sobre a mecânica psíquica do cinema (p.13).

A definição da produção cinematográfica como um convite à reflexão de situações clínicas imaginárias apresenta uma perspectiva semelhante à desta pesquisa, que conceberá o filme “Clube da Luta” enquanto um acontecer humano ficcional. Além disso,

O cinema vai ao psicanalista enquanto processo de criação de imagens e de pensamento por imagens. Trata-se de pensar uma vida em movimento, que pede para ser escutada com o olho e vista com o ouvido (...) Um novo pensamento pode nascer do deslocamento das funções de seus órgãos habituais. É isso que o cinema parece mostrar e é esse, talvez, o ponto que mais o aproxima da psicanálise. O sonho é o paradigma do inconsciente e os mecanismos psíquicos de seu trabalho – a condensação, o deslocamento, a consideração à figurabilidade (transformação dos pensamentos do sonho em imagens) e a elaboração secundária – invocam uma escuta pelas imagens (p.14).

É possível pensar na ênfase dada por Cromberg (In: Telles, 2004) equiparando o cinema e o sonho, como um representante da vida em movimento e da necessidade do desenvolvimento de uma “escuta pelas imagens”, ou seja, uma escuta não convencional ou por ruptura de campo (Herrmann, 1991). Desta forma, torna-se possível criar/encontrar significados não convencionais para as diversas manifestações presentes nos filmes – em suas narrativas, imagens, fotografia, personagens, músicas, nas mensagens implícitas e explícitas, nas lembranças suscitadas nos expectadores a partir do filme, nas sensações experimentadas ao longo da trama – que, de certa forma, aguardavam para ser encontradas por um ou mais expectadores capazes de captá-las a partir de sua sensibilidade particular. Rivera (2008) explica:

Não é à toa que o cinema se interessa por vezes pela psicanálise (em geral, de maneira caricata). E também não é à toa que a psicanálise pode se interessar pelo cinema. À psicanálise interessa esse mesmo ponto agudo de constituição, da dor e da fruição do sujeito. A psicanálise nasce entrelaçada à arte, com a tragédia de *Édipo rei*, de Sófocles, seguida de *Hamlet*, de Shakespeare. Já na *Interpretação dos sonhos*, Freud se interessa pela questão do efeito da tragédia sobre nós. Ele não deixará de convocar obras diversas, principalmente literárias, mas também de Michelangelo e Leonardo da Vinci, por exemplo, para construir sua teoria. A arte e a literatura aí servem, às vezes, como mera ilustração. Mas o próprio Freud notava que o artista (nós diríamos, a obra) detém mais saber sobre o inconsciente do que o psicanalista. Logo, não se trata de aplicar a psicanálise às obras para apontar nelas alguma verdade que apenas esta disciplina poderia revelar. Ao contrário, trata-se de buscar conhecimento sobre o homem nessas obras e, mais especificamente, com elas aprender sobre o sujeito e sua relação com a imagem (Rivera, 2008, p.9-10).

Outro psicanalista que costuma escrever sobre cinema e buscar nos filmes manifestações dos fenômenos do falso *self* é Júlio de Mello Filho. Ele comenta: “o cinema (como o teatro) sempre foi um implacável crítico dos costumes sociais” (Mello Filho, 2003, p.348):

Um dito banal, porém verdadeiro, é aquele de que a arte imita a vida – e a vida, por outro lado, sem dúvida, imita a arte. Assim, os temas humanos estão todos presentes na cultura dos homens através dos tempos, na literatura e no teatro sobretudo. Por isto, o tema da verdade do *self* é central em Hamlet e está presente em toda a obra de Shakespeare, como no rei Lear, por exemplo, e em todos os expoentes do pensamento do homem pelo homem. O cinema, das artes, é aquela que nos leva mais de perto a uma outra vida. Por isto retrata tão bem o outro, o que gostaríamos de ser e, ao mesmo tempo, a nós mesmos naquilo que nós não gostamos e no que não nos aceitamos. Assim, o cinema se apresta muito para expressar fenômenos como identidade, duplicidade e alteridade. Por isto o cinema em todos os tempos retratou situações de verdadeiro *self* (épicos sobretudo) e de falso-*self*. Bertolucci, por exemplo, descreveu um tipo de personalidade falso-*self* magistralmente em “O conformista”, cujo personagem principal mata o verdadeiro *self* do filme, na figura de um professor esquerdista. Detalhes preciosos de como um indivíduo acomodado com os costumes se transforma num fascista são apresentados no filme (Mello Filho, 2003, p.347).

Estas considerações introduzem uma das perspectivas possíveis de fazer uma relação entre as condutas relativas ao fenômeno clínico do falso e do verdadeiro *self* e o cinema, meta que será perseguida com afincamento durante esta pesquisa.

O primeiro capítulo, intitulado “Sociedade no século XXI: a vida líquida segundo o olhar de Zygmunt Bauman” , consiste na apresentação de uma reflexão sobre a sociedade contemporânea, elaborada desde uma perspectiva inovadora e consistente, por Zygmunt Bauman. Este sociólogo considera as características da sociedade contemporânea, ressaltando a influência da globalização, que transformou a existência humana em um produto a ser

comercializado, o que resulta em relações afetivas objetificadas. Atribui, também, grande importância ao fenômeno da violência, a seu ver decorrente da desigualdade social, que acarreta uma constante sensação de insegurança.

No capítulo segundo, cujo título é “A teoria winnicottiana do sofrimento humano e a impossibilidade de se sentir vivo e real”, são focalizadas as principais idéias de Winnicott sobre o processo de saúde e doença mental, principalmente no que diz respeito ao sofrimento por não se sentir vivo e real, decorrente de processos de dissociação mental, processos defensivos que surgem como forma de tornar o sofrimento humano tolerável.

O capítulo terceiro, “Estratégias teórico-metodológicas: busca psicanalítica de campos do imaginário”, refere-se às estratégias teórico-metodológicas utilizadas. Aí são discutidas questões relativas à pesquisa psicanalítica, ao uso da narrativa psicanalítica sobre o filme “Clube da Luta”, que será o objeto de análise, à definição do conceito de campos do imaginário, assim como aos paradigmas epistemológicos que norteiam a concepção de ciência aqui utilizada.

No capítulo quarto, que tem como título “Ser ou não ser e outros campos do imaginário”, consiste na visão particular desta pesquisadora sobre o filme “Clube da Luta”. Organiza-se por meio da apresentação da narrativa psicanalítica elaborada sobre o filme, de uma seleção de frases do filme, que chamaram a atenção da pesquisadora e conseqüentemente nortearam a descoberta/criação dos campos do imaginário. Tais campos serão objeto de duas interlocuções teórico-reflexivas: uma com a obra de Winnicott e outra com as concepções de Bauman. À página 100 encontra-se um quadro no qual estão listados os campos e suas respectivas definições, cuja consulta pode facilitar o trabalho do leitor.

Foi realizada uma opção por intitular o último capítulo, o de número cinco, como “Considerações finais: Tudo começa em casa?”. A idéia, ao usar esta expressão, foi a de chamar a atenção do leitor para uns desdobramentos que esta tese contém e que devem ser apontados, não para concluir e sim para contribuir com um debate fundamental. Desta forma, não será apresentada uma conclusão onde as principais idéias do trabalho são recapituladas e articuladas entre si, pois este outro caminho foi considerado mais pertinente. Neste texto são apresentadas reflexões da pesquisadora acerca das principais contribuições deste trabalho para o exercício da psicologia, da psicanálise e para o campo das ações de prevenção e psicoprofilaxia na área de saúde mental, decorrentes dos diálogos entre os campos do imaginário, com as obras de Winnicott e Bauman. Um esforço foi feito no sentido de articular os conhecimentos que a psicanálise winnicottiana puderam trazer ao conhecimento das formas mais radicais de sofrimento emocional com uma lúcida e perspicaz visão da sociedade contemporânea que resulta na concepção de que um ambiente humano suficientemente bom é o valor fundamental pelo qual devem lutar todos aqueles que se preocupam com a saúde emocional de bebês, crianças, adolescentes e adultos.

**Geração Coca-Cola
Legião Urbana (Renato Russo, 1985)**

Quando nascemos fomos programados

A receber o que vocês nos empurraram

Com os enlatados dos USA, das 9 às 6

Desde pequenos nós comemos lixo

Comercial e industrial

Mas agora chegou nossa vez

Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês.

Somos os filhos da revolução

Somos burgueses sem religião

Nós somos o futuro da nação

Geração Coca-Cola.

Depois de vinte anos na escola

Não é difícil aprender

Todas as manhas do seu jogo sujo

Não é assim que tem que ser?

Vamos fazer nosso dever de casa

E aí então, vocês vão ver

Suas crianças derrubando reis

Fazer comédia no cinema com as suas leis.

**1. SOCIEDADE DO SÉCULO XXI: A VIDA
LÍQUIDA SEGUNDO O
OLHAR DE ZYGMUNT BAUMAN**

Zygmunt Bauman³ tem vasta e significativa produção científica destinada a compreender os fenômenos que decorrem da abertura de mercado do mundo globalizado e as consequências desta para a vida das pessoas que habitam a sociedade líquido-moderna, termo utilizado por ele, para caracterizar, de forma bastante perspicaz, a sociedade contemporânea.

Neste trabalho, há uma preocupação particular em apresentar as características das novas formas de organização social contemporânea, uma vez que a perspectiva psicanalítica adotada por esta pesquisadora e pelo grupo de pesquisa da qual é integrante foi a da adoção de um modelo psicopatológico relacional, em detrimento do clássico modelo pulsional freudiano. A adoção dessa perspectiva paradigmática reforça a importância dada por Winnicott, em sua obra, ao ambiente real do bebê e da criança enquanto provedor de sustentação necessária ao processo de personalização e integração do recém-nascido. Em função disso, a análise sensível e singular de Bauman será de grande valia, de forma a contribuir para a compreensão dos fenômenos humanos aqui discutidos.

Abandonando algumas ideias defendidas por Freud em sua teoria metapsicológica, segundo a qual a existência humana corre o risco de ser compreendida como determinada por meras eliminações da tensão biológica – lembrando que o próprio Freud no desenvolvimento do método psicanalítico enfatizava a importância da busca da subjetividade de cada paciente – adota-se, desse modo, a perspectiva de que o sofrimento por não se sentir vivo e real é a expressão fundamental de um viver dissociado da expressão criativa e da

³ Sociólogo polonês, atualmente aos 83 anos de idade, é professor emérito das Universidades de Leeds e de Varsóvia. Ganhador dos prêmios Amalfi (1989) pelo livro “Modernidade e Holocausto” e Adorno (1998) pelo conjunto de sua obra.

capacidade de gestualidade espontânea (Greenberg e Mitchell, 1984; Medeiros e Vaisberg, 2008).

Este trabalho dialogará com Bauman e Winnicott, de forma que as obras destes dois pensadores possam, cada uma em sua particularidade, contribuir para fundamentar as ideias que aqui serão discutidas sobre os conceitos de saúde e doença na sociedade contemporânea, uma vez que Winnicott⁴ enfatiza o desenvolvimento emocional primitivo do bebê enquanto indivíduo conectado ao ambiente de cuidados reais e Bauman descreve magistralmente as características dominantes da sociedade em que vivemos.

A obra de Winnicott fornece contribuições extremamente importantes para a compreensão do sofrimento psíquico contemporâneo, tendo sido um dos psicanalistas que mais enfatizou a importância dos cuidados maternos concretos para o processo maturacional do lactente, ou seja, a influência sócio-cultural. Ideias que podem ser enriquecidas com o ponto de vista sociológico de Bauman, que torna possível vislumbrar os elementos do contexto social atual, que produz formas específicas de subjetivação, nas quais queixas de sofrimento de irreidade, de futilidade e de vivência de vazio existencial têm sido bastante corriqueiras nos consultórios e serviços de saúde. Winnicott (1963) denunciou essa problemática há pouco mais de três décadas, quando apontava quase não haver mais neuróticos⁵ disponíveis para tratamento psicanalítico em seu consultório, e de lá para cá, essa questão vem assumindo novos contornos, a partir de novos arranjos sociais.

⁴ Trabalhou muitos anos como pediatra e depois tornou-se psicanalista. Nasceu na Inglaterra em 1897 e faleceu em 1971, época em que Bauman assume o cargo de professor na Universidade de Leeds, após ter sido desligado da Universidade de Varsóvia e de ter vários artigos e livros censurados em 1968, motivo pelo qual se mudou para vários países, fixando-se depois, na Inglaterra.

⁵ Winnicott utiliza o termo neurose, se referindo aos quadros clínicos que Freud mais atendeu em sua clínica e que foram responsáveis pela criação do método psicanalítico.

O livro de Bauman (2007) “Tempos Líquidos” descreve o surgimento de um ambiente social extremamente novo e que acarreta desafios inéditos e complexos para a vida individual:

Em primeiro lugar, a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” – ou seja, para uma organização em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam. É pouco provável que essas formas, quer já presentes ou apenas vislumbradas, tenham tempo para se estabelecer, e elas não podem servir como arcabouços de referência para as ações humanas, assim como para as estratégias existenciais a longo prazo, em razão de sua expectativa de vida curta: com efeito, uma expectativa mais curta que o tempo que leva para desenvolver uma estratégia coesa e consistente, e ainda mais curta que o necessário para a realização de um “projeto de vida” individual (Bauman, 2007, p.7).

O trecho citado mostra que o mundo atual funciona em ritmo acelerado e que, suas transformações constantes dificultam a identificação e o desenvolvimento de referências seguras de costumes, hábitos e valores, o que justificaria o uso do termo “liquidez” para caracterizar os novos padrões de organização social.

Em decorrência disto, a sociedade líquido-moderna apresenta características que lhe são bastante peculiares: a vida líquida, o amor líquido, o medo líquido e os padrões de relações de consumo, que constituem um ponto nodal cuja influência se dá diretamente nos seus demais aspectos. Além disto, observa-se um enfraquecimento do Estado, uma separação entre poder e política; da mesma forma como ocorreu com a segurança, a saúde e a educação, anteriormente deveres do Estado, que passaram a ser terceirizadas, privatizadas, sendo delegadas à responsabilidade dos indivíduos isoladamente, na grande

maioria do mundo globalizado, com exceção de alguns países de primeiro mundo. O Estado passou a acolher, na grande maioria dos casos, aqueles que não podem consumir os serviços privados e que, portanto, devem ser gratos por receberem o serviço estatal, independente da qualidade que este tenha. A falta de segurança, por sua vez, afeta diretamente os alicerces da solidariedade social e a qualidade dos laços sociais, que passam a assumir uma tendência a ser frágeis e temporários, num mundo marcado pelo colapso do pensamento, do planejamento e da ação a médio e a longo prazo.

Em outro livro seu, “Medo Líquido”, Bauman (2006), compara a sociedade contemporânea, à Europa do século XVI, em função de identificar nestes dois períodos históricos, a marca característica da presença constante e silenciosa do medo, espalhado por toda a parte, ou seja, a globalização da economia teve como uma de suas consequências negativas, uma globalização do medo, medo que representa várias instâncias: física, psicológica, social e econômica; medo como, consequência dos novos valores sociais, da desigualdade social e de uma profunda desvalorização do ser humano.

Já no livro “Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria” (Bauman, 2007a), o autor discute questões importantes, que, somadas ao ambiente de medo, ditam os padrões de comportamento do homem contemporâneo, que encontra sua segurança existencial no consumo. Aponta que existem três regras básicas que caracterizam os mercados de consumo:

Primeira: o destino final de toda a mercadoria colocada à venda é ser consumida por compradores. Segunda: os compradores desejam obter mercadorias para consumo se, e apenas se, consumi-las for algo que prometa satisfazer seus desejos. Terceira: o preço que o potencial consumidor em busca de satisfação está preparado para pagar pelas mercadorias em oferta dependerá da credibilidade dessa promessa e da intensidade desses desejos (Bauman, 2007a, p.18).

Estas regras são válidas tanto para o mercado de produtos e serviços, quanto para o mercado de trabalho, no qual o objeto a ser comercializado são os próprios seres humanos. O grande paradoxo humano é, portanto, manter-se constantemente uma mercadoria atualizada e vendável, buscando adequar o seu ser a um perfil economicamente viável e desejável, apesar das exigências do mercado de trabalho terem um caráter bastante volátil. Segundo Bauman:

A vida líquida e a modernidade líquida estão intimamente ligadas. A vida líquida é uma forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna. Líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. Em suma: a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. As preocupações mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar de rumo antes de tomar um caminho sem volta (Bauman, 2005, p.8)⁶.

O desenvolvimento tecnológico, o ritmo de vida cada vez mais acelerado, a constante influência dos meios de comunicação, o turbilhão de informações e estímulos disponíveis via internet, os relacionamentos virtuais, as exigências cada vez maiores por capacitação e formação pessoal para que se possa fazer parte do mercado de trabalho, a violência urbana, o crime organizado, as catástrofes ambientais provocadas pelo aquecimento global, são todos fatores que colocam os seres humanos diante de novos desafios pessoais e coletivos. O que torna a experiência de viver uma aventura de risco, em função disso:

O que mais amedronta é a ubiqüidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas

⁶ Itálicos do autor.

escuras ou das telas luminosas dos televisores, de nossos quartos ou de nossas cozinhas. De nossos locais de trabalho e do metrô que tomamos para ir e voltar. De pessoas que encontramos e de pessoas que não conseguimos perceber. De algo que ingerimos e de algo com o qual nossos corpos entraram em contato. Do que chamamos *natureza* (pronta, como dificilmente antes em nossa memória, a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a proliferação de terremotos, inundações, furacões, deslizamentos, secas e ondas de calor) ou de outras pessoas (prontas, como dificilmente antes em nossa memória, a ameaçar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a súbita abundância de atrocidades terroristas, crimes violentos, agressões sexuais, comida envenenada, água ou ar poluídos (Bauman, 2006, p.11).

Apesar do desenvolvimento científico e tecnológico, o ser humano, talvez em toda a sua história, nunca se viu tão temeroso do futuro e em constante estado de alerta, pois as ameaças anunciadas constantemente pela mídia e por estudos científicos mostram que os perigos são muitos. O grande paradoxo é que grande parte dos maiores fantasmas contemporâneos, quais sejam, o desemprego, a desigualdade social, a violência urbana, o crime organizado, o terrorismo, as guerras nucleares, e o aquecimento global, são todos produtos criados pelo próprio ser humano e pelas formas de distribuição das riquezas e da organização social. Nunca se viu tantas discussões científicas e alertas sobre a necessidade de mudanças dos hábitos sociais e dos seus valores dominantes, em troca da melhora da qualidade de vida do planeta e de seus habitantes. No entanto, muito pouco tem sido feito em relação à busca de caminhos que visem mudanças significativas do *status quo* dominante.

As características apontadas ressaltam que algumas das marcas do ambiente social contemporâneo são a persecutoriedade, a insegurança, o individualismo, a sensação de impotência e o medo das diversas formas de marginalização e exclusão, sendo que:

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço ou motivos claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda a parte, mas em lugar algum se pode vê-la. *Medo* é o nome que damos a nossa *incerteza*, nossa *ignorância* da ameaça e do que deve ser *feito* – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além de nosso alcance (Bauman, 2006, p.8).

Há uma forma de medo que não configura um perigo concreto, como já foi discutido, e por isso, pode ser considerado um medo de “segundo grau”, que surge havendo ou não uma ameaça concreta presente. Este formato do medo é, segundo Bauman (2006), social e culturalmente reciclado:

O *medo derivado* é uma estrutura mental estável que pode ser mais bem descrita como o sentimento de ser *suscetível* ao perigo; uma sensação de insegurança (o mundo está cheio de perigos que podem se abater sobre nós a qualquer momento com algum ou nenhum aviso) e vulnerabilidade (no caso do perigo se concretizar, haverá pouca ou nenhuma chance de fugir ou de se defender com sucesso; o pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas disponíveis, no que no volume e da natureza das ameaças reais). Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o *medo derivado* adquire a capacidade de autopropulsão (p. 9).

Apesar da crescente ampliação dos tipos e formatos dos medos, o medo da morte ainda permanece imbatível, em primeiro lugar no ranking dos mais terríveis temores universais, pois

Com efeito, quando se trata de traçar um limite verdadeiramente intransponível à imaginação humana, a morte não tem concorrentes (...) É a encarnação do *desconhecido*. Sempre encontra as pessoas despreparadas (Bauman, op.Cit., p.45).

A morte pode ser compreendida como a perda concreta de uma vida, mas provoca naqueles que ainda vivem e perderam um conhecido próximo ou um ente

querido, uma sensação de vazio, o que Bauman (2006) denomina “morte de segundo grau”. Trata-se da única forma de apropriação da experiência da morte para os seres, ainda vivos. Por outro lado, as outras experiências de perda de relacionamentos pessoais, de bens materiais e/ou de vínculos trabalhistas, podem constituir uma forma de “morte de terceiro grau”. Na morte de terceiro grau ocorre, uma transformação da sensação de vazio, que caracteriza a morte de segundo grau, em diferentes graus de sofrimento, dependendo do contexto em que cada perda se insira para o indivíduo que a vivenciou. Além disso,

A experiência da morte de “segundo grau”, estimulada pela ruptura dos vínculos humanos, é, não obstante, causada por humanos – sempre produto *intencional* de uma ação deliberada, *premeditada*. Algumas vezes suas origens remontam a um ato que, com um pouco de exagero, poderia ser registrado sob a rubrica de assassinato (metafórico), mas em geral está perto de ser classificado como resultado de um homicídio (metafórico). Por trás de cada morte metafórica, ocultam-se agentes humanos, quer seja possível ou não estabelecer e provar no tribunal a existência de intenções dolosas (Bauman, 2006, p. 66).

O fato do ser humano ser conhecedor de sua vulnerabilidade e de possuir uma vida finita produz uma angústia intensa que faz com que busque racionalmente criar estratégias que visam à diminuição do sofrimento provocado pelo conhecimento desta verdade absoluta e penosa, desde momentos tão precoces de sua vida. Em função disso, foram desenvolvidas pelo menos três estratégias relativamente bem sucedidas para lidar com a ideia da iminência da morte: construir pontes entre a vida mortal e a eternidade, mudar o foco de atenção da morte objeto total para seus derivados objetos parciais – as suas causas específicas – que deverão ser neutralizadas ou enfrentadas uma a uma, e por último, a tentativa de banalização da ideia da mesma.

A própria morte é *banalizada* por procuração quando aquela substituta de segunda ordem, a experiência da morte de *terceiro grau*, se transforma numa ocorrência freqüentemente repetida e infinitamente reproduzível. Isso de fato ocorre quando os vínculos humanos se tornam frágeis, mantidos apenas provisoriamente, com pouca, se é que alguma, expectativa de durabilidade, e se mostram desde o início assustadoramente fáceis de se desfazer à vontade e com pouca ou nenhuma advertência. (...) A *alteridade absoluta* que separa a experiência da morte de todas as experiências da vida agora se torna uma característica comum do cotidiano. Despida, assim, de seu mistério, familiarizada e domesticada, a fera selvagem se transforma num animalzinho de estimação (Bauman, 2006, p. 63).

A vida líquida está repleta de estratégias que buscam “permitir que se suporte o insuportável, subjugando, e domesticando no mundo-do-ser vivido, a *alteridade absoluta* do não-ser” (*op. Cit.*, p.69). Desta forma, o sofrimento humano em relação ao conhecimento de sua finitude vai sendo enfrentado, através de um uso predominante de defesas maníacas (Winnicott,1935), tanto em graus saudáveis, pois – nenhum ser humano consegue viver de forma tranquila pensando a todo momento que pode morrer –, quanto em níveis patológicos, através dos diversos processos de negação do conhecimento da iminência da morte ou da banalização da mesma. Este fenômeno se reflete diretamente na indústria da beleza – no culto ao corpo belo e jovem –, na proliferação das clínicas de estética e de cirurgia plástica, das academias de ginástica, dos salões de beleza, dos avanços da indústria cosmética e farmacêutica, da valorização da alimentação saudável, enfim, em um processo de valorização da aparência e da imagem, acima de tudo. Afinal, um dos lemas cotidianos – a primeira impressão é a que fica – não pode ser esquecido, uma vez que, em tempos líquidos, as relações pessoais passam a ser uma constante sucessão de primeiras impressões, dado à fragilidade e curta durabilidade dos laços sociais. Explica Bauman (2006):

Assim, o medo da metafórica “morte de segundo grau” é, no final das contas, o horror de ser *excluído*. Saturada como é de mortes metafóricas, a vida líquido-moderna é uma vida de suspeita permanente e vigilância incessante. Não há como saber de que lado do vínculo virá o golpe, quem será o primeiro a deferi-lo, tendo se cansado de compromissos entediantes e das promessas de uma lealdade difícil de concretizar, ou tendo identificado em outro lugar ligações mais promissoras e menos incômodas (...) Mesmo que por diferentes razões, a morte metafórica é tão refratária, difícil e freqüentemente impossível de evitar quanto seu arquétipo (p.66).

As estratégias para lidar com os medos pessoais e coletivos são inúmeras, e atualmente a indústria da segurança e a política têm sido, também, muito beneficiadas com a indústria do medo, utilizando – o medo que ronda o imaginário coletivo – como fonte de lucro e benefícios individuais. E apesar dos esforços, quando nenhuma outra estratégia funciona, a saída é o adoecimento, o que poderia explicar o aumento de incidência nos consultórios particulares, nos ambulatórios de saúde mental e nos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) de quadros como Síndrome do Pânico, Agorafobia e Transtornos Afetivos. Sendo assim,

Viver num mundo líquido-moderno conhecido por admitir apenas uma certeza – a de que amanhã não pode ser, não deve ser, não será como hoje – significa um ensaio diário de desaparecimento, sumiço, extinção e morte (Bauman, 2006, p.12-13).

O medo da exclusão representa um dos maiores fantasmas que ronda o imaginário coletivo em tempos líquidos. Cidadãos que não se adequam às novas regras sociais e aos estereótipos culturais dominantes podem ser descartados, pois o mundo globalizado e, portanto, competitivo, oferece muitas oportunidades para muitos, mas não para todos.

Numa sociedade líquido-moderna, a indústria de remoção do lixo assume posições de destaque na economia da vida líquida. A sobrevivência dessa sociedade e o bem-estar de seus membros

dependem da rapidez com que os produtos são enviados aos depósitos de lixo e da velocidade e eficiência da remoção dos detritos. Nessa sociedade, nada pode reivindicar isenção à regra universal do descarte, e nada pode ter permissão de se tornar indesejável. A constância, a aderência e a viscosidade das coisas, tanto animadas quanto inanimadas, são os perigos mais sinistros e terminais, as fontes dos temores mais assustadores e os alvos dos ataques mais violentos (Bauman, 2005, p.9).

Historicamente, antes de terem início os processos de reforma psiquiátrica ao redor do mundo, os grandes depósitos de lixo humano eram os hospitais psiquiátricos clássicos, para onde todo tipo de produto animado que oferecesse algum tipo de ameaça à ordem social ou anormalidade eram encaminhados. Atualmente, os serviços psiquiátricos sofreram importantes transformações quanto à humanização do tratamento que oferecem, mas a discriminação social do portador de transtorno mental ainda é intensa (Camargo, 2004). As prisões, os asilos, os abrigos, os serviços psiquiátricos, os orfanatos, as favelas, as periferias pobres ao redor das áreas metropolitanas e as ruas da cidade representam os novos depósitos de lixo humano. Aqui, entende-se por lixo humano, as pessoas que não podem, devido à incapacidade física, mental ou econômica, fazer parte do mundo dos consumidores e/ou do mercado de trabalho.

Este é um paradoxo, que se contrapõe ao espírito moderno, que corresponde à busca da felicidade e de evitar qualquer forma de frustração. Cada consumidor é estimulado a buscar a felicidade através do empenho e de méritos próprios. Felicidade que pode se adquirir através da posse de produtos inanimados e animados, oferecidos ao consumidor, com a benção das companhias de cartões de crédito. A vida a crédito antecipa a satisfação e retarda a frustração, afinal, nos faz crer que não é necessário perder a oportunidade de

realizar desejos, antecipando a realização de um sonho futuro, que pode ser consumido no momento presente e ser pago em um segundo momento (Bauman, 2007a).

Se a cultura consumista é o modo peculiar pelo qual os membros de uma sociedade de consumidores pensam em seus comportamentos ou pelo qual se comportam “de forma irrefletida” – ou em outras palavras, sem pensar no que consideram ser seu objetivo de vida e o que acreditam ser os meios corretos para alcançá-los, sobre como separam as coisas e os atos relevantes para esse fim das coisas e atos que descartam como irrelevantes, acerca de o que os excita e os deixa sem entusiasmo e indiferentes, o que os atrai e o que os repele, o que os estimula a agir e o que os incita a fugir, o que desejam, o que temem e em que ponto temores e desejos se equilibram mutuamente –, então a *sociedade* de consumidores representa um conjunto peculiar de condições existenciais em que é elevada a probabilidade de que a maioria dos homens e das mulheres venha a abraçar a cultura consumista em vez de qualquer outra, e de que na maior parte do tempo obedeçam aos preceitos dela com máxima dedicação (Bauman, 2007a, p.70).

A sobrevivência econômica da sociedade de consumo depende diretamente da eficiente transmissão dos valores implícitos e, muitas vezes, explícitos, que asseguram ao consumidor atualizado ou que se encontram um passo à frente de seus pares, uma existência repleta de *glamour*, *status* social e de uma promessa de afastar a ameaça de exclusão de suas vidas. Para isso, o consumismo necessita ser constantemente estimulado, o que só é possível, mantendo sempre vivos a necessidade e o desejo de consumir, ou seja, mantendo o consumidor satisfeito por possuir um objeto de desejo, durante um curto período de tempo, pois logo este produto se tornará obsoleto e não mais preencherá as necessidades existenciais e de pertença do consumidor, que para não ficar desatualizado, necessitará da nova tendência de produtos do momento, entrando em um círculo vicioso de consumo. Manter viva a necessidade de consumir implica em manter o consumidor sempre insatisfeito e frustrado, pois a

necessidade de se manter atualizado fará seu papel, atraindo os desejos para os mais novos lançamentos do mercado, em seus mais diversos seguimentos de produtos e bens de consumo. Bauman (2007a) afirma:

A referência de “*estar à frente da tendência de estilo*” transmite a promessa de um alto valor de mercado e uma profusão de demanda (ambos **traduzidos como certeza de reconhecimento, aprovação e inclusão**⁷). E no caso de um pleito amplamente reduzido à exibição de emblemas, que começa com a aquisição de emblemas, passa pelo anúncio público de sua posse e só é considerado completo quando a posse se torna de conhecimento público, o que traduz, por sua vez no sentimento de “*pertença*”. A referência de “*estar à frente*” sugere uma preocupação genuína em relação ao perigo de menosprezar o momento em que os atuais emblemas de “*pertença*” saem de circulação, sendo substituídos por novos, e em que seus portadores desatentos se arriscam a ficar à margem – o que no caso do pleito, mediado pelo mercado, para se tornar membro, traduz-se como o sentimento de ser rejeitado, excluído e abandonado, e em última instância se reflete na dor aguda da inadequação pessoal (p.108-109).

Este fenômeno ocorre da mesma forma em todas as classes sociais, pois o mercado direciona sabiamente emblemas e grifes específicas para um determinado público-alvo e seu respectivo poder aquisitivo. Assim como vai renovando suas coleções a cada estação do ano, ou conforme os avanços tecnológicos permitem o desenvolvimento de novas tecnologias, o que significa que o “*sentimento de pertença*” vem com data de vencimento anunciada, já no momento de aquisição do produto, que rapidamente perde seu encanto, ao se tornar defasado, antigo e obsoleto. Este fenômeno torna-se extremamente mais doloroso, quando as mercadorias em questão, são os próprios seres humanos:

Além de ser um excesso e um desperdício econômico, o consumismo também é, por essa razão, uma *economia do engano*. Ele aposta na *irracionalidade* dos consumidores, e não em suas estimativas sóbrias e bem informadas; estimula *emoções consumistas* e não cultiva a *razão*. **Tal como ocorre com o excesso e o desperdício, o engano não é um sinal de problema na economia de consumo. Pelo contrário, é**

⁷ Grifos da pesquisadora.

sintoma de uma boa saúde⁸ e de que está firme sobre os trilhos, é a marca distintiva do único regime sob o qual a sociedade de consumidores é capaz de assegurar sua sobrevivência (Bauman, 2007a, p.65).

Diante deste panorama, o ser humano foi acostumando-se e buscando adaptar-se às novas exigências sociais, mas é justamente diante de indivíduos bem adaptados que o risco aumenta, pois, neste contexto, adaptação passa a ser quase um sinônimo de isolamento e perda da qualidade de vinculação afetiva. Por isso,

A possibilidade de povoar o mundo com gente mais afetuosa e induzir as pessoas a terem mais afeto não figura nos panoramas pintados pela utopia consumista.⁹ As utopias privatizadas dos caubóis e *cowgirls* da era consumista mostram, em vez disso, um “espaço livre” (livre para *mim*, é claro) amplamente estendido; um tipo de espaço vazio do qual o consumidor líquido-moderno, inclinado a performances-solo, e apenas a elas, sempre precisa de mais e nunca tem o bastante. O espaço de que os consumidores líquido-modernos necessitam, e que são aconselhados de todos os lados a obter lutando e a defender com unhas e dentes, só pode ser conquistado se expulsando outros seres humanos – em especial os tipos de indivíduos que se preocupam e/ou podem precisar da preocupação dos outros (Bauman, 2006, p.68).

Uma das características do atual funcionamento social dominante é a tentativa de neutralização da “responsabilidade pelo Outro”, condição *sine qua non* da habilidade de convivência social sadia e amadurecida.

Bauman, leitor de Freud, em seu livro “Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos” (2003), escreve sobre o sentimento de ambivalência, presente nos relacionamentos afetivos contemporâneos, nos quais, embora haja um desejo de estabelecimento de vínculos duradouros, uma insegurança constante, faz com que as pessoas tendam a estabelecer vínculos superficiais e transitórios.

⁸ Grifos da pesquisadora.

⁹ Grifos da pesquisadora.

O principal herói deste livro é o relacionamento humano. Seus personagens centrais são homens e mulheres, nossos contemporâneos, **desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição**, desesperados por “relacionar-se”. E no entanto, desconfiados da condição de “estar ligado”, em particular de estar ligado “permanentemente”, para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar, e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para – sim, seu palpite está certo – relacionar-se... **Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas**¹⁰. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam – embora em diferentes níveis de consciência (p. 8).

Em tempos líquidos, quando há uma verdadeira repulsa à frustração e quando a felicidade tem que ser alcançada a qualquer custo, relacionar-se passou a ser um dos maiores desafios, um jogo de risco. No entanto, como em todos os outros aspectos da vida líquido-moderna, já é possível consumir vínculos afetivos sem enfrentar tantos riscos: relacionar-se virtualmente parece ser a solução contemporânea para o dilema da convivência humana.

O amor, produto cobiçado e ao mesmo tempo temido, inflaciona o mercado das relações líquido-modernas, que cria novas formas de colocar os seres humanos em contato, o que não significa que estas ferramentas sejam em si prejudiciais ao contato, ou que toda relação mediada por computador seja superficial. Elas foram criadas justamente para encurtar as distâncias entre as pessoas e possibilitar contatos. No entanto, é um fato que os relacionamentos face a face geram maior ansiedade que os relacionamentos virtuais, o que aponta vantagens para este último, já que o temor da exclusão ou da rejeição são elementos constantes nos relacionamentos amorosos:

¹⁰ Grifos da pesquisadora.

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. Sem humildade e coragem, não há amor. Essas duas qualidades são exigidas, em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não-mapeada. E é a esse território que o amor conduz ao se instalar entre dois ou mais seres humanos (Bauman, 2003, p. 21-22).

O amor assim como os seres humanos, uma vez objetificados e transformados em mercadorias de consumo, perdem sua essência e fascínio. Amor implica em reconhecer a presença de um outro, como ele é, diferente e separado de nós, ou seja, trata-se de uma relação que envolve pelo menos duas pessoas totais.

A descrição da vida líquido-moderna oferece aos estudiosos e admiradores da obra de Winnicott e das teorias psicanalíticas sobre a importância do desenvolvimento emocional primitivo, intensa preocupação. Do ponto de vista desta pesquisadora, a visão de Bauman sobre a sociedade contemporânea é bastante realista e traz questionamentos e alertas importantes, que podem contribuir muito para as pesquisas na área da Psicologia e Psicanálise. Winnicott e Bauman, os dois interlocutores principais com os quais este trabalho dialogará, cada um dentro de sua especificidade profissional, oferecem importantes contribuições para quem busca compreender o sofrimento psíquico na sociedade contemporânea, e voltando o olhar especificamente para o tema que será discutido mais profundamente nesta tese de doutorado, sobre o sofrimento por não se sentir vivo e real.

A partir da discussão feita por Bauman, no capítulo seguinte, passar-se-á para uma visão mais aprofundada do sujeito que vive nesta sociedade e as consequências da influência deste funcionamento social predominante sobre seu desenvolvimento emocional, uma vez que, na obra de Winnicott, o ambiente assume um papel fundamental e decisivo para o desenvolvimento individual.

Tédio

Biquini Cavacão (1985)

Composição: Sheik / Miguel / Álvaro / Bruno

Alô!
Sabe esses dias
Em que horas dizem nada
E você nem troca o pijama
Preferia estar na cama
Um dia, a monotonia
Tomou conta de mim
É o tédio
Cortando os meus programas
Esperando o meu fim...
Sentado no meu quarto
O tempo vóa
Lá fora a vida passa
E eu aqui à tóa
Eu já tentei de tudo
Mas não tenho remédio
Prá livrar-me desse tédio...
Vejo o programa
Que não me satisfaz
Leio o jornal que é de ontem
Pois prá mim, tanto faz
Já tive esse problema
Sei que o tédio
É sempre assim
Se tudo piorar
Não sei do que sou capaz...
Tédio!
Não tenho um programa
Tédio!
Esse é o meu drama!
O que corrói é o tédio
Um dia eu fico cego
E me atiro deste prédio...

2. A TEORIA WINNICOTTIANA DO SOFRIMENTO HUMANO E A IMPOSSIBILIDADE DE SE SENTIR VIVO E REAL

Neste capítulo, pretende-se apresentar as ideias fundamentais da teoria de Donald W. Winnicott sobre o sofrimento por não se sentir vivo e real, sofrimento este, percebido através de sua vasta experiência clínica enquanto pediatra e psicanalista, no atendimento psicanalítico de crianças, adolescentes e adultos que apresentavam diferentes diagnósticos psiquiátricos. Este estudioso dedicou vários artigos de sua ampla obra para abordar o tema da psicopatologia, nos quais faz um contraponto entre os quadros francamente psicóticos, os quadros neuróticos e os pacientes que, apesar de possuírem uma boa adaptação social e, muitas vezes, um intelecto privilegiado, não sentiam sua existência como verdadeira; não se sentiam protagonistas de suas histórias e, tampouco, merecedores de suas conquistas. Era comum, em sua clínica, ouvir destes pacientes relatos de sensações de vazio, de vivências de futilidade e de irrealidade. Portanto, esta tese de doutorado buscará discutir detalhadamente a visão de psicopatologia apresentada na obra de Winnicott, com o indispensável auxílio de artigos de pesquisadores contemporâneos, que estudam o tema referente às manifestações do falso *self* em indivíduos com diferentes graus de comprometimento emocional.

Neste trabalho, a psicopatologia psicanalítica de inspiração winnicottiana será concebida como teoria do sofrimento humano (Vaisberg, 2002)¹¹, visto que está sendo adotado pela pesquisadora um olhar ampliado sobre o tema, que não irá assumir como referência principal as definições diagnósticas clássicas encontradas nos manuais de classificação psiquiátrica mais utilizados na área de saúde.

¹¹ Artigo publicado em 2002, mas também disponível no livro publicado em 2004 intitulado: “Ser e Fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana”.

Tânia Aiello Vaisberg¹² (2006) em seu artigo “O ser e o fazer na clínica ampliada e a radicalidade psicopatológica do pensamento de D. W. Winnicott” apresenta um resumo importante dos conceitos que serão discutidos no decorrer deste capítulo sobre a forma como o autor compreende as diferentes possibilidades diagnósticas abordadas ao longo de seus escritos.

A psicose é vista como produto de falha ambiental, a tendência anti-social como sinal de esperança e a neurose como vicissitude da dramática vincular vigente entre pessoas totais, vale dizer, que atingiram importante grau de amadurecimento emocional (Vaisberg, 2006, p.114).

Winnicott dá especial atenção, em sua obra, a estas três categorias diagnósticas provenientes da psicopatologia clássica, emprestando a elas seu ponto de vista sobre as origens nosológicas de cada uma destas formas de problemáticas emocionais. Este trabalho se deterá mais no estudo dos quadros psicóticos que podem ser concebidos de forma semelhante à visão da psicopatologia clássica, sendo facilmente diagnosticados por psiquiatras e profissionais de saúde com experiência na área. No entanto, a psicose ou sua sintomatologia fundamental também podem estar presentes de forma mascarada em indivíduos que a psiquiatria clássica enquadraria em outros diagnósticos; quadros clínicos que, do ponto de vista da psicopatologia psicanalítica de inspiração winnicottina, estariam encobrendo, por trás de uma aparente normalidade e de uma boa adaptação social, angústias psicóticas provenientes de experiências de falhas ambientais ocorridas no início da vida do indivíduo, que

¹²Professora Livre Docente pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, orientadora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Coordenadora da “Ser e Fazer”: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação, do Laboratório de Psicologia Clínica Social da PUC-Campinas e Presidente da NEW Núcleo de Estudos Winnicottianos de São Paulo.

interromperam de forma significativa o processo de desenvolvimento maturacional dos mesmos.

A neurose – uma vez compreendida como patologia que implica um grau de amadurecimento que permite ao sujeito ter alcançado a condição de pessoa total, e conseqüentemente, o estabelecimento de relações sociais e afetivas, nas quais os outros seres humanos também são percebidos como pessoas totais – representa uma forma de adoecimento típica das relações triangulares, decorrentes de uma satisfatória ou boa elaboração do complexo de Édipo:

O termo psicose significa para os analistas que o paciente como criança atingiu um certo estágio de desenvolvimento emocional e que, tendo sido atingidos a primazia da genitalidade e os estágios do complexo de Édipo, certas defesas contra a ansiedade de castração foram organizadas. Essas defesas constituem a doença neurótica, e o grau de doença se reflete no grau de rigidez delas... Os vários tipos de doença neurótica são melhor reunidos em tipos de defesa, a principal sendo a repressão. A psicologia da neurose leva o estudante imediatamente ao inconsciente reprimido e à vida instintiva do indivíduo. A vida instintiva deve ser considerada tanto em termos de funções corporais como da elaboração, em fantasia, dessas funções... Ao usar o termo psicose está implícito que a personalidade do indivíduo está intacta, ou, em termos de desenvolvimento, que a personalidade foi construída e mantida e que a capacidade para relações objetivas está intacta (Winnicott, 1959-1964, p.119)¹³.

Por outro lado, a tendência antissocial, é concebida como sinal de esperança, pois, apesar de, também como ocorre com os quadros psicóticos, serem decorrentes de falhas ambientais, estas ocorreram em um período de maior amadurecimento egóico – em uma etapa de dependência relativa –, se comparada às falhas mais precoces que resultam na doença psicótica. A esperança surge em função do fato de que o indivíduo ter recebido anteriormente um bom cuidado do ambiente em algum momento de sua vida e busca, através

¹³ Artigo intitulado: “Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?”, disponível no livro “O ambiente e os processos de maturação” (Winnicott, 1983).

do comportamento antissocial, que o ambiente vá novamente ao encontro de suas necessidades de cuidado, que envolvem proteção e limite adequados.

Um rapaz ou uma moça anti-social é uma criança privada de algo. A criança privada de algo é uma criança que teve algo suficientemente bom, e depois, não mais o teve, o que quer que seja, tendo havido então suficiente crescimento e organização do indivíduo na ocasião da privação para essas privações serem percebidas como traumáticas (Winnicott, 1959-1964, p.123).

Ao longo da obra de Winnicott, durante o estudo de seu pensamento sobre os processos psicopatológicos, ou de sua teoria sobre o sofrimento humano, é possível identificar dois posicionamentos diversos (Vaisberg, 2005)¹⁴.

De um lado, assume a tradicional divisão tripartite, adotada pela imensa maioria dos autores psicanalíticos, que separa as neuroses e as psicoses por uma larga faixa intermediária, que conteria todas as demais formas pelas quais o sofrimento emocional se apresenta. Sua postura é aparentemente conservadora, principalmente porque repete muitas vezes que o essencial acerca da neurose está absolutamente bem estabelecido por Freud. Entretanto, em outros momentos, chega a fazer observações surpreendentes, afirmando, por exemplo, não existirem mais “neuróticos disponíveis” para atendimento psicanalítico (Winnicott, 1963). Por outro lado, uma segunda posição psicopatológica, claramente relacionada aos conceitos de falso e verdadeiro self, aparece em muitos textos, conferindo inteligibilidade a passagens teóricas e clínicas que, de outro modo, seriam pouco compreensíveis. Aí distingue dois tipos de pacientes: aqueles que desejam obter mais auto-conhecimento e aqueles que querem “sentir-se vivos e reais”. Deste modo, concebe como possibilidades à loucura, a normalidade, que seria submissa e dissociada, e a sanidade como posição de autenticidade pessoal. Nesta linha **há espaço para pensar o enlouquecimento como possibilidade de resgate do autêntico**, sem negar, evidentemente, o sofrimento e o terror de que tal experiência se reveste, **enquanto a normalidade dissociada é pensada como condição temível**¹⁵, uma vez que “somos pobres se somos apenas sãos (Winnicott, 1945)” (Vaisberg, 2005, p.145).

A opção por utilizar essa citação longa, se deve à sua importância para o desencadeamento das ideias aqui apresentadas. Mais uma vez, Vaisberg

¹⁴Artigo intitulado “Transicionalidade e cultura: a grupalidade na clínica winnicottiana”, disponível no livro “Psicanálise, Grupalidade e Cultura”, organizado por Antonios Terzis (2005).

¹⁵ Grifos da pesquisadora.

expressa de forma bastante objetiva e consistente as questões que aqui serão desenvolvidas, o que torna possível contextualizar os leitores pouco habituados com os conceitos winnicottianos, sobre a teoria deste autor e, também, propiciar reflexões aos profissionais mais experientes.

A visão tradicional que separa a neurose da psicose¹⁶ e, portanto, os conceitos de saúde e doença, loucura e sanidade, em estruturas diversas, não se confirmam nas concepções de psicanalistas como Winnicott e Bion¹⁷. Para esses pensadores, saúde e doença mental são separadas por uma linha tênue, tendo como bases para o adoecimento psíquico, as relações de cuidado recebidas no início da vida do recém-nascido, na medida em que, as experiências vivenciadas, principalmente durante o primeiro ano de vida da criança, adquirem especial importância para que sejam estabelecidas as bases emocionais para uma vida saudável.

Por sua vez, a distinção entre os pacientes que buscam tratamento psicanalítico por desejarem adquirir mais autoconhecimento e os pacientes que desejam se sentir vivos e reais é explicada por Winnicott, em seu artigo “O conceito de saúde a partir da teoria dos instintos”¹⁸ (1954):

O psiconeurótico funciona, aparentemente, a partir da consciência, sentindo-se pouco à vontade com o que se encontra fora do alcance da mesma. O desejo de conhecer a si próprio parece ser uma característica do psiconeurótico. Para estas pessoas, a análise traz um aumento da autoconsciência, e uma tolerância maior para com o que é desconhecido. Já os pacientes psicóticos (e as pessoas normais de tipo psicótico), ao contrário, pouco se interessam por ganhar maior autoconsciência, preferindo viver os sentimentos e as experiências místicas, e suspeitando do autoconhecimento intelectual ou mesmo desprezando-o. Estes pacientes não esperam que a análise os torne

¹⁶ Visão hegemônica na psicanálise, utilizada, por exemplo, pelas escolas freudianas e lacanianas.

¹⁷ Neste trabalho não será discutida a concepção bioniana sobre a psicose, por ela se fundamentar em pressupostos epistemológicos diferentes dos que aqui serão apresentados, mas o leitor interessado pode buscar nos artigos publicados por ele, nas décadas de cinquenta e sessenta, maiores informações.

¹⁸ Este artigo pode ser encontrado no livro “Natureza Humana” (Winnicott, 1988).

mais conscientes, mas aos poucos eles podem vir a ter esperanças de que lhes seja possível sentir-se reais (p.78-79).

Outro aspecto importante relaciona-se ao conceito de falso e verdadeiro *self*, pois Winnicott desenvolve, a partir deste conceito, uma nova possibilidade nosológica: a normalidade submissa e dissociada, assim como, por outro lado, diferencia os conceitos de normalidade e de sanidade, apresentando o conceito da sanidade compreendida como posição de autenticidade pessoal. Devido ao fato dele ser um profundo apreciador do uso de paradoxos, afirma que o enlouquecimento seria um caminho mais construtivo e saudável – um claro pedido de ajuda –, uma busca de resgate da autenticidade perdida, durante a interrupção do processo maturacional. Enquanto isso, a normalidade submissa e dissociada, se constitui numa fonte de preocupações e de sofrimento desatrelado de esperança, caso o pedido de ajuda não seja captado, em razão do sintoma mascarar o sofrimento, que fica encoberto atrás de uma aparente normalidade e de uma boa adaptação social.

O conceito de psicose é compreendido como fruto de uma privação grave ou de sucessivos momentos de privações.

Quando ocorre ansiedade de aniquilamento, e não ansiedade de castração, como um aspecto importante, então globalmente o psicanalista considerará que o diagnóstico do paciente não é de neurose mas de psicose. Em certa extensão, uma questão de se a ameaça é em termos de parte do objeto ou do objeto todo (Winnicott, 1959-1964, p.119).

No mesmo artigo citado acima, o autor explica a diferença dos dois tipos de pacientes psicóticos atendidos em sua clínica. No primeiro subtipo, dos pacientes com sintomatologia francamente psicótica, não foi possível

desenvolver, em sua primeira infância, a capacidade de estabelecimento de relações duais satisfatórias, de forma a permitir uma diferenciação clara do outro como objeto externo ou não-eu. Por sua vez, no caso do segundo subtipo de paciente, o sujeito já consegue utilizar recursos cognitivos para diferenciar mundo interno de mundo externo, mas há dificuldades de sustentar a tensão emocional quando se depara com pressões relativas ao estabelecimento de relações objetais duais significativas e, principalmente, relações triangulares. Este último subtipo, quase não se pode diferenciar da neurose, dadas às semelhanças entre as formas de enfrentamento do sofrimento.

Em alguns casos de psicose clínica, o que verificamos representa um *colapso das defesas*; novas defesas têm que ser erigidas de um tipo ainda mais primitivo, mas o quadro clínico é dominado pelo colapso das defesas, de qualquer modo temporariamente; isso é o que usualmente queremos dizer com colapso nervoso; as defesas se tornam insatisfatórias, e o paciente tem que ser cuidado enquanto novas defesas estão sendo organizadas (Winnicott, 1959-1964, p.120).

Alucinação e delírio, sintomas fundamentais do quadro psicótico clássico, ocorrem quando a realidade externa permanece como um fenômeno subjetivo para o indivíduo (Winnicott, 1971a):

É possível a uma pessoa esquizóide ou esquizofrênica levar uma vida satisfatória e mesmo realizar um trabalho de valor excepcional. Pode ser doente, do ponto de vista psiquiátrico, devido a um sentido debilitado de realidade. Como a equilibrar isso, pode-se afirmar que existem pessoas tão firmemente ancoradas na realidade objetivamente percebida que estão doentes no sentido oposto, dada a sua perda de contato com o mundo subjetivo e com a abordagem criativa dos fatos (Winnicott, 1971a, p.97).

Em seu artigo “Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro *self*”¹⁹ (Winnicott, 1960), o autor define o que entende como falso e verdadeiro *self*. Aqui será feita uma descrição que parte do funcionamento do falso *self* no indivíduo normal e que vai adquirindo um caráter mais patológico gradativamente. Há um nível de funcionamento do falso *self* nos indivíduos sãos que representa a “atitude social polida e amável”, uma vez que acredita que a conquista de um lugar na sociedade não se efetiva, sem o auxílio do mesmo, que implica na renúncia à onipotência e aos mecanismos característicos do processo primário. Um segundo ponto relevante refere-se ao fato de ser organizado a partir de identificações com pessoas ou experiências de seu ambiente real da infância. Outro papel, muito importante constitui um paradoxo em si mesmo, pois o falso *self* não medirá esforços para realizar a proteção do *self* verdadeiro.

Mais para o lado da normalidade: O falso *self* tem como interesse principal a procura de condições que tornem possível ao *self* verdadeiro emergir. Se essas condições não podem ser encontradas, então novas defesas têm de ser reorganizadas contra a expoliação do *self* verdadeiro, e se houver dúvida o resultado clínico pode ser o suicídio. Suicídio neste contexto é a destruição do *self* total para evitar o aniquilamento do *self* verdadeiro. Quando o suicídio é a única defesa que resta contra a traição do *self* verdadeiro, então se torna tarefa do falso *self* organizar o suicídio (Winnicott, 1960, p.131).

O papel protetor exercido de forma radical pelo falso *self* é uma forma original, encontrada por Winnicott para compreender o processo que levou alguns de seus pacientes ao suicídio e, como ele mesmo afirmou, se pudesse tê-lo percebido antes, talvez algumas vidas pudessem ter sido preservadas. Trata-se de uma situação extrema, intensamente grave, uma forma de sofrimento realmente radical, lembrando o título deste trabalho, mas que, curiosamente, não

¹⁹ Este artigo encontra-se disponível no livro “O ambiente e os processos de maturação”, publicado em 1979.

é descrito como uma das funções mais extremas do falso *self*, encontra-se listado entre as funções “mais para o lado da normalidade”, mesmo que isto surpreenda o leitor. E enfatiza, novamente, que o conceito de normalidade do autor, realmente está bem distante do uso cotidiano do termo.

Esta função do falso *self*, denominada de suicídio paradoxal (Vaisberg, 2007) faz lembrar um tipo de falso *self* exterminador, programado para se autodestruir em caso de ameaça à violação do verdadeiro *self*. Pode ser relacionado com a função do famoso papel interpretado pelo ator Arnold Schwarzenegger nos filmes “Exterminador do Futuro II e III”, nos quais o ator incorpora o personagem do andróide exterminador que faz a função de proteger John Connor, líder da resistência humana contra a invasão das máquinas, que corre o risco de ter sua linhagem dizimada e de ser morto pelo andróide representante do mal (supremacia das máquinas), programado para matá-lo a qualquer custo. Este trecho talvez ilustre a condição que gostaria de descrever, pois o falso *self* parece programado para se autodestruir caso a “normalidade aparente” ameace a existência verdadeira do sujeito. Os filmes de ficção científica ilustram bem este aspecto e, por meio dessa ilustração, espera-se conseguir tornar claro o ponto de vista defendido aqui, para que este trecho não se torne bizarro e mal compreendido. No filme, os andróides (autômatos de forma humana) produzidos a partir de alta tecnologia, assumem qualquer forma, por exemplo, a aparência fielmente reproduzida de qualquer pessoa que toquem. No entanto, ao assumir a forma de um ser humano, copiando-o, na grande maioria dos casos, isto representa que este ser humano, até então, único, perdeu a vida em contato com o exterminador. E este acontecer ficcional faz lembrar as funções mais extremas do falso *self*, incluindo a possibilidade de ser programado para se

autodestruir, caso sua essência viva, o *self* verdadeiro, esteja em risco. Na medida em que tem como função assumir formas socialmente aceitas, através do processo de identificações, ao copiar comportamentos e a aparência de outras pessoas, como fazia o exterminador maligno, isto constitui-se, ao mesmo tempo, como sua salvação e sua perdição, justamente porque, quanto mais se utiliza deste recurso, mais corre o risco de se afastar de sua essência, entretanto, este parece ser o único caminho possível para a sobrevivência social.

No artigo “Desenvolvimento Emocional Primitivo” (Winnicott, 1945)²⁰, há um trecho em que descreve exemplos clínicos e, em um deles, é possível concluir que na psicose, em função de ocorrer um distúrbio que dificulta ao indivíduo, a localização do eu no próprio corpo, consequência do processo de despersonalização, é comum que o indivíduo vivencie experiências nas quais se sente como uma máquina. E, de certa forma, é aconselhável entender esta possibilidade em seu sentido literal. Os profissionais com experiência em serviços psiquiátricos destinados a tratar quadros psicóticos se deparam, muitas vezes, com pacientes que sofrem exatamente por se perceberem como máquinas. Em alguns casos, ocorre, inclusive, a ingestão de parafusos, lubrificantes, óleos e similares, como uma busca desesperada por realizar a manutenção do corpo, uma vez que o corpo-máquina é percebido como necessitando de cuidados.

Outro trecho relevante para ressaltar a importância e a obstinação que o falso *self* deve assumir na função de proteção do *self* verdadeiro, encontra-se no artigo “Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos” (Winnicott, 1963a)²¹:

²⁰ Este texto encontra-se no livro “Da pediatria à psicanálise” (Winnicott, 1958).

²¹ Este artigo encontra-se no livro “O ambiente e os processos de maturação” (Winnicott, 1979).

No centro de cada pessoa há um elemento não-comunicável, e isto é sagrado e merece muito ser preservado. Ignorando por um momento as experiências ainda precoces e perturbadoras da falha da mãe-ambiente, eu diria que as experiências traumáticas que levam à organização das defesas primitivas fazem parte da ameaça ao núcleo isolado, da ameaça dele ser encontrado, alterado e de se comunicar com ele. A defesa consiste no ocultamento ulterior do *self*, mesmo no extremo de suas projeções e de sua disseminação infundável. Estupro, ser devorado por canibais, isso são bagatelas comparados com a violação do núcleo do *self*, alteração dos elementos centrais do *self* pela comunicação varando as defesas. Para mim isto seria um pecado contra o *self*. Podemos compreender a raiva que as pessoas têm da psicanálise que penetrou um longo trecho personalidade humana adentro, e que provê uma ameaça ao ser humano em sua necessidade de ser secretamente isolado (p. 170).

Este trecho é enfático ao defender a necessidade de proteger, palavra utilizada, do ponto de vista desta pesquisadora, como sinônimo de manter literalmente vivo o *self* verdadeiro, apesar disto implicar certo tipo de anonimato, ao mesmo tempo, respeitando o direito de manter preservada a essência não comunicável, mas que pode ser percebida como verdadeira, quando é aberto espaço para o existir autêntico.

Esta discussão abre espaço, para que as funções mais extremas do falso *self* possam ser apresentadas, lembrando que o verdadeiro *self* é compreendido como a parte central e controlada pelos instintos, e o falso *self*, por sua vez, como a parte do *self* orientada para o mundo externo (Winnicott, 1960):

1. Em um extremo: o falso *self* se implanta como real e é isso que os observadores tendem a pensar que é a pessoa real. Nos relacionamentos de convivência, de trabalho e amizade, contudo, o falso *self* começa a falhar. Em situações em que o que se espera é uma pessoa integral, o falso *self* tem algumas carências essenciais. Neste extremo o *self* verdadeiro permanece oculto. 2. Menos extremo: o falso *self* defende o *self* verdadeiro; o *self* verdadeiro contudo, é percebido como potencial e é permitido a ele ter uma vida secreta. Aqui se tem o mais claro exemplo de doença clínica como uma organização com uma finalidade positiva, a preservação do indivíduo a despeito de condições ambientais anormais. Esta é uma extensão do conceito psicanalítico do valor dos sintomas para a pessoa doente (Winnicott, 1960, p.130-131).

As duas primeiras funções do falso *self* podem ser compreendidas como presentes em indivíduos normais, atribuindo à normalidade o sentido de sanidade, o que já não ocorre nas três últimas funções descritas. Apresenta-se, aqui, a discordância desta pesquisadora em relação ao ponto de vista de Winnicott, que classifica como “mais para a normalidade” a função relativa à possibilidade do falso *self* organizar o suicídio do indivíduo, como forma de proteção do verdadeiro *self*. Mesmo que esteja subentendido que viver de forma dissociada, sem que seja dada ao sujeito a possibilidade de se sentir vivo e real, constitui uma forma cruel de condenação do indivíduo a uma morte em vida; o fato de estar vivo é uma forma de oferecer ao ambiente, através de diversas formas de pedido de ajuda, oportunidade de reparação. Entendem-se as três últimas concepções apresentadas como formas de adoecimento, mas considera-se que, a concepção apresentada na citação acima denominada de “mais extrema” bem como a alternativa do suicídio – como último recurso – as duas formas mais radicais de sofrimento, uma vez que, o adoecimento descrito no item de número dois da citação descreve o sintoma como positivo, permitindo um certo grau de vida ao verdadeiro *self*.

Torna-se importante, também, assumir uma especial atenção para os casos em que ocorre uma dupla anormalidade: o falso *self* funcionando plenamente em seu grau mais extremo, conforme discutido anteriormente, associado à presença de uma capacidade intelectual privilegiada.

Um risco particular se origina da não rara ligação entre abordagem intelectual e falso *self*. Quando um falso *self* se torna organizado em um indivíduo que tem um grande potencial intelectual, há uma forte tendência para a mente se tornar o lugar do falso *self*, e neste caso se desenvolve uma dissociação entre a atividade intelectual e a existência psicossomática. (No indivíduo sadio, presume-se, a mente não é para o

indivíduo algo para ser usado para escapar do ser psicossomático). (Winnicott, 1960, p.132).

Esta associação é potencialmente perigosa, pois neste caso o potencial intelectual mascara de forma mais enfática o sofrimento de irrealidade e de vazio; de certa forma, a necessidade de tornar público o sofrimento, ou seja, de pedir ajuda, se dá fracassando nas realizações concretas da vida, o que surpreende as pessoas próximas ao indivíduo que consideravam seu sucesso como certo, uma vez que focavam a atenção na sua habilidade intelectual e acabam por negligenciar os avisos, bem mais sutis, de expressão de sofrimento.

No estágio inicial o *self* verdadeiro é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a idéia pessoal. O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação. Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e se sentir real. Enquanto o *self* verdadeiro é sentido como real, a existência do falso *self* resulta em uma sensação de irrealidade e em um sentimento de futilidade. O falso *self*, se bem sucedido em sua função, oculta o *self* verdadeiro ou então descobre um jeito de possibilitar ao *self* verdadeiro começar a existir. Tal resultado pode ser atingido de várias maneiras, mas observamos mais de perto aquelas circunstâncias em que a sensação das coisas serem reais ou equivalentes a isso aparecem durante o tratamento. O paciente a cujo caso me referi chegou, próximo do final de uma longa análise, ao *início de sua vida*. Não carrega nenhuma experiência verdadeira, não tem passado. Começa com cinquenta anos de vida desperdiçada, mas ao final se sente real, e por isso agora quer viver (Winnicott, 1960, p.135).

A obra de Bauman, apresentada em linhas gerais, no capítulo anterior, assim como o livro de Júlio de Mello Filho “Vivendo num país de falsos-self” (2003), bem como a experiência das pesquisas psicanalíticas sobre enquadres clínicos diferenciados e sobre representações sociais (Vaisberg, 2004) apontam que esta forma de sofrimento emocional é muito mais comum do que se imagina e tende a agravar-se no ambiente líquido-moderno:

Trabalhando com pacientes em psicanálise individual e de grupos, chamou-me a atenção alguns pacientes que não apresentavam muitos sintomas, que tinham conflitos em suas vidas mas que desconheciam estes, que faziam relações afetivas superficiais e se voltavam muito mais para uma realização no trabalho, plena de ambições. Eram pessoas hiperadaptadas à realidade, pragmáticas e com um bom desenvolvimento intelectual. Seus ideais de vida eram frágeis, sua saúde mental e física equilibrada mas, por vezes, ao longo de suas análises, quando esta estrutura pseudo-normal começava a ruir, desenvolviam somatizações (Mello Filho, 2003, p.23).

Mello Filho enfatiza, entre outros aspectos, a questão da hiperadaptação dos indivíduos que sofrem desta problemática às regras e rotinas sociais, sendo um dos recursos bastante utilizados uma dedicação fiel ao trabalho, muitas vezes, sacrificando o viver, pois é comum, na sociedade contemporânea, encontrar pessoas que dedicam à atividade profissional e ao tempo de deslocamento de suas casas até seus locais de trabalho, mais de doze horas diárias. Em função disto, é bastante rotineiro ouvir dos pacientes em análise ou em processos psicoterápicos, queixas de que se sentem consumidos pelo trabalho, de não terem mais tempo e ânimo para realizar qualquer outra atividade – lazer, hobbies, atividades esportivas, telefonar para amigos e familiares, sair com amigos, namorar, passar um tempo agradável com os filhos, esposas, maridos e outros familiares. O problema é amplo, na medida em que as empresas exigem cada vez maior dedicação de seus funcionários, por outro lado, muitas pessoas se deixam consumir pelo trabalho, justamente para não ter tempo livre para este tipo de atividade. Tempo livre, muitas vezes, é sinônimo de vazio, em função disso, o melhor é manter-se ocupado. Esta problemática dificulta ainda mais o viver criativo, justificando o aumento de queixas de vivências de irrealidade e de sentimentos de futilidade, o que Vaisberg (2006) conceitua como o viver dissociado:

Tenho estado muito interessada em pensar na radicalidade psicanalítica existente na própria tessitura do pensar de Winnicott sobre o sofrimento humano. Se considerarmos nuclear poder se sentir vivo e real – o que, em termos humanos, remete-nos necessariamente ao plano do ato que não é *acting-out* mas gestualidade genuína – o sofrimento básico é a dissociação, o afastamento de si mesmo. Tudo o que for vivido em estado dissociado – do trabalho bem sucedido à sexualidade competentemente orgástica – é pathos. Claro está que toda a psicopatologia, aí incluídas algumas magistrais formulações freudianas, fica a pedir revisitação se se assume que a dissociação é o sofrimento fundamental... (Vaisberg, 2006, p115)

Se a dissociação é o sofrimento básico, como se dá este processo? Esta pergunta nos remete, necessariamente, às relações do recém-nascido com sua mãe ou pessoa que exerce, na ausência concreta da mãe, os cuidados com o bebê.

A etiologia da esquizofrenia nos leva de volta não ao complexo de Édipo (que nunca foi adequadamente ou totalmente atingido), mas ao relacionamento a duas pessoas, à relação do lactente com a mãe antes que o pai ou qualquer pessoa entre em cena. De fato, chegamos à vida do lactente relativa a objetos parciais, e ao lactente que é dependente mas incapaz de reconhecer essa dependência (Winnicott, 1963, p. 211).

É importante ressaltar que nem toda dissociação produz um quadro de esquizofrenia, como já foi apontado anteriormente, mas ela constitui a forma mais grave de expressão desta problemática, que é encontrada nas “pessoas normais de tipo psicótico” em diferentes graus, dependendo do momento evolutivo no qual a dissociação foi produzida.

Winnicott (1963) nos remete à fase de dependência absoluta do bebê e ao “impulso no sentido da integração” e na busca da continuidade de ser (*going on being*), processo que se inicia ao nascer, quando o bebê ainda não se percebe como uma unidade, e o fato de ser cuidado de forma suficientemente boa pela mãe, lhe permite conquistar, a sensação de que existe a partir de seu próprio

ponto de vista, o que exige um grau de amadurecimento bastante grande e constitui uma boa condição de saúde mental:

As pesquisas clínicas de Winnicott, realizadas pela via do atendimento de adultos e crianças, inclusive muito pequenas, forneceram-lhe percepções a partir das quais pôde propor uma teoria explicativa. Postula, assim, que, a partir do nascimento, a criança vive uma experiência de *going on being*, vale dizer, de continuidade de ser no tempo, que se mantém tanto por meio de uma sustentação não-invasiva, durante estados calmos, como pela apresentação oportuna do seio, durante estados excitados, que possibilitará uma vivência onipotente de criação. Fica, pois evidente, quão fundamental é a presença de um cuidador maternal nos processos de constituição da personalidade humana. Assim, as formulações winnicottianas tanto introduzem a dimensão existencial no campo psicanalítico, como são capazes de articulá-la de modo essencial à presença humana, que sustenta aquilo que existe na base do sentir-se vivo, real e capaz de gestualidade autêntica: o *going on being* (Vaisbeg, 2006, p.116).

Definem-se como os três processos básicos do desenvolvimento emocional primitivo (Winnicott, 1945): integração, personalização e realização, no entanto, esta terminologia foi modificada em seus artigos de 1962²² e 1963²³ para integração, personalização e relações objetais. Entende-se que o termo realização foi incorporado ao conceito de integração, pois em ambos ocorre uma descrição de um processo de apreciação e integração no tempo e no espaço, assim como de outros aspectos da realidade. A realização implica uma “tomada de consciência de que a coisa ou fenômeno em questão não é produto da imaginação do sujeito²⁴” (Winnicott, 1945, p.223).

A integração relaciona-se com o cuidado (*holding*) oferecido ao lactente pelo ambiente e constitui a principal tendência em direção à maturação, em um processo de desenvolvimento em marcha (Winnicott, 1962). Trata-se de uma

²² “A integração do ego no desenvolvimento da criança” disponível no livro “O ambiente e os processos de maturação” (Winnicott, 1979).

²³ “Distúrbios psiquiátricos e processos de maturação infantil” também disponível no livro “O ambiente e os processos de maturação” (Winnicott, 1979).

²⁴ Nota de rodapé escrita pelo tradutor da obra.

combinação dos cuidados concretos exercidos pelo ambiente com “agudas experiências instintivas que tendem a aglutinar a personalidade a partir de dentro” (Winnicott, 1945, p.224). Depende, também, diretamente da capacidade do ambiente de fornecer à criança a sensação de segurança.

O *holding*, por sua vez, é um dos principais conceitos da teoria e da técnica clínica de Winnicott e relaciona-se à preocupação materna primária, que constitui um estado quase patológico da mãe, que durante a gravidez a prepara para receber o filho e, no final do período gestacional, faz com que a atenção da mãe se volte toda para o novo ser que está para chegar. Esta condição especial torna a mãe devotada comum, a pessoa mais indicada para entender as necessidades de seu bebê e para ser bem sucedida na função de *holding*; uma vez que nesta etapa, assim como nos meses seguintes ao nascimento, bebê e mãe passarão a funcionar como um só indivíduo. Este é o efeito emocional correspondente à experiência concreta vivida na gravidez, em que mãe e bebê literalmente constituem dois corpos em um. Conforme o bebê cresce e supera uma demanda absoluta de dependência, adquirindo uma independência gradativa – graças aos avanços de seu desenvolvimento neuropsicomotor –, a mãe pode ir voltando-se novamente para a realidade de sua vida cotidiana, embora continue cuidando de seu bebê, na medida de suas novas demandas (Winnicott, 1956).

O ego do lactente é muito forte, mas apenas por causa do apoio dado ao ego por uma mãe suficientemente boa, que é capaz de jogar todo o seu ser para se adaptar às necessidades de seu bebê, gradativamente recuando dessa posição à medida que o lactente precise que ela se adapte cada vez menos. Sem esse apoio ao ego, o ego do lactente está não-estabelecido, fraco, facilmente perturbado e incapaz de crescer de acordo com as linhas do processo de maturação (Winnicott, 1963, p. 211).

A clínica winnicottina é baseada fundamentalmente no *holding*, enquanto estratégia terapêutica fundamental, transmitindo para as funções terapêuticas, as tarefas de uma mãe suficientemente boa no cuidado com o seu bebê, conforme define Vaisberg (2006):

Muito mais do que manobra interventiva, o holding é concretização da presença, é sustentação do gesto, é sustentação do repouso. Sustentado, o ser humano acontece vivamente e chega inclusive, a saber de si (p.118).

Além do *holding*, mais dois elementos fazem parte da função materna e do cuidado terapêutico (Winnicott, 1967): o manejo (*handling*) e a apresentação de objeto (*object presentation*). Com relação ao conceito de manejo, Granato²⁵ (2006) nos oferece uma definição, fruto de sua significativa experiência clínica com gestantes.

O manejo (*handling*), que envolve toda a sorte de cuidados físicos dispensados ao bebê (amamentar, o toque, a mudança de posição, a carícia, a troca de fraldas, o banho, o embalar), possibilitando a integração psicossomática (Winnicott, 1949, 1954), já que a psique se formaria a partir da elaboração imaginativa das vivências corporais. A manipulação do corpo do bebê, que se dá através do toque que não interrompe o ser em continuidade, traça os contornos do *self* e faz do corpo a morada do eu, propiciando assim a experiência de personalização (p. 34-35).

A personalização relaciona-se com o manejo (*handling*) e implica um processo de integração da experiência psicossomática, ou seja, refere-se ao sentimento de estar dentro do próprio corpo, passando a ser a pele o limite entre

²⁵Dra. Tânia Mara Marques Granato é pesquisadora associada à Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde desenvolve seu Pós-Doutorado, ex-coordenadora do Laboratório Ser e Criar da Universidade de São Paulo (USP).

o eu e o não-eu, lembrando que, no início da vida, o ego do bebê é muito frágil, um ego corporal.

O ego se baseia em um ego corporal, mas só quando tudo vai bem é que a pessoa do bebê começa a ser relacionada com o corpo e suas funções, com a pele como membrana limitante. Usei a palavra "personalização" para descrever esse processo, já que o termo despersonalização parece no fundo significar a perda de uma união firme entre o ego e o corpo, inclusive impulsos e satisfações do id (Winnicott, 1962, p.58).

Falhas em qualquer um dos três processos ocasionam experiências de desintegração, despersonalização e uma dificuldade para o estabelecimento de relações de objeto significativas e duradouras.

A capacidade de estabelecer relações de objeto desenvolve-se em decorrência do trabalho materno de apresentação do mundo em pequenas doses, de forma que o ego da criança seja capaz de descobrir o objeto e quando isso não é possível, tolerá-lo, incorporando os múltiplos estímulos e/ou relacionando-se com eles.

O objeto, sendo no início um fenômeno subjetivo, se torna um objeto percebido objetivamente. Esse processo leva tempo, e meses ou mesmo anos se devem passar antes que as privações e perdas possam ser absorvidas pelo indivíduo sem distorção dos processos essenciais que são básicos para as relações objetais... O lactente experimentando onipotência sob a tutela do ambiente facilitador cria e recria o objeto, e o processo gradativamente se forma dentro dele e adquire um apoio da memória (Winnicott, 1963a, p. 164).

A grande inovação, oferecida à teoria das relações objetais, é a ideia de que o bebê começa a exercitar a sua criatividade, vivenciando experiências de onipotência a partir do manejo sensível da mãe, o que permite o desenvolvimento da experiência da ilusão.

O início das relações objetais é complexo. Não pode ocorrer se o meio não propiciar a apresentação de um objeto, feito de um modo que seja o bebê quem crie o objeto. O padrão é o seguinte: o bebê desenvolve uma expectativa vaga que se origina em uma necessidade não-formulada. A mãe, em se adaptando, apresenta um objeto ou uma manipulação que satisfaz as necessidades do bebê, de modo que o bebê começa a necessitar exatamente o que a mãe apresenta. Deste modo o bebê começa a se sentir confiante em ser capaz de criar objetos e criar o mundo real. A mãe proporciona ao bebê um breve período em que a onipotência é um fato da experiência. Deve-se ressaltar que, ao me referir ao início das relações objetais, não estou me referindo a satisfações e frustrações do id. Refiro-me às pré-condições, tanto internas como externas do bebê, que proporcionam uma experiência do ego de uma amamentação satisfatória (ou uma reação à frustração) (Winnicott, 1963a, p.60-61).

Quando a mãe não é capaz de proporcionar ao bebê a experiência de ilusão, ao invés de acolher o gesto espontâneo do bebê, a mãe o substitui por seu próprio gesto, só restando ao bebê uma alternativa: submeter-se e, nestes casos, dá-se o início da formação do falso *self*. Por outro lado, quando o processo é bem sucedido, o bebê torna-se gradativamente capaz de renunciar à onipotência e vai abrindo espaço para a percepção de objetos reais e para a diferenciação entre o eu e não-eu. Da mesma forma, a percepção do elemento ilusório, possibilita ao bebê brincar, exercitar sua imaginação e simbolizar. Este constitui um sinal de que o *self* verdadeiro adquiriu espontaneidade e há possibilidade de existência pessoal e criativa (Winnicott, 1960 e 1971).

Como consequência de uma adaptação deficiente, a criança passa a ter dificuldades no processo de formação de símbolos e o fato de submeter-se às exigências ambientais condena-a a uma sobrevivência falsa e a relacionar-se fundamentalmente a partir de identificações, copiando a forma de ser predominante no ambiente familiar e cultural (Winnicott, 1960):

Deste modo é possível traçar o ponto de origem do falso *self*, que pode então ser visto como uma defesa, a defesa contra o que seria inimaginável, a exploração do *self* verdadeiro, que resultaria em seu aniquilamento (Winnicott, 1960, p.134).

Toda a criança em seu estágio de dependência absoluta passa por um período de não-integração inicial. Não-integração não é o mesmo que desintegração, que, por sua vez, implica em sucessivas interrupções provocadas por invasões ambientais, ou acolhimentos não suficientemente bons, provocando no bebê vivências de agonias impensáveis. Quando este processo tende a se tornar freqüente, leva a estados de desintegração regressiva, que constituem um fenômeno psiquiátrico e representam um retorno ao estado de não-integração primário (Winnicott, 1945). As agonias impensáveis provocam a interrupção da continuidade existencial, instaurando o processo de fragmentação do ser, o que pode, já muito precocemente, ser responsável pela etiologia dos sintomas de inquietação, hipercinesia, falta de atenção e concentração; fenômenos mais conhecidos atualmente como Transtorno de Déficit de Atenção, que podem se apresentar acompanhados ou não de hiperatividade (Winnicott, 1962). Quando este processo de desenvolvimento é interrompido, surgem patologias, e, muitas vezes, necessita-se de ajuda especializada, no sentido de viver na análise, pela primeira vez, a experiência de ser acolhido em suas necessidades básicas e de ser adequadamente sustentado.

Ser conhecido significa sentir-se integrado ao menos na pessoa do analista. É disso que é feita a vida do bebê, e o bebê que não teve uma única pessoa que lhe juntasse os pedaços começa com desvantagem a sua tarefa de auto-integrar-se, e talvez nunca o consiga, ou talvez não possa manter a integração de maneira confiante (Winnicott, 1962, p. 224).

A falta de cuidados maternos suficientemente bons gera a sintomatologia discutida neste trabalho, em decorrência de desencadarem a interrupção na sensação de continuidade de ser.

As personalidades se tornam “desintegradas”, os pacientes “perdem a capacidade de se inserir em seus corpos” e de aceitar seus limites cutâneos e se tornam “incapazes de se relacionar com objetos”. “Sentem-se irrealis” com relação ao ambiente e “sentem que o ambiente está irreal” (Winnicott, 1963, p. 211).

O fato do bebê vivenciar o estado não-integrado, tem como consequência o surgimento de dissociações. Este é considerado um fenômeno bastante comum, podendo estar presente nas situações mais diversas, como, por exemplo: na não distinção pelo bebê de que é o mesmo bebê em estados excitados e tranquilos (e ser a mesma mãe que o acolhe nos dois estados), pode originar-se também na alternância de estados de sono e vigília. Na infância, podem estar presentes em problemas como o sonambulismo, a incontinência fecal e o estrabismo (Winnicott, 1945).

A dissociação é um mecanismo de defesa extremamente freqüente, e leva a conseqüências surpreendentes. A vida urbana, por exemplo, é uma dissociação, de grande importância para a civilização. Assim também a guerra e a paz (Winnicott, 1945, p. 226).

Em torno dos seis meses de idade, muitos bebês desenvolvem, ao vivenciar a posição depressiva ou fase de concernimento, a diferenciação entre mundo interno e externo e o relacionamento com pessoas totais. É claro que a ansiedade proveniente principalmente do sentimento de ambivalência, característico desta etapa da vida, assim como a percepção dos diferentes estados de humor da mãe podem desencadear processos regressivos (Winnicott, 1963).

A conquista fundamental desta etapa é o desenvolvimento da capacidade de se preocupar, de considerar o outro enquanto pessoa total, a partir do momento em que, também, há condições de alcançar um nível elevado de

amadurecimento, no qual se possibilita existir como pessoa total. A partir da habilidade de perceber as consequências de nossas ações, boas e más, pode-se sentir culpa, e assim, reparar os danos eventualmente causados. E principalmente, é só através da capacidade de se preocupar, que se permite conhecer o verdadeiro sentido da palavra amor (Winnicott, 1954).

Winnicott (1971) deixou como uma marca fundamental de sua obra a importância do brincar e dos processos criativos para a constituição de uma vida saudável, o que pode ter como correspondente, no adulto, uma existência de vida cultural: “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (Winnicott, 1971, p. 80).

Winnicott desenvolveu uma técnica particular para tratar da problemática existencial destes pacientes. Experiências de sucesso no tratamento deste tipo de sofrimento radical, a partir de um manejo sensível e acolhedor, trazem alívio e esperança, além de representarem grande responsabilidade para os profissionais de saúde, no diagnóstico, na elaboração de um projeto de tratamento adequado e no desenvolvimento dos mesmos.

Um primeiro ponto relevante é o fato de que para ele “a psicoterapia é a sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta” (Winnicott, 1971, p.59). Aponta que a dificuldade de brincar é o sintoma ao qual o terapeuta deve voltar-se como prioritário, pois o objetivo de qualquer terapia seria favorecer que o paciente possa alcançar um estado emocional no qual se torna capaz de brincar e de viver criativamente, o que não significa, de forma alguma, passar a ser hiperadaptado socialmente, pois isso, para Winnicott, implica em submissão, ou em outras palavras, em sinais de doença mental e não de saúde.

A forma como concebe o tratamento para pacientes psicóticos ou para pessoas normais de tipo psicótico, encontra-se no artigo “Os objetivos do tratamento psicanalítico” (1962), quando enfatiza que o dispositivo padrão de análise, desenvolvido por Freud, destina-se fundamentalmente para tratamento de quadros neuróticos. Neste artigo, oferece uma forma de análise modificada como alternativa sensível e mais adequada para cuidar deste tipo específico de problemática existencial, pois,

A análise só pela análise para mim não tem sentido. Faço análise porque é do que o paciente necessita. Se o paciente não necessita análise então faço alguma outra coisa. Em análise se pergunta: *quanto* se deve fazer? Em contrapartida, na minha clínica o lema é: quão pouco é necessário ser feito? (p.152).

Winnicott (1962) apresentou cinco situações clínicas nas quais optaria por uma análise modificada. A primeira é quando o medo do colapso (1963b) domina o quadro clínico. A segunda refere-se justamente à presença de um falso *self* associado a um bom nível intelectual. A terceira condição aponta a presença de uma tendência anti-social, decorrente de privações. O quarto elemento que indica uma análise modificada diz respeito a uma ausência de vida cultural; e, para concluir, o último item relaciona-se a uma influência marcante no quadro do paciente da patologia de um dos genitores ou de ambos.

O fato essencial é que baseio meu trabalho no diagnóstico. Continuo a elaborar um diagnóstico com o continuar do tratamento, um diagnóstico individual e outro social, e trabalho de acordo com o mesmo diagnóstico. Neste sentido, faço psicanálise quando o diagnóstico é de que este indivíduo, em seu ambiente, quer psicanálise. Posso até tentar estabelecer uma cooperação inconsciente, ainda quando o desejo consciente pela psicanálise esteja ausente. Mas, em geral, análise é para aqueles que a querem, necessitam e podem tolerá-la. Quando me defronto com o tipo errado de caso, me modifico no sentido de ser um psicanalista que satisfaz, ou tenta satisfazer, as necessidades de um caso especial (Winnicott, 1962, p.154).

Esta possibilidade de ser um “psicanalista fazendo outra coisa” inspirou a criação de novas modalidades clínicas, ou seja, enquadres clínicos diferenciados (Vaisberg, 2004):

Amplia-se a clínica quando, num movimento de questionamento, no qual se articulam crítica e inventividade, chegam a ser propostos novos enquadres de trabalho, que mantêm flexivelmente a fidelidade ao método, pensado como aquilo que guarda em si o que há de essencial neste verdadeiro movimento cultural que é a psicanálise (Vaisberg, 2006, p.109).

Trata-se de uma clínica fundamentalmente não interpretativa, que atribui ao holding, sua técnica primordial, uma vez que:

Sustentar o encontro inter-humano é algo que tem sentido quando se tem fé na capacidade criadora humana. Significa que o psicanalista aposta no oferecimento de um ambiente humano suficientemente bom, que por si mesmo humaniza, simplesmente porque aquilo a ser proporcionado se articulará com o potencial criador do paciente. Nada há a ensinar nesse contexto. Nenhuma pedagogia, nenhuma aprendizagem faz aí sentido. Dar essa sustentação é, de certo modo, acompanhar atenta e devotadamente as necessidades existenciais do paciente, necessidades que devem ser satisfeitas sob o risco de afetar exatamente o sentimento de ser real e estar vivo (Vaisberg, 2004, p.56).

Sustentar um encontro é algo bastante complexo e não deve ser confundido com “dar apoio”, exige capacidade de amadurecimento pessoal e análise pessoal. Trata-se de estar com o paciente enquanto singularidade existencial, oferecer uma presença devotada e disponível, de modo a permitir a emergência de um acontecer genuíno, que permita encorajar o indivíduo a aventurar-se e a buscar viver, enfrentando os desafios cotidianos. Os enquadres

clínicos diferenciados (oficinas psicoterapêuticas²⁶, as consultas terapêuticas individuais ou coletivas, a arteterapia de inspiração winnicottiana), dependem de uma sustentação suficientemente boa por parte do terapeuta, que deve adaptar-se às necessidades de cada paciente ou grupo de pacientes (Vaisberg, 2004).

A problemática do sentimento de irrealidade, de sensação de futilidade e vazio existencial demanda o desenvolvimento de novas abordagens terapêuticas sensíveis a este perfil de sofrimento radical, o que constitui um desafio aos profissionais de saúde, nos níveis de cuidado primário, secundário e terciário.

²⁶ As oficinas terapêuticas em questão são as oficinas Ser e Fazer da Universidade de São Paulo.

3. ESTRATÉGIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS: EM BUSCA DOS CAMPOS DO IMAGINÁRIO

3.1. Objetivo:

Esta pesquisa psicanalítica tem como objetivo estudar detalhadamente o fenômeno clínico característico das personalidades de tipo *borderline* e dos quadros psicóticos, referenciados pela clínica winnicottiana, como a impossibilidade de se sentir vivo e real – cujas manifestações têm se mostrado cada vez mais frequentes na sociedade contemporânea –, utilizando como objeto de análise o filme “Clube da Luta”, tomado enquanto um acontecer humano ficcional.

3.2. A Pesquisa Psicanalítica, o Conceito de Conduta e os Campos do Imaginário:

Historicamente é possível detectar formas diferentes de concepção de ciência, conseqüentemente, de visão de mundo e da vida humana, que influenciam tanto os contornos essenciais que norteiam o processo de produção de conhecimento, como os valores sócio-culturais dominantes em um determinado contexto histórico. Estas questões ficam muito claras na eterna dicotomia presente na produção de pesquisas quantitativas e qualitativas, que têm como pano de fundo a preocupação fundamental com uma reprodução fiel do viver humano, de forma a apreendê-lo de forma empírica, que garanta a fidedignidade dos dados coletados. No entanto, mesmo no campo da pesquisa qualitativa e, mais particularmente, da pesquisa psicanalítica, esta questão ainda permanece relevante e digna de esclarecimentos.

Esta dicotomia está presente na própria obra de Freud, o que permitiu o desenvolvimento de pelo menos duas formas amplas de concepção ideológica

presentes nos textos freudianos. Os escritos metapsicológicos de Freud baseiam-se, segundo Greenberg e Mitchell (1994) em um modelo estrutural-pulsional:

A visão fundamental de Freud das condições humanas está expressa no que chamamos de modelo estrutural/pulsional. Como o termo implica, o conceito central do modelo é a idéia de pulsão. Na definição mais amplamente usada de Freud, a pulsão é um conceito entre o psíquico e o somático, uma fonte endógena de estímulos que influenciam a mente, em virtude da conexão da mente com o corpo. É uma “demanda feita na mente para fazê-la funcionar”, o ativador do aparelho psíquico (1905a, 1915a). Freud quis, às vezes, dizer que a pulsão é para ser compreendida como uma quantidade quase fisiológica, que exerce força de modo mecanicista dentro da mente. A intenção expressa do *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895a) foi a de estabelecer a psicologia na mesma base materialista que apoiava outras ciências naturais (p.15).

O contexto histórico da fundação da psicanálise condicionava sua sobrevivência e busca de reconhecimento científico pelo uso do paradigma dominante na época, o que levou Freud a buscar o modelo mecanicista da mente como forma de descrição do mundo humano e comprovação de suas teses a respeito da existência do inconsciente; embora, aponte Politzer (1928), tenha sido o próprio Freud, em “A Interpretação dos Sonhos” (1900), quem consegue romper, mesmo que não totalmente, com este paradigma e criar um método interpretativo capaz de considerar o fenômeno humano em sua singularidade, dando base para o surgimento de uma nova forma de conceber a psicanálise, com a criação do método clínico e de suas regras fundamentais. Assim, permaneceram em sua obra estas duas formas de concepção da psicanálise. A primeira fortemente influenciada pela concepção de homem positivista, e uma segunda – que abre caminho para a subjetividade humana e para um outro modelo de psicanálise, fundamentado em uma matriz relacional, modelo este adotado por Winnicott, conforme escrevem Greenberg e Mitchell (1994), bem como para um método clínico que se constitui como a base da clínica

contemporânea e da pesquisa psicanalítica, assumindo o modelo de estrutura relacional como condição vital para a emergência do encontro inter-humano. Nas palavras de Vaisberg (2004):

Minha experiência como pesquisadora me tem levado a assumir com convicção a idéia de que existe um método clínico que pode, com rigor e fundamentação, gerar conhecimento sobre o humano. Este método não se confunde, em momento algum, com o método científico positivista, porque este último não pode, jamais, abordar o humano enquanto tal, mas apenas se puder objetificá-lo. Ora, a objetificação, operação necessária à ciência positivista, é, em sua essência, desumanização! Assim sendo, seu valor é muitíssimo discutível no campo das ciências humanas (Vaisberg, 2004, p.120)²⁷.

Esta pesquisadora compartilha com Vaisberg a visão de que não se pode compactuar, de forma alguma, com nenhum processo de objetificação e de desumanização da condição humana, de forma que a pesquisa psicanalítica, adotada como referencial para esta pesquisa, que se caracteriza como um estudo de caso baseado em um acontecer humano ficcional, busca a superação desta outra forma de utilização do método psicanalítico, baseada na relação assimétrica sujeito-objeto, típica de uma concepção de ciência influenciada pelo positivismo (Vaisberg, 2004²⁸):

Essa superação sustenta a possibilidade de não dissociar teoria e prática, produção e aplicação de conhecimento, contrapondo-se, pois, à idéia de que somente a pesquisa “desinteressada” pode ter rigor. No campo das ciências humanas, o desinteresse é engano; é, em última instância, patologia. (p.60 e 61).

²⁷ Este artigo foi publicado inicialmente nos Cadernos Ser e Fazer: Apresentação e Materialidade, editado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003, p. 36-44, mas também se encontra disponível no livro que reúne artigos de Vaisberg (2004).

²⁸ Trabalho originalmente publicado nos Anais da Primeira Jornada Apoiar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003, p. 11-15.

A produção do conhecimento psicanalítico ocorre num campo fundamentalmente ético, e o método tem como pilares a associação livre e a atenção flutuante, que são consideradas condutas (Bleger, 1963) que se manifestam no campo da comunicação com o mundo externo, e, também, podem ser compreendidas em termos de comunicação discursiva ou como uma comunicação não-verbal. Além de se constituir uma forma particular de escuta, observação e manejo – sempre permeados por uma postura acolhedora –, ressalta os princípios éticos fundamentais, por basear-se em um máximo respeito à singularidade de cada encontro, dos sujeitos e enquadres das pesquisas, que não se restringem, necessariamente, ao contexto clínico padrão (Vaisberg, 2004):

O método psicanalítico é uma dessas abordagens, que entra em cena quando se privilegia a consideração do sentido emocional das condutas, em âmbitos emocionais e coletivos, segundo formas de expressão simbólicas, corporais ou de atuação sobre o mundo externo. Nessa linha, existe uma opção decidida no sentido de afirmar a importância do conhecimento do singular, do irrepetível, do único, motivo pelo qual muitos autores apreciam o uso da expressão estudo de caso (Vaisberg, 2004, p.59).²⁹

O conceito blegeriano de conduta será melhor abordado no decorrer deste capítulo, e, como esta pesquisa não envolve o encontro concreto entre sujeitos e pesquisador, do ponto de vista desta pesquisadora, as ideias apresentadas podem ser tomadas em seu sentido amplo, pois a postura assumida pelo psicanalista diante de um acontecer humano ficcional deve ser de similar preocupação com o acolhimento e não estabelecimento de julgamentos prévios em relação às manifestações das condutas humanas das personagens,

²⁹ Trabalho originalmente publicado nos Anais da Primeira Jornada Apoiar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003, p. 11-15.

assim como nas mensagens explícitas e implícitas contidas nas imagens. Desta forma, o filme passa a ser compreendido como expressão de um encontro clínico ficcional, ou seja, como um estudo de caso, que deve ser vivido de forma plena. Isto implica em um processo similar de uso do método no que compete à escuta e manejo dos discursos e condutas, o que poderá ser observado na forma de relação com as produções decorrentes do encontro entre pesquisador e obra ficcional:

Ainda que esteja incluída, na definição oficial da psicanálise, a possibilidade de abordar produções humanas que surgem fora do dispositivo clínico, há uma tendência clara e compreensível, nos escritos psicanalíticos em geral, e mesmo nos de Herrmann, em particular, a pensar o método investigativo como se encontrasse, no dispositivo analítico padrão, as condições ideais para a sua realização plena e não apenas como um dos enquadres no qual pode se concretizar. Entretanto, a própria leitura dos escritos herrmannianos, incentivando a extensão do método à investigação de várias produções humanas, torna desejável a reformulação de seus passos constitutivos em termos mais abrangentes. Deste modo, preferimos pensar nas associações livres como criação de condições maximamente favoráveis à expressão humana e à comunicação emocional, considerando a atenção flutuante como atitude fenomenológica de abertura diante do acontecer humano, que tanto compreende um desapego ideativo, que recebe as comunicações emergentes, como uma atitude de sustentação afetivo-emocional, que permitirá atingir uma compreensão empático-introspectiva mediante a qual atingiremos certa sintonia com o sentir do outro, seja este um indivíduo ou uma personalidade coletiva (Aiello-Vaisberg e Machado, 2008, p.78).

Para que seja possível fazer um uso fiel do método psicanalítico e de seus pilares fundamentais – associação livre e atenção flutuante –, torna-se necessário assumir uma postura aberta para o encontro com a nova experiência, no caso desta pesquisa, com a produção cultural, a partir de um olhar particular da psicanálise – olhar e escuta não convencionais – que demandam estados mentais livres, com pouca ou quase nenhuma reminiscências de significados *a priori*, decorrentes do conhecimento teórico e de experiências clínicas anteriores.

Fábio Herrmann³⁰ (1999) comenta o uso de uma obra ficcional na pesquisa psicanalítica:

Vamos deixar clara a idéia: ficcional não significa falso, nem mesmo cientificamente menor, mas inserido num tipo de verdade peculiar à literatura, que é em geral mais apropriada para a compreensão do homem que a própria ciência regular. Ficção é uma hipótese que se deixou frutificar até as últimas conseqüências, antes de decidir sobre sua validade, é um instrumento poderoso de descoberta, mas tende a capturar o investigador, que também é personagem dela, levando-o a crer que sua história é fato. Nem mesmo Freud, nosso inventor, escapou por completo à atração fática da clínica (...) A estreita vinculação entre nosso conhecimento e a ficção constitui uma parte do preço a pagar – nada exorbitante, a meu ver – pela generalização da Psicanálise como ciência completa: seu objeto de conhecimento, o Homem Psicanalítico, não pode ser o homem inteiro e concreto, mas uma “ficção verdadeira” (p.18-19).

A afirmação de Herrmann traz ponderações importantes que precisam ser levadas em consideração e, ao mesmo tempo, endossa que a opção por este tipo de estratégia metodológica foi consagrado na psicanálise, desde seus primórdios, quando Freud escreveu sobre o caso Schreber (1911), assim como nos artigos “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (1910) e “O Moisés de Michelangelo” (1914).

No entanto é importante diferenciar as pesquisas psicanalíticas de pesquisas sobre psicanálise, uma vez que, nestas últimas, não se observa um uso rigoroso do método criado por Freud, o que pode se apresentar em pesquisas envolvendo o acontecer clínico clássico ou em pesquisas e artigos sobre diversos tipos de produções artísticas (Aiello-Vaisberg e Machado³¹, 2008).

30 Fábio Herrmann era médico, Doutor em Ciências Médicas pela Universidade de Campinas (UNICAMP, 1976), analista didata da Sociedade de Psicanálise de São Paulo, autor de vários livros sobre a Teoria dos Campos, que busca auxiliar o resgate de um saber psicanalítico comprometido com a pesquisa e desatrelado de disputas territoriais entre as diferentes abordagens psicanalíticas.

31 Maria Christina Lousada Machado é doutora pelo IPUSP, pesquisadora do Grupo de Pesquisa CNPq Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Membro da Ser e Fazer da IPUSP e da NEW – Núcleo de Estudos Winnicottianos.

Aiello-Vaisberg e Machado (2008) definem pesquisa psicanalítica a partir do conceito blegeriano de conduta:

Deste modo, por meio do conceito de conduta, Bleger (1963) permite que a psicanálise seja redefinida como uma psicologia concreta, distinguindo um plano fenomênico, que é, aliás, compartilhado por todas as ciências humanas, e um plano da elaboração teórica de construtos hipotéticos, por meio dos quais a atividade intelectual teorizante visa a produção de conhecimento. Não acredita, evidentemente, na possibilidade de abordagem totalmente isenta, neutra, objetiva e independente de conhecimentos teóricos, pois imagina que toda “observação” é teoricamente informada. Entretanto, considera que a própria explicitação de pressupostos teóricos, quando utilizada pelo pesquisador, pode contribuir para um aumento do rigor e da confiabilidade das conclusões. Por outro lado, esta questão, que se coloca para toda a produção de conhecimento, deve ser cuidadosamente revista no contexto do uso do método psicanalítico, uma vez que exige o cultivo de uma atitude de desapego em relação ao conhecimento teórico e às crenças prévias, para que o outro possa ter sua comunicação acolhida de modo aberto à emergência do que é novo e singular. Se o fenômeno em questão, na investigação psicanalítica, é a conduta, concebida como manifestação humana inerentemente vincular e atravessada por múltiplos sentidos, podemos abrir mão de formulações que tomam constructos teóricos, por sua própria natureza, sempre discutíveis, como fenômenos (p. 73).

Estas colocações são de fundamental importância por serem formulações bastante recentes das autoras a respeito da forma particular de concepção da pesquisa psicanalítica adotada neste trabalho e em inúmeras outras pesquisas e artigos sobre imaginários coletivos³²; representações sociais e enquadres clínicos diferenciados³³. Toma-se a conduta humana como elemento central da investigação psicanalítica e, a partir da observação e identificação de condutas presentes no acontecer clínico ou em um acontecer clínico ficcional, são criados/encontrados campos do imaginário ou campos de sentido afetivo-emocional. Assim como o conceito de conduta foi inspirado na obra de Bleger

³²Dentre outros trabalhos destacam-se: Aiello-Vaisberg (1999), Barreto (2006), Ferreira (2006), Martins (2007) e Tachibana (2006).

³³Dentre outras pesquisas e artigos, destacam-se: Aiello-Vaisberg (1995, 1996, 1997) e Lousada-Machado (1995).

(1963), o conceito de campo foi originalmente desenvolvido por Herrmann (1991), e posteriormente re-elaborado a partir dos pressupostos teóricos que norteiam uma psicanálise fundamentada em um paradigma estrutural-relacional (Greenberg e Mitchell, 1994) adotado por Winnicott, o que diverge da perspectiva herrmanianna.

Deste modo, o reconhecimento do caráter originário de necessidades especificamente humanas, de caráter afetivo vincular exige que o conceito herrmanianno de campo ou inconsciente relativo seja modificado, para que possamos seguir utilizando-o em pesquisas psicanalíticas que tomam autores pós-freudianos, como Winnicott, como interlocutores. Nesta linha, não trabalhamos com “campos de desejo”, mas a partir da idéia de que o método psicanalítico, cujo caráter interpretativo consiste, precisamente, no pressuposto de que toda conduta humana tem sentido, consiste num processo de captação, inevitavelmente hipotética, de campos de sentido afetivo-emocional, que se faz por meio da criação/encontro de sentidos de condutas humanas. Tais campos organizam-se, a nosso ver, ao redor de valores e crenças que são inconscientes não porque resultem de operações defensivas de recalçamento de desejos, mas porque se mantêm em planos fenomenologicamente pré-reflexivos (Ayouch, 2007). Vale, assim, insistir na afirmação de que o campo ou inconsciente relativo não corresponde a uma entidade intrapsíquica, dotada de uma substancialidade peculiar, constituída como conjunto de representações, atravessada por afetos, mas antes a um registro ou dimensão que, movida por uma lógica emocional não consciente, gera efeitos que se concretizam como condutas humanas (p.79 e 80).

A conduta humana, segundo Bleger (1963), tem sempre uma finalidade, implica em conflito ou ambivalência, deve sempre ser compreendida em relação ao campo ou ao contexto na qual ocorre e personifica-se, de forma a buscar um estado de máxima integração interna no indivíduo que a manifesta, sendo que:

Desde antigamente, reconheceu-se no ser humano dois tipos distintos de fenômenos, aos quais podem se reduzir todas as suas manifestações. Um é concreto, aparece no corpo e em atuações sobre o mundo externo; embora nunca possa existir uma ação sobre um objeto sem que, concomitantemente, ocorra uma modificação ou movimento do corpo, pode acontecer que um ou outro sejam, em momentos distintos, o mais importante. Assim, consideramos uma conduta concreta corporal, quando se trata, por exemplo, do enrubescimento ou palidez do rosto,

enquanto que qualificamos de conduta concreta no mundo externo a, por exemplo, comparecer num lugar, conduzir um automóvel, ainda que para isso necessite-se, logicamente, das modificações corporais. Outro tipo de conduta inclui todas aquelas manifestações que não se dão como ações materiais e concretas senão de maneira simbólica; essas últimas são os fenômenos reconhecidos como os mentais (Bleger, 1963, p.26).

Desta forma, é possível concluir que as manifestações das condutas podem ocorrer no corpo, no mundo externo e na mente ou campo simbólico (conforme abordado anteriormente por Vaisberg, 2004). Essa divisão ocorre mais com finalidades teóricas, mas podem ocorrer diversos arranjos entre as diferentes manifestações das condutas humanas, de forma a integrar suas diversas formas de expressão, ou aparecer, em contextos nos quais o intercâmbio de suas manifestações seria esperado, de forma dissociada (Bleger, 1963).

A produção cinematográfica “Clube da Luta” (1999) conta o drama vivido por Tyler Durden, um profissional bem sucedido, solteiro, de aproximadamente 30 anos de idade, que tinha uma vida pacata, destinada exclusivamente ao trabalho e que se torna fundador de um clube de boxe clandestino, que depois acaba por se especializar em ações ilegais e em atos terroristas. Tyler sofreu um processo de dissociação de sua personalidade e passou a agir como se tivesse uma dupla personalidade, apresentando sintomas francamente psicóticos.

Embora a dupla personalidade não seja um fenômeno clínico comum, dados do Ministério da Saúde (2007) afirmam que 3% da população brasileira apresenta patologias graves, denominadas na clínica psiquiátrica clássica de neuroses graves e de psicoses, que demandam tratamento em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Estes números não incluem os demais quadros de neurose, de dependência química, nem tampouco, os pacientes *borderline*, por não demandarem, *a priori*, tratamento intensivo, o que mostra que as doenças

mentais atingem uma parcela significativa da população que demanda tratamento especializado. O filme retrata bem a psicose clínica e o processo de dissociação mental, descrito por Winnicott, decorrente do fenômeno do falso *self*.

Este estudo apresenta relevância científica, uma vez que estes quadros têm se tornado cada vez mais freqüentes na sociedade contemporânea, assim como os serviços de saúde mental, após a reforma psiquiátrica têm procurado desenvolver uma nova clínica psiquiátrica que consiga se adequar às novas demandas de sofrimento contemporâneo. Neste sentido, há uma significativa demanda, por parte dos profissionais de saúde, por pesquisas e artigos que venham trazer contribuições que auxiliem na prática cotidiana na área de saúde mental e a compreender as diversas formas de sofrimentos radicais, de indivíduos de todas as faixas etárias que buscam auxílio para tratamento interdisciplinar.

O filme “Clube da Luta” foi assistido inúmeras vezes pela pesquisadora, com o objetivo de criar/encontrar os campos afetivo-emocionais e foi redigida uma narrativa psicanalítica sobre o encontro da pesquisadora com esta produção cinematográfica, enquanto conjunto da obra, assim como no que refere às suas cenas marcantes e da dramática das personagens principais.

3.3. As Narrativas Psicanalíticas:

As narrativas psicanalíticas que agregam as manifestações dos pacientes com a personalidade do analista, utilizando como principais interlocutores, Politzer e Benjamin, foram conceituadas por Granato e Aiello-Vaisberg (2005):

Assim sendo, se o sentido é pessoal, a investigação psicanalítica só é possível em parceria com aquele sujeito, havendo então uma verdadeira transposição da introspecção para a *narrativa*, movimento mais que

revolucionário se considerarmos que o sentido não seria compreendido pelo paciente, ocupado que está em *vivê-lo*, mas pelo psicanalista que, por sua vez, nada pode sem o próprio paciente, que traz o *vivido* para seus encontros terapêuticos. E assim, Politzer conclui sobre a *objetividade do método da narrativa*. (...) Continuando com Benjamin (1936), do artesão que coordena alma, olho e mão, chegamos ao narrador que com seus gestos sustenta a narrativa, que trabalha a sua matéria prima, a vida humana, através de sua experiência e a de todos aqueles que o antecederam, numa relação artesanal (Benjamin, 1936, p.56). São as palavras carregadas de gestos, não são palavras vazias, não são abstrações (Granato e Aiello-Vaisberg, 2005, p.259-260).

No artigo “Narrativas: o gesto do sonhador brincante”, Aiello-Vaisberg e Lousada-Machado (2005) definem as narrativas psicanalíticas, complementando a visão anteriormente apresentada:

No entender das autoras, o uso de narrativas por meio das quais o acontecer clínico pode ser presentificado é uma estratégia investigativa que, mantendo-se radicalmente fiel ao método psicanalítico, vem demonstrando notável vitalidade num registro heurístico. Cultivando a atenção flutuante, o sonhador brincante é o próprio clínico que se deixa tocar pelo encontro vivido com o paciente, para depois comunicá-lo a seus pares sob a forma de narrativas. Estas se assemelham a sonhos, entendidos essencialmente como visitas do drama existencial, a partir das quais é possível “brincar”, tanto no momento da elaboração do relato experiencial, quanto no momento da interlocução com outros profissionais, uma vez que a narrativa tem o dom de jamais esgotar os possíveis sentidos emocionais de um encontro terapêutico, em si mesmo transbordante (p.1).

A possibilidade de transformar-se em um sonhador brincante é um desafio aos profissionais da área, que precisam se desvincular de sua formação clássica, afastando-se da preocupação de transcrever um relato de sessão, da forma mais fidedigna possível, decorrente da preocupação com a objetividade do modelo positivista, para assumir outro paradigma epistemológico que melhor abrange o sentido do encontro inter-humano e que proporciona uma busca “humanizada” de rigor científico e, assim, a manutenção de princípios éticos estritamente vinculados ao **acontecer clínico**:

Esta expressão nos é cara porque significa, de modo evidente, o quanto estamos nos afastando de uma posição epistemológica que tanto crê na possibilidade de coleta de “dados” brutos, que existiriam independentemente do pesquisador, como na possibilidade de distinção

nítida entre processos perceptivos e cognitivos – o que nos levaria a admitir que podemos perceber ateoricamente para apenas posteriormente interpretar o significado do percebido. Em outros termos, frisamos nosso afastamento epistemológico do que podemos denominar positivismo empirista ingênuo. É por esta razão que falamos em apresentação do “acontecer” clínico – e não em apresentação do material clínico, de dados ou resultados. O que há a comunicar é um verdadeiro acontecer – fenômeno dotado de alta complexidade e vitalidade, na assunção de uma postura que não se fia na simplificação do real como caminho para a produção de conhecimento sobre o humano. Na verdade, alinhados a uma visão que guarda parentesco próximo com a atitude fenomenológica que valoriza o mundo vivido como solo experiencial a partir do qual o conhecimento pode ser criado/encontrado, concebemos o acontecer clínico como encontro interhumano – mais do que intersubjetivo – evento que não é jamais independente da personalidade do pesquisador (Aiello-Vaisberg e Lousada-Machado, 2005, p.2).

Estas colocações se fazem muito importantes, pois ainda é dominante na sociedade o paradigma positivista, assim como uma tendência do mundo globalizado a transformar os seres humanos em objetos, o que será discutido detalhadamente através da obra de Bauman nos capítulos seguintes deste trabalho. Essa forma de descaracterização da humanidade, em sua essência viva, traz consequências graves para a convivência social e para a sustentação do viver humano, o que se reflete também, dialeticamente, na produção de conhecimento científico. Ainda no campo da pesquisa:

Considerando a busca de coerência entre a prática da pesquisa e os pressupostos antropológicos, epistemológicos, metodológicos e éticos que subscrevemos, temos trabalhado a partir do uso do que estamos chamando de narrativas psicanalíticas, concebidas como apresentações do acontecer clínico (...) Tomamos o termo acontecer da teorização blegeriana, segundo a qual toda conduta ou manifestação é um acontecer dramático, concretamente situado e dotado de múltiplos sentidos. Na pesquisa psicanalítica, não lidamos com dados, com resultados, mas com a experiência dramática vivida, que só se torna acessível porque estabelecemos, em um dado momento, um encontro interpessoal – um encontro entre personalidades – que será o nosso ponto de partida confiável. Então, o que estudamos, e estudamos intervindo, participando do encontro, constitui-se como um acontecer que será comunicado a outros que não estiveram lá presentes (Aiello-Vaisberg e Lousada-Machado, 2005, p.7).

O momento da leitura da narrativa escrita pelo pesquisador/sonhador brincante permite a emergência de novas associações e elaborações sobre o vivido e novas experiências, assim como o diálogo com a comunidade científica, que produzirá, da mesma forma, novas narrativas decorrentes da primeira, em um intercâmbio, vale dizer, vivo e criativo.

A apresentação é compartilhamento, diante do qual a busca de objetividade, no campo das ciências humanas, seria um arremedo pobre. O que se busca não seria a objetividade, a replicabilidade, mas o rigor, do qual me aproximo na medida em que cultivo a transparência possível. O conceito de transparência possível, que aqui propomos, é a nosso ver muito importante porque nos lembra que a experiência não apenas transborda nossa capacidade narrativa, como também comporta a coexistência de dimensões comunicáveis e não comunicáveis (Winnicott, 1963). Cremos que toda experiência vivida contém um núcleo incomunicável. Bleger (1966) fala que a sessão é uma instituição indevassável, a nosso ver aproximando-se do que tentamos comunicar (Aiello-Vaisberg e Lousada-Machado, 2005, p.8).

Neste trecho as autoras relembram as idéias defendidas por Winnicott (1963) e Bleger (1966), que reforçam que o pressuposto positivista de que o rigor na transcrição de dados, mesmo que para tal, sejam usados os mais modernos recursos tecnológicos disponíveis, não permite a apreensão literal de uma experiência humana, que transcende, em muito, a capacidade de um gravador ou de uma lente de registrar o vivido, o que reforça a tese de que a objetividade plena é uma ilusão. Embora, de forma alguma, se perca a necessidade de um outro tipo de rigor científico, adequado a uma transparência possível, mais fiel ao acontecer clínico, por ser permeado pela narração das experiências vividas em cada encontro singular.

Após a elaboração da narrativa psicanalítica desse acontecer humano ficcional, foram realizadas várias leituras da narrativa, e, a partir destas leituras, emergiram sete campos do imaginário criados/encontrados a partir dos encontros

entre pesquisador e produção cultural, concebida enquanto acontecer humano, que eram parte de um grande campo. Estes campos abrangeram os determinantes lógico-emocionais que compõem as condutas das personagens, os sujeitos da pesquisa. Nas palavras de Ferreira (2006):

Um campo inconsciente não é determinado pela quantidade de vezes que um determinado tema possa aparecer durante uma investigação – forma de pensar de costume positivista, quantitativo - mas pode ser determinado pela intensidade da expressão e da palavra, pela sua força, fraqueza ou ausência; pela estranheza que nos provoque durante um encontro intersubjetivo, bem como um tom desafinado aos nossos ouvidos. Pode aparecer da mesma forma que acontece quando um paciente lança uma expressão desconexa que nos toca (Ferreira, 2006, p.186 e 186).

Os campos do imaginário forneceram reflexões importantes sobre as condutas dos sujeitos ficcionais da pesquisa, sobre suas formas de existir no mundo e comunicar seus respectivos sofrimentos, visando contribuir para a compreensão de suas dramáticas pessoais; mas também fornecendo reflexões teóricas que possam auxiliar em casos nos quais seja possível identificar semelhante forma de sofrimento psíquico, em especial, visando contribuir para a clínica da saúde mental pós reforma psiquiátrica.

Os campos do imaginário foram discutidos e interpretados, a seguir, a partir de um diálogo com as obras de Winnicott e de Bauman.

ESSA PASSOU
(CARLOS LYRA & CHICO BUARQUE DE HOLANDA, 1965)

*Foi ela que me convidou
Fui eu que não soube chegar
Foi ela que me maltratou
Fui eu que não soube chorar
Andei sete léguas de amor
Chorei sete litros de mar
Mas ela não se saciou
Mas ela não soube esperar.
Foi ela que me condenou
Sou eu que vou lhe perdoar
Foi ela que tanto pecou
Sou eu que vou me confessar
Foi ela que se ajoelhou
Sou eu que vou ter que rezar
Foi ela que me arruinou
Sou eu que vou ter que pagar
Foi ela que me incendiou...
É fogo na roupa contar...
É mais uma história de amor
Que outro me tome o lugar
Não está mais aqui quem chorou
Um outro que venha chorar.*

**4. SER OU NÃO SER E OUTROS
CAMPOS DO IMAGINÁRIO**

4.1. Roteiro de Leitura dos Campos do Imaginário

Torna-se importante situar o leitor a respeito da apresentação dos campos do imaginário, assim como das demais contribuições da visão particular desta pesquisadora sob seu objeto de estudo, que emergiram do encontro entre pesquisadora e obra ficcional, compreendida enquanto uma experiência viva de contato com manifestações de condutas que refletem vivências possíveis de serem encontradas, com certa frequência, no contexto humano real. Portanto, este capítulo quinto deste trabalho reúne as contribuições mais pessoais desta psicanalista à análise da produção cinematográfica em questão, assim como da dramática explícita e implícita das condutas de suas personagens principais, que foram organizadas em campos afetivo-emocionais, percebidos durante a redação da narrativa psicanalítica e nas leituras subsequentes da mesma, que propiciaram novas impressões e associações livres, analisadas em diálogos com as obras de Winnicott e Bauman.

Inicialmente será apresentada a narrativa psicanalítica elaborada sobre o filme “Clube da Luta” e assim que a leitura da narrativa for concluída, será possível encontrar, impressos em páginas coloridas, um quadro na página 100, com os campos do imaginário que emergiram da análise do filme, e, em seguida, uma seleção de frases das personagens do filme que apresentam seus pontos de vista sobre suas experiências de vida, selecionadas tomando por base a regra fundamental da psicanálise, frases estas que contribuíram indiscutivelmente para a criação/encontro dos campos afetivo-emocionais não conscientes.

Após a apresentação das frases selecionadas no filme, será feita uma elaboração reflexivo-vivencial do conhecimento construído na interface dos

campos imaginários, com as obras tanto de Donald W. Winnicott, como de Zigmunt Bauman – os interlocutores principais com os quais este trabalho dialogará. Essa discussão será realizada em sub-capítulos independentes, respeitando as especificidades do olhar e das contribuições pessoais de cada autor sobre o tema em questão.

4.2. (Uma luta) Entre a vida e a morte

Você já ouviu a voz da morte alguma vez?

O impactante “Clube da Luta” (1999), dirigido por David Fincher e baseado no romance homônimo de Chuck Palahniuk (1996), mostra o drama vivido por Jack (Edward Norton), funcionário bem sucedido de uma grande companhia de seguros, que tenta encontrar sentido para sua vida em meio a sua agitada atividade profissional. Ocupava sua vida vazia de experiências relacionais com o trabalho, pois era solteiro, solitário, sem família ou amigos, sem hobbies ou interesses que pudessem preencher seu tempo livre – proprietário de um apartamento luxuoso e muito bem decorado, como aqueles apartamentos típicos das revistas de decoração, nos quais a organização e o estilo impecáveis sugerem que não há experiência viva e transformadora presente no local.

Viajava constantemente a trabalho, passando grande parte de seu tempo em hotéis e aeroportos. Mudar constantemente de uma cidade à outra, não tendo um porto seguro para onde retornar, ou para quem retornar, funcionava como um elemento que lhe ocasionava um agravamento de sua angústia existencial, pois a impessoalidade dos hotéis, assim como os relacionamentos superficiais, geralmente estabelecidos entre pessoas que se encontram esporadicamente, aumentavam sua sensação de vazio e de vida sem sentido. O fato de viajar

constantemente transformou esta atividade que, costuma ser fonte de atração e desejo de muitas pessoas, em uma rotina considerada enfadonha e sem atrativos, um verdadeiro martírio. Tinha no consumo um importante aliado para alcançar um determinado “status” social que lhe atribuísse algum valor pessoal.

Filho de pais separados, foi criado pela mãe, desde seus seis anos de idade, época em que seu pai abandonou a família, mudou-se de cidade, casou-se novamente e teve outros filhos com a nova mulher. Segundo Jack, seu pai tinha o hábito de repetir este ritual a cada seis anos aproximadamente! Fiquei imaginando a sensação de desamparo e de menos valia que alguém que vivencia um abandono deve sentir, pois constitui um ato de crueldade brutal. Senti muita raiva deste pai, assim como imagino que esse sentimento seja compartilhado com outras pessoas, dentre elas, com nossa personagem central. O mais surpreendente foi perceber que mantinham contato, e sinto seu desespero pela ausência de um pai, qualquer pai, ou migalha de presença de pai, pois qualquer mínima presença era mais reconfortante do que o rombo emocional provocado por uma ausência total da função paterna. Falavam-se, em média, uma vez por ano por telefone, e Jack costumava, nestes momentos, pedir conselhos ao pai sobre seus futuros projetos de vida e tomava as sugestões paternas como meta pessoal a ser atingida. Tentava transformar-se em um objeto digno do amor paterno, embora seus esforços tenham sido sempre em vão.

É surpreendente constatar a importância do olhar do outro para o desenvolvimento emocional do ser humano, mesmo que este olhar seja casual, frio e fruto de uma simples presença física do suposto “cuidador”, no mesmo local que a criança. O filme fornece poucas informações sobre o relacionamento de Jack com a mãe, relata simplesmente que ela e o pai transformavam o filho em

uma espécie de escudo ou filtro humano, durante as suas discussões conjugais. O que me leva a crer que a presença física da mãe em sua vida foi menos significativa do que a ausência quase total de um pai, pois o pai apareceu descrito como figura causadora de ambivalentes sentimentos: vazio, raiva, ódio, culpa e até de uma certa admiração ou inveja. Já sua mãe não é ninguém no filme, não aparece de forma significativa em nenhum momento, é a própria personificação de um vazio. Jack, portanto, um filho sem pai, nem mãe, cresceu sozinho, como um ser do mundo e, conseqüentemente, sem laços e, pode-se supor, sem poder contar realmente com nenhuma presença sustentadora de seu ser em devir.

Descrevia a sociedade em que vivemos como um mundo de relações pessoais e experiências “porção única”, fazendo um paralelo com a comida de avião e com os objetos de higiene pessoal oferecidos nos hotéis, que são todos produzidos em pequenas doses individuais. Seguia uma rotina cujo script era produzido segundo seu cronograma de trabalho, como tantos outros profissionais, mas há seis meses não conseguia dormir. Sua insônia revelava-se um sofrimento oculto, que Jack não sabia nomear ou entender. O que ocorria com ele? Além disso, a insônia provocava uma sensação de irrealidade, pois como ele mesmo dizia: “Com insônia, nada é real, tudo é a cópia, da cópia, da cópia”. Em um momento de desespero, buscou ajuda médica, tentando livrar-se da insônia, suplicou por alguma droga que o fizesse dormir. O plantonista que o atendeu se recusou a medicá-lo, menosprezando seu sofrimento e indicando que, se ele quisesse conhecer pessoas com problemas realmente graves, que deveria assistir a uma reunião de um grupo de pacientes com câncer de testículo.

Esta sugestão médica fez Jack ter seu primeiro contato com os grupos de auto-ajuda, dos quais virou adepto fiel. A cada dia da semana, inclusive aos

sábados e domingos, passou a frequentar um grupo diferente. Nos grupos encontra pessoas que enfrentam ou enfrentaram doenças graves ou crônicas e que buscam apoio para superar suas dificuldades no contato com seus semelhantes. Sua participação nos grupos, apesar de silenciosa, fez com que ele, ao ver os companheiros de grupo expondo seus sentimentos, conseguisse chorar com eles ou nos braços deles. E isto passa a funcionar como um alívio para sua insônia e como uma forma de ocupar seu tempo livre. Ele substituiu o vício pelo consumo pelo vício em participar de grupos de auto-ajuda. Nos grupos os participantes acolhem-se uns aos outros por viverem as mesmas dificuldades, buscam serem ouvidos e compreendidos em seus momentos de sofrimento.

No grupo de homens que tiveram câncer de testículo, Jack conhece Bob (Meat Loaf Aday), um ex-halterofilista, ex-usuário de anabolizantes para cavalos, ex-marido, ex-pai, ex-homem de negócios bem sucedido e chora em seus braços, durante os encontros deste grupo. Bob destacava-se em relação aos demais membros do grupo, pois tinha seios desenvolvidos, em função do tratamento hormonal que enfrentou após a retirada de seus testículos. Parecia ser descrito, no início, como uma figura bastante bizarra, com certo toque cômico, mas sua personagem vai se humanizando ao longo da passagem do filme e conquistando simpatia, à medida que seu sofrimento e experiências de vida foram sendo narrados.

A administração da nova rotina ia bem, até que Jack conhece Marla (Helena Bonham Carter) e isto o desestabiliza novamente. Marla Singer era uma mulher sombria, depressiva, fria, calculista, que passou a frequentar os mesmos grupos que ele. Representava, a meu ver, em princípio, o lado negro de Jack, mas ao longo do filme, sua personagem também vai sendo humanizada e,

transforma-se de vilã, em uma das heroínas da trama. Em relação à Marla, Jack desabafou:

“Marla, a grande turista. Sua mentira refletia a minha. E, de repente, não sentia mais nada. Não podia chorar e novamente, não podia dormir. Se eu tivesse mesmo um tumor, eu o chamaria de Marla. O machucado que sararia, se eu pudesse parar de mexer nele, mas não posso. A filosofia de Marla é que poderia vir a morrer a qualquer hora. A tragédia é que nunca acontecia (Jack)”.

Durante suas viagens, Jack questionava-se sobre o fato de que, se os viajantes podiam acordar em fusos horários diferentes, em cidades diferentes, porque não poderiam acordar como uma pessoa diferente? E em uma de suas viagens, Jack encontra Tyler Durden (Brad Pitt), um fabricante de sabonetes, e estabelece com ele a melhor “amizade porção única” que já havia tido até então.

Ao retornar para seu apartamento, Jack depara-se com sua propriedade em chamas: seus móveis, eletrodomésticos, roupas e objetos de decoração de grife, haviam sido consumidos pelo fogo, deixando-o sem teto e sem ter a quem recorrer. Faz dois telefonemas, um para Marla e outro para Tyler. Como não teve coragem de falar com ela, encontra-se com Tyler para lhe contar sobre o incêndio e acaba pedindo abrigo na casa de seu mais recente amigo. Uma casa abandonada, em ruínas, sem água tratada, sem rede de esgoto, sem móveis ou utensílios em mínimo estado de conservação. Passa a ter uma vida clandestina, totalmente diferente do padrão de vida que tinha anteriormente. Esta casa provoca no espectador uma sensação de repugnância total, não tendo nenhum elemento positivo, inicialmente, que auxiliasse a pensar que um ser humano pudesse viver daquela forma: em meio a lixo; sujeira; escovando o dente, tomando banho e limpando os utensílios domésticos com água marrom; dormindo direto em colchões com as molas em evidência; passando por inundações de

cômodos da casa periodicamente, em consequência disso e de uma fiação elétrica exposta, sujeito a receber descargas elétricas de energia.

Conforme redijo estas palavras, me dou conta, que existem muitos seres humanos vivendo em condições semelhantes ou até mais desumanas, o que causa, ao mesmo tempo, horror, perplexidade e vergonha, pois fechamos costumeiramente os olhos para esta realidade, o que mostra que nossos processos dissociativos continuam funcionando bem, a todo vapor, de modo a poupar-nos de qualquer sofrimento. Bendita dissociação! Ao mesmo tempo, que nos torna impotentes e pouco criativos!

Esta reflexão trouxe de volta à minha mente uma memória antiga, do tempo em que acreditava que era possível mudar o mundo e, repentinamente, caí em prantos ao escrever estas palavras, talvez por parecerem tempos tão remotos e perceber que, somente em minha atividade profissional, tenho lembranças claras desta menina que fui, pois em minha vida pessoal, não tenho a encontrado ultimamente. Eu era pequena e ao atender ao chamado da campainha de casa, encontrei um homem de seus trinta e poucos anos, pedindo algo para comer. Pedi que aguardasse e lhe preparei um lanche com leite, que ele comeu e me agradeceu demais. Fiquei muito feliz por poder ajudá-lo, mas nos dias que se seguiram, tive que rever meu posicionamento. Este homem passou a procurar-me diariamente pedindo comida e em um determinado dia, até invadiu minha casa, a minha procura, pois sou de uma época em que as casas ficavam com o portão sem cadeados, época longínqua, na qual eles não eram, ainda, indispensáveis. Fui fortemente repreendida por meus pais por tê-lo ajudado, pois se preocuparam com nossa segurança. Tive que dizer ao homem, que não mais poderia ajudá-lo, desde que invadiu nossa casa, o que não foi fácil para mim, mas o medo que

senti dele falou mais alto. Desde então, ajudo aos carentes enquanto psicóloga em serviços de saúde mental ou supervisora de estágios, mas pouquíssimo faço, enquanto pessoa, para ajudar a estranhos.

Tyler introduziu Jack no clube da luta, um clube clandestino de boxe, criado por ele, no qual as lutas ocorriam nas ruas, em becos ou locais abandonados. Os membros do clube deveriam travar duelos com os companheiros, nos quais valeria qualquer tipo de agressão física, e as lutas se encerrariam quando um de seus participantes não aguentasse mais apanhar. Esta questão fundamental do filme foi responsável, por não ter conseguido assisti-lo, até o final, há alguns anos, quando o filme foi lançado, por ter ficado chocada com tamanha violência, que na época, parecia-me sem sentido. Apesar de ser um grupo cercado por algumas “regras de convivência”, foi bastante difícil entender o prazer que os participantes das lutas encontravam em esmurrar uns aos outros, em duelos, que muitas vezes eram verdadeiras carnificinas. O que pode ser tão atraente a ponto de levar alguém a se viciar em colecionar hematomas? Para explicar o que vivenciavam, recorro às palavras de Jack:

“O clube da luta não significava ganhar e perder. Não significava palavras. Quando a luta acabava nada era resolvido, mas nada importava. Depois da luta, todos se sentiam salvos. O clube da luta se tornou o motivo para cortar o cabelo ou aparar as unhas (Jack)”.

Os clubes de luta tornam-se o novo vício de Jack, e começam a se proliferar por todo o país, ganhando cada vez mais adeptos. Seus participantes, apesar de adeptos bastante fiéis, não conseguiam manter a regra do sigilo em vigor.

Jack abandona os grupos de auto-ajuda e forma seus próprios grupos no clube de boxe e, por algum tempo, ainda foi possível manter as aparências e a rotina de trabalho, apesar dos hematomas denunciarem que algo diferente ocorria em sua vida, mas com o decorrer dos acontecimentos, isto foi ficando cada vez mais difícil:

“Não havia outro lugar para você se sentir mais vivo. Mas o clube da luta só existe nas horas em que o clube da luta começa e quando o clube da luta termina. Mesmo que eu dissesse para alguém que teve uma boa luta, eu não estaria falando com a mesma pessoa. Quem você é no clube da luta não era quem você era para o resto do mundo” (Jack).

Neste trecho do filme, Jack expressa que as lutas o faziam se sentir vivo, por mais paradoxal que isto possa parecer, é como se seus integrantes apresentassem uma espécie de dupla personalidade: uma personalidade na vida pública e outra, na vida privada. Pouco a pouco, o clube vai desenvolvendo outras áreas de atuação, para além da realização de duelos com o consentimento manifesto entre as partes envolvidas. Tyler passa a distribuir tarefas coletivas, como por exemplo, que arranjassem brigas com estranhos e passou a entregar envelopes lacrados que continham tarefas sigilosas.

A partir deste momento, o clube da luta adquire características de seita ou de um exército cuja missão principal é a destruição. Tyler passa a comandar os demais membros em ações criminosas: agressões, roubos, assaltos, extorsões, sequestros, homicídios, destruições de patrimônio público ou privado, atos terroristas, etc. Em seus discursos durante o início dos encontros do clube da luta, Tyler começa a apontar uma descrição do perfil de seus integrantes.

“Eu vejo no clube de luta os homens mais fortes e inteligentes que já viveram. Eu vejo todo este potencial desperdiçado. Que droga, uma geração inteira enchendo tanques de gasolina, servindo mesas, ou escravos do colarinho branco. Os anúncios nos fazem comprar carros e roupas, temos empregos que odiamos para comprar porcarias que não precisamos. Somos uma geração inteira sem peso na história, sem propósito, nem lugar. Nós não temos grandes guerras ou grandes depressões. Nossa grande guerra é a guerra espiritual e nossa grande depressão é nossas vidas. Todos nós fomos criados através da televisão para acreditar que um dia todos seríamos milionários, deuses do rock e estrelas de cinema, mas nós não somos. E devagar vamos aprendendo isso. Nós estamos muito revoltados (Tyler)”.

O clube de luta é uma escolha pessoal difícil de entender, mas é até possível considerar seus membros como excêntricos, o que não seria muito diferente de pessoas que escolhem viver da prática de boxe ou de lutas marciais, ou dos jovens que arrumam brigas frequentes com desconhecidos, por motivos fúteis, durante suas atividades de lazer. No entanto, enquanto representante da sociedade, me senti agredida, invadida e lesada pelas atividades do comitê de destruição, comandado por Tyler.

Seu grande poder de persuasão encontra-se exatamente em sua capacidade de perceber como seus companheiros se sentiam e verbalizar isso, liderando-os em um processo de busca por um viver diferente, mais autêntico, busca pessoal do próprio Tyler. Esta questão pode explicar também o sucesso do filme, que atraiu milhares de admiradores, que consideram seu protagonista uma espécie de herói pós-moderno, e não um anti-herói, como muitos poderiam pensar. Pois Tyler usava métodos bastante agressivos, ilegais e controversos para atingir seus objetivos, mas suas falas faziam bastante sentido para a maioria dos expectadores que o acompanhavam. Era impossível ouvi-lo e ignorar muitas de suas falas, sem parar para refletir sobre elas.

As palavras de Tyler, durante a cena na qual faz uma queimadura química na mão de Jack, reforçam as ideias por trás dos atos de violência, assim

como sua capacidade de dizer sua verdade pessoal, experiência compartilhada em seu grupo, da forma mais objetiva possível.

“Nossos pais eram nossos exemplos de Deus e nos abandonaram. Como você descreveria Deus? Escute, tem que considerar a possibilidade de que Deus não gosta de você e provavelmente ele te odeia. Isso (a queimadura) não é a pior coisa que pode te acontecer, nós não precisamos dele. Somos os filhos indesejáveis de Deus. Então, que seja. Só depois de perdemos tudo é que estamos livres para fazer qualquer coisa (Tyler)”.

Esta fala foi uma das mais agressivas do filme, mas também é possível se colocar no lugar de pessoas que vivenciaram graves privações, como as da personagem, e compreender que sua fala faz sentido dentro de um contexto de intensa perseguição interna. A própria queimadura, descrita como extremamente dolorosa, tornou-se um símbolo dos membros do clube da luta e do exército de destruição. A frieza com que Tyler lidava com a situação da queimadura e conseguia, ao mesmo tempo, transformar aquele momento em algo supostamente educativo surpreendia. Sua capacidade de doutrinação se mostrou inigualável: torturar com o consentimento da vítima, convencendo-a que era para seu bem. Afinal, todos gostariam de aprender a controlar a dor, mas o controle da dor física, nem sempre leva ao controle das demais dores, como das dores da alma. Muitas vezes, provocar uma dor física é uma forma de desviar a atenção de uma dor existencial mais complexa e intolerável, assim como muitas vezes presenciei esta situação, em relatos de pacientes que cometiam autolesões.

Seus soldados passaram a morar na casa de Tyler, que se tornou o quartel general do grupo. Cada novo membro passava por um exaustivo ritual para ser aceito como integrante do projeto destruição. Uma das pessoas que

passou a ser parte deste grupo foi Bob, que Jack conhecera na época em que frequentava o grupo de auto-ajuda.

Jack foi a personagem que melhor expressou os sentimentos que motivava o comportamento destrutivo. Seriam eles: ódio, inveja, vingança contra as frustrações que a vida lhes havia proporcionado ou simplesmente uma intenção de provocar o sofrimento no outro?

“Senti vontade de atirar em todo panda que não transasse para salvar a própria espécie. Queria abrir as válvulas dos petroleiros e destruir aquelas praias francesas que jamais conheceria. Queria respirar fumaça. Tive vontade de destruir algo belo (Jack)”.

Enquanto todo este processo se desenvolvia, Marla fez uma tentativa de suicídio ingerindo medicamentos e telefonou para Jack para comunicar o que havia feito. Jack aparentemente não se deixa envolver pelo discurso sedutor de Marla, deixando-a associar livremente sobre o seu futuro encontro com a morte, mantém o telefone ligado, mas se afasta dele. Tyler encontra o telefone ligado e vai ao encontro de Marla, que acaba sendo levada por ele até sua casa, onde passam a noite juntos e se transformam em amantes regulares. Jack sente-se bastante incomodado com a aproximação entre Tyler e Marla.

Em outra cena marcante do filme, Tyler propõe aos membros do comitê de destruição que realizem uma tarefa de casa baseada em sacrifício humano. Ele ameaçou com um revólver a vida de um funcionário de uma loja de conveniência (Joon B. Kim), de posse da carteira com os documentos e endereço do rapaz, ele afirma que irá matá-lo. Faz a pergunta que se repete em diversos momentos do filme e que permaneceu até o término da história sem resposta,

configurando bem seu drama existencial: “o que ele queria ser?” Diante da resposta do personagem de Joon, ameaça persegui-lo em sua casa e matá-lo, caso ele não buscasse realizar seu projeto de vida no prazo de seis semanas: voltar a estudar veterinária. Esta cena descreve bem a loucura de Tyler, em considerar que ameaçando alguém de morte com um revólver em punho, estaria fazendo-lhe uma boa ação, ajudando este alguém a viver melhor. É claro, que isso só era possível porque via esse outro como uma extensão mental de si mesmo e não como um outro com subjetividade própria. Por isso, comenta:

“Amanhã será o dia mais bonito da vida de Raymond K. Hessel. O seu café da manhã será o melhor do que nós nunca saberemos (Tyler)”.

Na cabeça de Tyler ele achava que todas as pessoas que vivenciam uma situação limite expressam automaticamente a mesma reação, passando a valorizar mais a vida e a viver melhor. Esquece-se que alguns desenvolvem reações patológicas diante de situações traumáticas, acarretando em grande sofrimento psíquico aos envolvidos. Tyler vê o outro enquanto uma extensão dele mesmo, como se todos, como ele, “encontrassem a liberdade na perda da esperança e não deixassem que ocorressem distrações que o desviassem das coisas que realmente importam na vida”.

Em outra cena, Tyler revela, em meio a uma discussão em um carro, que foi o responsável pela explosão no antigo apartamento de Jack, e passa a dirigir o carro de forma perigosa. Antes de atirar o carro em alta velocidade em um barranco, ele pergunta para as pessoas no carro, o que gostariam de fazer antes de morrer e cada um dá uma resposta, só Jack não sabe o que responder. Após o acidente Tyler comenta, em meio a risos eufóricos: “Que droga! Vimos à morte de

perto!”. Jack comenta esta experiência de quase morte, que vai alterar sua forma de viver daquele momento em diante.

“Nunca estive envolvido em um acidente de carro antes. Acho que é assim que aquela gente se sentia antes de eu anotá-los como estatística em meus relatórios (Jack)”.

Mesmo que de forma bastante rudimentar, Jack consegue, naquele momento, transformar estatísticas em pessoas, se colocando, mesmo que por alguns instantes, no lugar daquelas pessoas. Após retornar para casa, Tyler havia desaparecido, e Jack fica bastante abalado, pois revive, através do desaparecimento de Tyler, o desaparecimento de seu pai.

Nesta mesma noite, em determinada ação do comitê de destruição, Bob é morto a tiros por policiais, quando tenta destruir uma cafeteria com a peça de uma obra de arte que ficava em uma praça em frente à primeira. Quando Jack recebe a notícia da morte do amigo, fica muito angustiado e procura alertar os companheiros de clube da irresponsabilidade de suas ações, que colocavam a vida de todos em perigo. A morte de Bob desperta nele um sentimento de perda, porque passa a ver Bob não mais como um membro sem identidade do comitê de destruição, mas como uma pessoa com nome e sobrenome. Bob passa, após sua morte, a ser reconhecido no grupo como Robert Paulsen.

Jack começa a procurar por Tyler desesperadamente, mas não o encontra em lugar algum. Visita diversas cidades e apesar de não achar nenhuma pista dele, por todos os locais por onde passa, encontra indícios claros de que ali funciona mais um clube de luta. Jack queria, naquele momento, buscar sua

verdade e encontrar uma maneira de encerrar as atividades do comitê de destruição.

O filme sofre uma reviravolta quando Jack percebe que ele e Tyler são a mesma pessoa, que Tyler era uma alucinação produzida por sua mente, e que, na verdade, o criador do clube da luta e único líder do projeto destruição, que ele tanto repudiava, era ele mesmo. Ele agia como se fosse duas pessoas diferentes, mas na verdade, Tyler não passava de um reflexo de sua mente dissociada e explica-lhe o que se passou em seu mundo interno:

“Você queria um jeito de mudar sua vida. Não podia conseguir sozinho. Tudo o que gostaria de ser, sou eu. Eu pareço e transo do jeito que quer parecer e transar. Sou esperto, capaz e o mais importante, eu sou liberado de todas as maneiras que você não é. As pessoas fazem isso todos os dias. Falam consigo mesmas, vêem-se como gostariam de ser. Só não têm a sua coragem de, simplesmente, levar adiante. Você ainda se debate um pouco, é por isso que às vezes você é você. Às vezes você me assiste. Pouco a pouco, você está se transformando em Tyler Durden (Tyler)”.

Esta fala, personificada pelo ator Brad Pitt, um símbolo sexual contemporâneo, tem uma ênfase ainda mais real, por esse ator ser um figura invejada pelos jovens de sua geração, todos gostariam de ser como Brad Pitt. E, nesta cena, a dissociação aparece claramente e é descrita de uma forma bastante perspicaz. O que mais choca são as cenas que mostram Jack/Tyler Durden agredindo a si mesmo, lutando sozinho, jogando-se de uma escada, puxando-se pelo cabelo de forma violenta. É algo difícil de ver, digerir, tolerar, e, portanto, compreender.

Jack/Tyler Durden percebe que a vida de Marla estava em perigo, pois ela sabia demais sobre sua real identidade e procura fazer com que seus seguidores interrompessem os planos do comitê de destruição, que pretendia explodir as

fundações de doze prédios, nos quais funcionavam administradoras de cartões de crédito, mas não consegue ser efetivo nesta tarefa. A única solução que encontra é financiar a fuga de Marla para algum lugar seguro, longe dos clubes de luta e entregar-se à polícia, para que a lei barrasse o processo destrutivo em curso. No entanto, nada disso funciona e ele se vê cercado por membros do clube em todos os lugares em que busca ajuda, inclusive na polícia. Percebe que sua vida também estava em risco, pois ele mesmo deu ordens para que fosse morto, caso tentasse interferir nos planos em andamento.

Jack reencontra-se com seu outro eu, Tyler e trava com ele uma batalha pessoal, na qual só uma de suas duas personalidades poderia sobreviver. No intuito de exterminar Tyler, Jack dá um tiro na boca. Por incrível que possa parecer, ele consegue sobreviver e Tyler desaparece por completo, pois naquele momento a dissociação mental já não era mais necessária, pois a vida de Jack estava menos vazia, com a presença de Marla.

Os companheiros do projeto de destruição, que haviam acabado de deixar furgões com dinamite em locais estratégicos dos prédios que seriam detonados, trazem pacotes de salgadinhos e latas de cerveja para assistir, daquele local privilegiado, o espetáculo que prepararam e que se concretizaria em alguns segundos. Parecia que estavam indo ao cinema assistir a um filme de ficção científica, pois também agiam de forma dissociada. Levam Marla com eles sob custódia e se assustam ao ver a cabeça de Jack/Tyler dilacerada pelo tiro. Jack/Tyler, procura ficar sozinho com Marla e tenta tranquilizá-la.

“Eu estou bem de verdade. Confie em mim, tudo vai ficar bem. Você me conheceu em uma fase muito estranha da minha vida (Jack/Tyler)”.

Repete a frase tranquilizadora que Bob costumava dizer a ele durante os encontros do grupo de auto-ajuda, mas sua fala é interrompida pela cena das explosões dos prédios ao redor do seu, o que lembra muito a tragédia do World Trade Center, e o casal assistiu de mãos dadas a este teatro de destruição em massa – Jack/Tyler reage como se não fosse o responsável por tamanha atrocidade. Diante de uma cena de tamanha gravidade e violência, é difícil imaginar que as coisas poderiam acabar bem e que seriam felizes para sempre.

4.3. Clube da Luta Assistido a partir de um Olhar Psicanalítico: os Campos do Imaginário

CAMPO SER OU NÃO SER, EIS A QUESTÃO A busca desesperada por uma sensação de existência genuína. Existo quando...	
Compro, logo existo	A posse de objetos concede uma sensação de existência. No exato momento em que passo a possuir o objeto, me sinto vivo.
Sofro, logo existo	Sentir dor concede uma sensação de existência.
Apanho, logo existo	No momento em que sinto dor, sou espancado e vejo meu sangue saindo do corpo ou um hematoma surgindo e depois desaparecendo em meu corpo, isto me concede a sensação de existência, de que estou vivo.
Roubo, logo existo	1) A adrenalina de fazer algo proibido e perigoso (roubar, assaltar) faz com que me sinta vivo. 2) O outro e eu somos iguais, eu encontrei a liberdade na perda da esperança, então faço o outro chegar ao fundo do poço (ameaçando sua vida no assalto), para que ele se sinta como eu e possa viver no dia seguinte a sensação de liberdade e valorizar mais sua vida. Sinto-me vivo, quando ajudo alguém (que sou eu) a se sentir vivo.
Destruo, logo existo	1) O ódio, a inveja, a vingança contra tudo e todos (pessoas e sociedade) que já me prejudicaram ou me provocaram frustração fazem com que me sinta vivo e poderoso. Quando me vingo, saio de uma sensação de impotência diante da vida para uma sensação de onipotência. Além disso, falam de mim na mídia e nos jornais, pois fiz algo que se tornou público, existo nas páginas policiais, existo na mídia, portanto sinto-me vivo e poderoso. 2) Quando quebro ou destruo algo belo ou mato alguém, presencio os instantes de transformação deste objeto material ou humano, de algo belo para algo feio, do íntegro ao despedaçado, do útil ao inútil, do vivo ao morto. Ao fazer parte disso, me sinto vivo e especial. Cabe a mim, naquele momento, decidir sobre a vida e a morte. Naquele momento eu sou Deus.
Tronso, logo existo	Quando faço sexo, toco e sou tocado por outro corpo, percebo que estou vivo.
Encontro o outro, logo existo	Perceber que há outro ser humano, igual a mim, com o qual mantenho uma relação de objeto ou de dependência, temo perder a sua presença e ficar sozinho novamente. Quando estou na presença dele, ficamos tão conectados que ele sou eu e eu sou ele, então me sinto vivo e protegido.

Sentir-se vivo e real é... Existir é... Existo quando...

Os campos do imaginário que foram criados/encontrados, serão enumerados conforme a sequência segundo a qual o personagem Jack os vivenciou no filme.

A. Compro, logo existo:

O campo “compro, logo existo” é aquele que se organiza em torno da crença de que a posse de objetos concede uma sensação de existência. No exato momento em que passo a possuir o objeto, me sinto vivo.

B. Sofro, logo existo:

O campo “sofro, logo existo” é aquele que se organiza em torno da crença de que sentir dor concede uma sensação de existência.

C. Apanho, logo existo:

O campo “apanho, logo existo” é aquele que se organiza em torno da crença de que no momento em que sinto dor, sou espancado e vejo meu sangue saindo do corpo ou um hematoma surgindo e depois desaparecendo em meu corpo, isto me concede a sensação de existência, de que estou vivo.

D. Roubo, logo existo:

O campo “roubo, logo existo” é aquele que se organiza em torno da crença de que a adrenalina de fazer algo proibido e perigoso (roubar, assaltar) faz com que me sinta vivo.

Outra possibilidade de definição para este campo surge quando o roubar ou o assaltar encontram-se associados a uma ameaça à vida de outra pessoa, mas que não se inclui no campo que será descrito a seguir, pois no filme fica claro que a intenção de Tyler não era matar a vítima do assalto, realizado na loja de conveniência, mas sim fazê-la crer que sua vida estava em risco. Neste caso pode-se pensar em outra forma de definição para este campo.

O campo “roubo, logo existo” também pode ser descrito como aquele que se organiza em torno da crença de que o outro e eu somos iguais, eu encontrei a liberdade na perda da esperança, então faço o outro chegar ao fundo do poço, para que ele se sinta como eu e possa viver no dia seguinte a sensação de liberdade e valorizar mais sua vida. Sinto-me vivo, quando ajudo alguém (que sou eu) a se sentir vivo.

E. Destruo, logo existo:

O campo “destruo, logo existo” é aquele que se organiza em torno da crença de que o ódio, a inveja, a vingança contra tudo e todos (pessoas e sociedade) que já me prejudicaram ou me provocaram frustração fazem com que me sinta vivo e poderoso. Quando me vingo, saio de uma sensação de impotência diante da vida para uma sensação de onipotência. Além disso, falam de mim na mídia e nos jornais, pois fiz algo que se tornou público, existo nas páginas policiais, existo na mídia, portanto sinto-me vivo e poderoso.

Outra possibilidade de definição deste campo baseia-se em um paradoxo segundo o qual o sentir-se vivo ocorre através da percepção e do acompanhamento da chegada da morte, compreendida também como um símbolo da destruição no momento em que ela ocorre.

O campo “destruo, logo existo” também pode ser aquele que se organiza em torno da crença de que quando quebro ou destruo algo belo ou mato alguém, presencio os instantes de transformação deste objeto material ou humano, de algo belo para algo feio, do íntegro ao despedaçado, do útil ao inútil, do vivo ao morto. Ao fazer parte disso, me sinto vivo e especial. Cabe a mim, naquele momento, decidir sobre a vida e a morte. Naquele momento eu sou Deus. Além

disso, falam de mim na mídia e nos jornais, pois fiz algo que se tornou público, existo nas páginas policiais, existo na mídia, portanto sinto-me vivo e poderoso.

F. Transo, logo existo:

O campo “transo, logo existo” é aquele que se organiza em torno da crença de que quando faço sexo, toco e sou tocado por outro corpo, percebo que estou vivo.

G. Encontro o outro, logo existo:

O campo “encontro o outro, logo existo” é aquele que se organiza em torno da crença de que ao perceber que há outro ser humano, igual a mim, com o qual mantenho uma relação de objeto ou de dependência, temo perder a sua presença e ficar sozinho novamente. Quando estou na presença dele, ficamos tão conectados que ele sou eu e eu sou ele, então me sinto vivo e protegido.

Os sete campos descritos são sub-campos de um campo que abrange os demais, chamado de “**ser ou não ser**”, que representa a busca desesperada por uma sensação de existência genuína.

4.4. Ponto de Vista das Personagens: Seleção de Frases do Filme “Clube da Luta”

A. Compro, logo existo:

1. *(Jack) Como tantos outros, me tornei um escravo do consumismo instintivo caseiro.*
2. *(Jack) Eu costumava ler pornografia, agora leio catálogo de compras.*

3. *(Jack) Eu rastreava o catálogo de compras e me perguntava: que tipo de porcelana me define como pessoa?*
4. *(Jack) Estava sem dormir há seis meses. Com insônia nada é real. Tudo é a cópia, da cópia, da cópia.*
5. *(Jack) Quando se tem insônia, você nunca dorme de verdade e nem fica acordado direito.*
6. *(Jack sobre suas viagens de avião) Esta é a sua vida e se desfaz a cada minuto. Se você acorda em horas diferentes, lugares diferentes, poderia acordar uma pessoa diferente? Aonde eu vou, vida em miniatura, vida “porção única”, “amizades porção única”.*
7. *(Jack durante um voo) Toda vez que um avião sacudia muito na decolagem ou no pouso, eu rezava por uma queda ou colisão no ar, qualquer coisa. O seguro de vida paga três vezes mais se você morrer em uma viagem de negócios.*
8. *(Tyler fala para Jack) Você tem certo desespero na sua risada.*
9. *(Tyler durante um voo) Procedimentos de emergência há dez mil metros de altura. É a ilusão de segurança.*
10. *(Tyler durante um voo) Pouso de emergência na água há trezentos e cinquenta quilômetros por hora. (Aponta para os encartes com instruções de segurança das companhias aéreas) Estes rostos sem expressão, calmos, como vacas hindus.*
11. *(Jack comenta sobre seu apartamento que pegou fogo) Eu tinha tudo. Tinha um aparelho de som legal, uma coleção de roupas bem respeitável. Estava próximo de me sentir completo. Que droga, agora tudo acabou.*

12. *(Jack comenta sobre seu apartamento que pegou fogo) Aquele apartamento era a minha vida. Não foi só uma série de coisas que foi destruída, fui eu.*

13. *(Tyler) Somos consumidores. Somos o sub-produto de uma obsessão por um estilo de vida. Assassinato, crime, pobreza, estas coisas não me interessam. O que me interessa são revistas de celebridades, televisão com quinhentos canais, marcas famosas nas minhas cuecas, Rogaine, Viagra, Olestra.*

14. *(Tyler) As coisas que possuí acabam possuindo você!*

15. *(Tyler) Eu diria para nunca ser completo, parar de querer ser perfeito. Vamos nos expandir. Deixe as coisas serem como são.*

16. *(Jack comenta a sua vida familiar) Eu não conheço o meu pai. Quero dizer, eu o conheço, mas ele nos deixou quando eu tinha uns seis anos. Casou com outra mulher e teve outros filhos. Ele fazia isto a cada seis anos. Ia para outra cidade e começava outra família.*

17. *(Tyler comenta a sua vida familiar) Meu pai nunca fez faculdade, então era importante que eu fizesse. Aí eu me formei, liguei para ele e perguntei: - E agora pai? E ele disse: - Arruma um emprego. E quando estava com vinte e cinco anos, fiz minha ligação anual e disse: - Pai, e agora? E ele disse: Eu não sei, porque não se casa?*

18. *(Jack comenta a sua vida familiar) É igual a mim. Eu não posso me casar. Sou um garoto de apenas trinta anos.*

19. *(Tyler comenta sobre o casamento) Somos uma geração de homens criados por mulheres. Eu gostaria de saber se realmente outra mulher é a resposta que a gente precisa.*

20. *(Jack) Tinha pena dos caras que ficam trancados nas academias tentando ficar com o corpo que Calvin Klein ou Tommy Hifiger disseram para ficarem. É assim que um homem tem que ser?*

21. *(Tyler) Eu vejo no clube da luta os homens mais fortes e inteligentes que já viveram. Eu vejo todo este potencial desperdiçado. Que droga, uma geração inteira enchendo tanques de gasolina, servindo mesas, ou escravos do colarinho branco. Os anúncios nos fazem comprar carros e roupas, temos empregos que odiamos para comprar porcarias que não precisamos. Somos uma geração inteira sem peso na história, sem propósito, nem lugar. Nós não temos grandes guerras ou grandes depressões. Nossa grande guerra é a guerra espiritual e nossa grande depressão é nossa vida. Todos nós fomos criados através da televisão para acreditar que um dia seríamos milionários, deuses do rock e estrelas de cinema, mas nós não somos. E devagar vamos aprendendo isso. Nós estamos muito revoltados. Essa semana cada um de vocês vai ter um dever de casa. Vocês vão começar uma briga com alguém e vão perder. Mas isso não é tão fácil. Pessoas normais fazem de tudo para evitar uma briga.*

22. *(Jack comenta sobre o sabão que fabricavam com gordura humana) Era incrível, a gente vendia para as mulheres ricas suas próprias gorduras de volta.*

23. *(Tyler) Você não é o seu emprego, nem quanto ganha, nem o dinheiro que tem no banco, nem o carro que dirige, nem o que tem na carteira. Não é a calça que veste. Você é a merda do mundo, que faz tudo para chamar a atenção.*

24. *(Jack conversando com Marla) Por que um fraco tem que grudar no mais forte?*

25. *(Jack) A casa tomou vida própria. Planeta Tyler.*

26. *(Jack) Estou só, meu pai me abandonou, e Tyler também. Sou o coração partido do Jack.*

27. *(Tyler) Você queria um jeito de mudar sua vida. Não podia conseguir sozinho. Tudo o que gostaria de ser, sou eu. Eu pareço e transo do jeito que queria parecer e transar. Sou esperto, capaz, e o mais importante, eu sou liberado de todas as maneiras que você não é. As pessoas fazem isso todos os dias. Falam consigo mesmas, veem-se como gostariam de ser. Só não têm a sua coragem de, simplesmente, levar adiante. Você ainda se debate um pouco, é por isso que às vezes você é você. Às vezes você me assiste. Pouco a pouco, você está se transformando em Tyler Durden.*

28. *(Marla) Cale a boca! Eu tentei. Tem coisas em você que eu gosto. É inteligente, divertido, é maravilhoso na cama, mas você é insuportável. Você tem problemas emocionais que são muito sérios. Problemas profundos que precisam de ajuda profissional. Não posso continuar.*

B. Sofro, logo existo:

1. *(Jack) Estava sem dormir há seis meses. Com insônia nada é real. Tudo é a cópia, da cópia, da cópia.*

2. *(Jack) Quando se tem insônia você nunca dorme de verdade e nem fica acordado direito.*

3. *(Thomas, membro do grupo de câncer de testículo) Sempre quis ter três filhos: dois meninos e uma menina. A Mindy queria duas meninas e um menino. Jamais conseguíamos concordar com nada. Como sabem, ela teve o seu primeiro bebê na semana passada, uma menina, com o seu novo marido. Que droga! Graças a Deus, sabe... Fico feliz por ela, porque ela merece! (Cai em prantos).*

4. *(Coordenador do grupo de pacientes com câncer no testículo) Pessoal, vamos agradecer o Thomas por ter se aberto conosco. Eu olho nesta sala e vejo muita coragem e isto me dá forças. Nós damos forças uns aos outros. Está na hora das duplas, vamos todos seguir o exemplo de Thomas e nos abrir realmente.*

5. *(Bob, membro do grupo de pacientes com câncer de testículo) Eu era um espremedor, usava esteróides, Wisterol, usavam isso em cavalos de corrida, acredita? E agora estou falido, divorciado, meus dois filhos nem retornam meus telefonemas.*

6. *Chloe (membro do grupo de pacientes com câncer) Eu ainda estou aqui, mas eu não sei por quanto tempo ainda. Esta é toda a certeza que os médicos podem me dar, mas tenho boas notícias, não tenho mais medo da morte (palmas). Mas estou muito só. Ninguém quer fazer sexo comigo. Estou tão perto do final e tudo o que quero é uma última transa. Tenho filmes pornográficos no meu apartamento, lubrificantes e afrodisíaco. (A coordenadora do grupo a corta) Obrigada, Chloe. Todos nós vamos agradecer a Chloe (Aplausos).*

7. *(Bob, membro do grupo de pacientes com câncer de testículo) Ainda somos homens?*

8. *(Jack referindo-se aos grupos de auto-ajuda) Gente estranha com este tipo de honestidade me faz chorar. Então algo aconteceu, eu me soltei. Perdido no esquecimento, no escuro, silencioso e completo, eu encontrei a liberdade na perda de esperança. Bebês não dormem tão bem assim (sua insônia passou após a ida aos grupos). Eu fiquei viciado. Eu não dizia nada, as pessoas assumiam que era o pior. Eles choravam, eu chorava mais.*

9. *(Bob, membro do grupo de pacientes com câncer de testículo) Anda Cornellius (nome falso usado por Jack para freqüentar o grupo), vá em frente, pode chorar. Vai indo muito bem. Está tudo certo! (Abraçam-se e choram juntos).*

10. *(Jack sobre sua participação nos grupos de auto-ajuda) Eu não estava morrendo de verdade, não era hospedeiro de câncer ou de parasita algum. O mundo todo girava à minha volta. Toda a noite eu morria, aí eu renascia, ressuscitado.*

11. *(Jack) Bob me amava porque pensava que eu tive os meus testículos removidos também. Ficar ali, pressionado entre os peitos de Bob, pronto para chorar. Esta era minha vocação, e ela (referindo-se à Marla) estragou tudo.*

12. *(Jack) Marla, a grande turista. Sua mentira refletia a minha. E, de repente, não sentia mais nada. Não podia chorar e, novamente, não podia dormir. Se eu tivesse mesmo um tumor, eu o chamaria de Marla. O machucado que sararia se eu pudesse parar de mexer nele, mas não posso.*

13. *(Jack) A filosofia de Marla é que poderia vir a morrer a qualquer hora. A tragédia é que nunca acontecia.*

14. *(Marla ao fazer uma tentativa de suicídio) Já ouviu alguma vez o som da morte?*

C. Apanho, logo existo:

1. *(Tyler) Você pode me fazer um favor, me acerte o mais forte que puder.*

2. *(Tyler) Como você quer conhecer a si mesmo se nunca entrou numa briga. Eu não quero morrer sem nenhuma cicatriz.*

3. *(Jack) Durante a semana, nós éramos os certinhos, mas, todos os sábados, descobríamos algo novo. Aos poucos descobríamos que não estávamos*

sozinhos. Antigamente, quando chegava em casa com raiva ou deprimido, eu limpava o apartamento, polia meus móveis escandinavos.

4. (Jack) Após a luta parece que todas as coisas da vida abaixam de volume.

5. (Jack) Esse cara do meu trabalho, o Ricky não conseguia se lembrar se você havia pedido caneta azul ou preta. O Ricky estava vencendo, por dez minutos foi Deus quando derrotou o maitrê de um restaurante local.

6. (Jack) Não havia outro lugar para você se sentir mais vivo. Mas o clube da luta só existe nas horas em que o clube da luta começa e quando o clube da luta termina. Mesmo que eu dissesse para alguém que teve uma boa luta, eu não estaria falando com a mesma pessoa. Quem você era no clube da luta não era quem você era para o resto do mundo.

7. (Jack) O clube da luta não significava ganhar e perder. Não significava palavras. Quando a luta acabava nada era resolvido, mas nada importava. Depois da luta todos se sentiam salvos. O clube da luta se tornou o motivo para cortar o cabelo ou aparar as unhas.

8. (Tyler enquanto fazia a queimadura química em Jack) Não afaste a dor. Essa é a sua dor, é sua mão queimando! Sem dor, nem sacrifício, não teríamos encontrado nada. Esse é o maior momento de sua vida e você se manda para outro lugar (Jack tenta meditar para suportar a dor).

9. (Jack conversa com Tyler) Se pudesse lutar com alguém, com quem lutaria? Eu lutaria contra o meu chefe. E você, com quem lutaria?

10. (Tyler) Eu lutaria contra o meu pai.

11. (Bob conversa com Jack após uma luta) Eu não te machuquei, né? (Jack) Na verdade machucou. (Bob) Obrigada por isso.

12. *(Jack) O clube da luta era um presente meu e do Tyler. Nosso presente para o mundo.*

13. *(Jack) Tinha pena dos caras que ficam trancados nas academias tentando ficar com o corpo que Calvin Klein ou Tommy Hifiger disseram para ficarem. É assim que um homem tem que ser? (Tyler) Auto-aperfeiçoamento é masturbação e autodestruição...*

14. *(Tyler) Eu vejo no clube da luta os homens mais fortes e inteligentes que já viveram. Eu vejo todo este potencial desperdiçado. Que droga, uma geração inteira enchendo tanques de gasolina, servindo mesas, ou escravos do colarinho branco. Os anúncios nos fazem comprar carros e roupas, temos empregos que odiamos para comprar porcarias que não precisamos. Somos uma geração inteira sem peso na história, sem propósito, nem lugar. Nós não temos grandes guerras ou grandes depressões. Nossa grande guerra é a guerra espiritual e nossa grande depressão é nossa vida. Todos nós fomos criados através da televisão para acreditar que um dia seríamos milionários, deuses do rock e estrelas de cinema, mas nós não somos. E devagar vamos aprendendo isso. Nós estamos muito revoltados. Essa semana cada um de vocês vai ter um dever de casa. Vocês vão começar uma briga com alguém e vão perder. Mas isso não é tão fácil. Pessoas normais fazem de tudo para evitar uma briga.*

D. Roubo, logo existo:

1. *(Jack comenta sobre o sabão que fabricavam com gordura humana) Era incrível, a gente vendia para as mulheres ricas suas próprias gorduras de volta.*

2. *(Tyler aponta uma arma na cabeça do funcionário de uma loja de conveniência, após roubar sua carteira) O que você queria ser? Sei onde mora,*

se não voltar a estudar veterinária em seis semanas, você estará morto. Corra. Corra, Forrest (Gump), corra. Estou enjoado. (Jack) Qual o propósito disto? Amanhã será o dia mais bonito da vida de Raymond K. Hessel. O seu café da manhã terá um sabor que nós nunca saberemos!

E. Destruo, logo existo:

1. *(Tyler) Nossos pais eram nossos exemplos de Deus, e nos abandonaram, como você descreveria Deus? Escute, tem que considerar a possibilidade de que Deus não goste de você e provavelmente ele te odeia. Isso (a queimadura) não é a pior coisa que pode te acontecer, nós não precisamos dele. Somos os filhos indesejáveis de Deus. Então, que seja. Só depois de perdemos tudo é que estamos livres para fazer qualquer coisa.*

2. *(Jack) Eu sou a vingança sorridente do Jack.*

3. *(Tyler) Dever de casa: sacrifício humano.*

4. *(Tyler aponta uma arma na cabeça do funcionário de uma loja de conveniência, após roubar sua carteira) O que você queria ser? Sei onde mora, se não voltar a estudar veterinária em seis semanas, você estará morto. Corra. Corra, Forrest (Gump), corra. Estou enjoado. (Jack) Qual o propósito disto? Amanhã será o dia mais bonito da vida de Raymond K. Hessel. O seu café da manhã terá um sabor que nós nunca saberemos!*

5. *(Jack) Ele tinha um plano: sem medo, sem distrações, a capacidade de deixar o que não importa deslizar de verdade.*

6. *(Tyler minutos antes de jogar o carro que dirigia em um barranco) O que gostariam de fazer antes de morrer?*

7. *(Jack) Eu sou o sentimento de rejeição do Jack. Senti vontade de atirar em todo panda que não transasse para salvar a própria espécie. Queria abrir as válvulas dos petroleiros e destruir aquelas praias francesas que jamais conheceria. Queria respirar fumaça. Tive vontade de destruir algo belo.*

8. *(Jack) Nunca estive envolvido em um acidente de carro antes. Acho que é assim que aquela gente se sentia antes de eu anotá-los como estatística em meus relatórios. (Tyler rindo de forma eufórica) Que droga! Vimos à morte de perto!*

9. *(Tyler comenta sobre o comitê de destruição: Amarraram a fundação de doze prédios com explosivos e aguardavam para assistir o espetáculo final) Está ficando excitante agora. Eu já nos decepcionei alguma vez? Pense em tudo o que alcançamos, no quanto você conquistou por minha causa.*

F. Transo, logo existo:

1. *(Marla) Quer saber se estávamos fazendo sexo ou fazendo amor? Você tem uma relação amorosa comigo, depois me esnoba. Você me ama, você me odeia. Você me mostrou seu lado sensível, daí se tornou um idiota. Isso descreve bem nosso relacionamento, não é Tyler?*

2. *Chloe (membro do grupo de pacientes com câncer) Eu ainda estou aqui, mas eu não sei por quanto tempo ainda. Esta é toda a certeza que os médicos podem me dar, mas tenho boas notícias, não tenho mais medo da morte (palmas). Mas estou muito só. Ninguém quer fazer sexo comigo. Estou tão perto do final e tudo o que quero é uma última transa. Tenho filmes pornográficos no meu apartamento, lubrificantes e afrodisíaco.*

G. Encontro o outro, logo existo:

1. *(Jack) Nunca estive envolvido em um acidente de carro antes. Acho que é assim que aquela gente se sentia antes de eu anotá-los como estatística em meus relatórios.*

2. *(Jack declara-se para Marla) Eu sei que tenho agido de maneira estranha ultimamente. Sei que pareço duas pessoas quando você está comigo. (Marla) Você é o médico e o monstro. (Jack) Estou tentando pedir desculpas, cheguei à conclusão de que gosto de você de verdade Marla. Eu me preocupo com você e não quero que nada de ruim lhe aconteça. Marla, sua vida corre perigo.*

3. *(Marla) Cale a boca! Eu tentei. Tem coisas em você que eu gosto. É inteligente, divertido, é maravilhoso na cama, mas você é insuportável. Você tem problemas emocionais que são muito sérios. Problemas profundos que precisam de ajuda profissional. Não posso continuar.*

4. *(Jack procura o plantão policial) Eu preciso que me prenda. Eu sou o líder de uma organização terrorista responsável por vários atos de vandalismo e assaltos por toda a cidade.*

5. *(Jack) Quando você magoa a quem você ama, é uma via de duas mãos. De repente eu me toquei de tudo isso: as bombas, a arma, a revolução tem algo haver com uma garota, Marla Singer.*

4.5. Diálogos com Winnicott sobre os Campos

“Ser ou não ser, eis a questão?” - indagou-se Hamlet, personagem que Shakespeare (1602) tornou mundialmente conhecido e que se encontrava diante de um sofrimento pessoal intenso, causado por ter tomado conhecimento de que

seu pai, rei da Dinamarca, havia sido assassinado por seu tio Cláudio, que ocupou seu lugar no trono - após ter se casado às pressas com sua mãe, a rainha Gertrudes. Hamlet ficou sabendo das terríveis circunstâncias da morte do pai pelo fantasma do falecido rei, que apareceu para ele e alguns soldados, e, nesta aparição, incumbiu o filho de vingar a sua morte. Esta missão colocou Hamlet diante de um dilema pessoal, pois teria que se tornar um assassino para vingar a morte do pai, mas se não o fizesse, não haveria outra forma de que a justiça fosse feita e que seu pai pudesse finalmente descansar em paz. O próprio futuro da Dinamarca dependia de sua decisão, já que o trono, naquele momento, era ocupado por um impostor, e as constantes disputas territoriais entre os reinos vizinhos ameaçavam o reinado da família de Hamlet, que, no final da peça, perdeu o seu território para Fortimbrás, príncipe norueguês. Em seu final trágico, Hamlet se suicidou, após vingar a morte do pai.

Hamlet estava de luto pela morte do pai, havia presenciado o casamento da mãe com seu tio e considerava-a uma traidora - da memória e do amor de seu pai -, questionava-se se sua mãe seria ou não cúmplice de seu atual marido no assassinato do monarca. Era apaixonado por Ofélia, mas não era correspondido em seu amor, passando a duvidar da fidelidade de seus melhores amigos, desconfiando de tudo e de todos. Este quadro provocou em Hamlet grande vulnerabilidade emocional e uma dissociação de sua personalidade, o que fez com que apresentasse sintomas psicóticos: alucinações auditivas e visuais, que ficaram evidentes no dia de seu encontro com o fantasma do pai e em relação à missão que passou a se atribuir desde então. O final trágico de sua história foi decorrente de sua impossibilidade de aguentar tamanha responsabilidade - atribuída por um outro (o pai) – que, na verdade, era ele mesmo, uma vez que o

encontro com o fantasma do pai foi um produto criado por sua própria dissociação mental.

O campo “ser ou não ser” foi inspirado na tragédia pessoal vivida por Hamlet e que apresenta diversas semelhanças com a história de Jack/Tyler Durden, pois ambos enfrentam intenso drama existencial, embora por motivos diversos, mas que acarreta intenso sofrimento psíquico. A tragédia de Hamlet foi analisada por Winnicott e será discutida no decorrer deste sub-capítulo enquanto representativa do campo “ser ou não ser”.

Dentro deste grande campo, foram definidos sete sub-campos que emergiram do uso do método psicanalítico, que se embasa na parceria fundamental: associação livre e atenção flutuante (Silva, 1993).

Os nomes dos sub-campos foram, por sua vez, inspirados em outra frase histórica, no caso, emprestada do filósofo e matemático francês, René Descartes (1637). “Penso, logo existo”, representou, também, um *insight* resultante de outro tipo de questionamento existencial, que para seu autor, daria sentido à existência humana. Aqui o uso que se faz de sua célebre frase, presente na obra: “O Discurso do Método”, não implica uma busca pela verdade absoluta, tampouco sofreria de alguma influência racionalista, pelo contrário; a intenção é a de gerar justamente um paradoxo em relação ao conceito racional da existência através do pensamento, para uma busca de uma existência baseada em princípios melhor ancorados nas vivências primitivas do bebê, etapa na qual pensar constitui função desconhecida e complexa. Nesta fase, o bebê, que ainda não existe a partir de seu próprio ponto de vista, busca a integração, e busca, ainda, possibilitar, através da experiência psicossomática, inserir sua mente dentro de seu próprio corpo. Esta busca por habitar o próprio corpo permite, em etapas futuras, caso o

processo de personalização seja bem sucedido, a conquista da capacidade de simbolizar e pensar. Estas considerações permitem concluir que foi estabelecida uma relação subversiva de uso, no sentido winnicottiano do termo, com a célebre frase de Descartes, atribuindo a ela novos sentidos, inspirados na teoria de Winnicott sobre o sofrimento de não se sentir vivo e real.

Em decorrência disso, o campo da existência narrado por Jack/Tyler Durden, no filme “Clube da Luta”, que, por sua vez, será compreendido aqui como um acontecer clínico ficcional, condicionou a existência às seguintes condutas humanas: comprar, sofrer, apanhar, roubar, destruir, transar e encontrar o outro.

O filme “Clube da Luta” foi assistido a partir de um olhar psicanalítico, tendo sido utilizada a regra fundamental da psicanálise para possibilitar a captação dos campos. Assim, neste sub-capítulo, será realizado um diálogo entre as ideias de Winnicott e os campos que emergiram do acontecer clínico ficcional, nas inúmeras vezes que o filme foi assistido e revisitado. Tornou-se importante ressaltar que o texto aqui produzido resultou de um dos pontos de vista possíveis de análise do filme, que poderia ser interpretado a partir de inúmeras perspectivas, dependendo dos objetivos e da perspectiva pessoal e/ou teórica do expectador, no caso em questão, do pesquisador.

Quando um pesquisador se propõe o desafio de realizar uma tese psicanalítica, Fábio Herrmann (1991) aconselha que seria interessante pensar o tema da forma mais ampla possível, baseando-se em um processo de pensar por ruptura de campo. Acredita-se que este deva ser um desafio de qualquer pesquisa psicanalítica séria, que pretenda se aprofundar e trazer novos olhares ou contribuições para temas abordados anteriormente por diferentes prismas ou

contextos. Marion Minerbo³⁴, durante o IV Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos, em sua de abertura das atividades, explica o conceito:

A psicanálise nasce com a criação e institucionalização de uma *forma de pensar* particular. Que forma de pensar é esta? Fábio costuma dizer que é um *pensamento fora da rotina*. A sexualidade, por exemplo, no pensamento rotineiro, relaciona-se com a vida sexual dos adultos. No entanto, quando Freud vê, no ato de sugar o seio (*Três Ensaíos*) ou no amor de si mesmo (*Narcisismo*), manifestações da sexualidade, ele está pensando fora do habitual. Num pensamento rotineiro, as fronteiras entre normalidade e patologia são claramente demarcadas. Num pensamento fora da rotina, a normalidade é impregnada de elementos encontrados na patologia – e a patologia mostra uma inteligibilidade que se imaginava exclusiva da normalidade. Esse trânsito do normal para o patológico e vice-versa só é possível para um pensamento que não se deixa aprisionar pela rotina. Finalmente, numa conversa rotineira com alguém, prestamos atenção no assunto principal. Numa conversa fora da rotina, prestamos atenção aos elementos marginais da conversa, e este é o começo da ruptura de campo. O pensamento por ruptura de campo é uma forma de pensar que produz um tipo de conhecimento sobre o homem ao qual não acederíamos de outra forma (In: Herrmann et. al., 2008, p.19-20).

As considerações acima serão importantes, tanto para o tema do presente trabalho, como para enfatizar que tanto Winnicott como Bauman buscam realizar em suas obras, cada um segundo sua própria perspectiva, um pensamento por ruptura de campo. Assim como o desafio desta pesquisadora seria o de aproveitar os diálogos com estes dois autores, de modo a enriquecer a discussão sobre as diferentes formas nas quais o sofrimento humano se manifesta na sociedade contemporânea, considerando abordar o tema em uma conversa com os escritos winnicottianos, neste sub-capítulo, e posteriormente, no próximo sub-capítulo, o mesmo processo ocorrerá com a perspectiva trazida por

³⁴ Psicanalista, membro efetivo e docente da sociedade de Psicanálise de São Paulo, Doutora em medicina pela Escola Paulista de Medicina.

Bauman, no que diz respeito à compreensão da organização social contemporânea.

Jack/Tyler Durden apresentava um único sintoma que sabia nomear, a insônia, sofrimento concreto que se destacava em meio à sensação de insatisfação difusa que percebia, fruto de sua própria dissociação. Este sintoma foi seu companheiro durante todo o filme e era uma forma de denúncia de um sofrimento velado, incomunicável, indecifrável, assim como configurava um pedido de socorro. O sintoma representava um sofrimento real, que permeia todos os campos do imaginário. Chegou, inclusive, a buscar ajuda médica, pois sua insônia fez com que ficasse seis meses sem dormir, o que agravava sua sensação de despersonalização e o fazia se sentir a beira de um colapso. Quanto a isso, Winnicott escreveu:

No entanto, muito do que chamamos sanidade é, de fato, um sintoma, carregando dentro de si o medo ou a negação da loucura, medo ou a negação da capacidade inata de todo indivíduo de estar não-integrado, despersonalizado e sentindo que o mundo não é real. A falta de sono em quantidade suficiente produz tal efeito em qualquer pessoa. Igualmente importante, além da integração, é o sentimento de estar dentro do próprio corpo (...) Assim como a desintegração, o fenômeno psicótico da despersonalização também está relacionado ao retardamento da personalidade no início da vida (Winnicott, 1945, p.225).

Jack/Tyler Durden descrevia claramente a sensação de irrealidade, quando dizia que o mundo que experimentava com a insônia parecia uma sucessão de cópias das coisas, provavelmente, cópias mal feitas, que vão progressivamente perdendo a nitidez e ficando cada vez mais borradas ou de difícil visualização. O médico, que o atendeu no pronto atendimento hospitalar, menosprezou seu sofrimento e indicou que fosse conhecer o grupo de pacientes com câncer de testículo, pois concebia que esse tipo de doença orgânica grave é

o que configura uma forma justificada de sofrimento. Considera-se que a falta de preparo dos profissionais da área de saúde para diagnosticar as doenças da mente constitui um sério problema, só menos grave que o preconceito presente no imaginário coletivo sobre a loucura. E, como consequência, há muito pouca valorização dos tratamentos disponíveis na área de saúde mental, o que poderia explicar a postura do médico. Será que a história de Jack/Tyler Durden poderia ter um final diferente caso ele tivesse sido encaminhado para tratamento psicoterápico ou psiquiátrico? É algo impossível de responder, mas poder-se-ia imaginar que o primeiro momento no qual ocorre um pedido de ajuda poderia vir a ser crucial, pois determinaria o prognóstico do caso. Esta questão foi apontada por Winnicott, nas consultas terapêuticas (1971a):

Nessas ocasiões especiais, ocasiões estas que me fazem usar a palavra sagrada. Ainda esse momento sagrado pode ser utilizado ou desperdiçado. Se desperdiçado, a confiança que tem a criança de que será entendida é prejudicada. Se, por outro lado, é utilizado, então a confiança da criança de que será entendida é fortalecida. Haverá aqueles casos em que se faz um profundo trabalho na circunstância especial da primeira entrevista (ou entrevistas) e as mudanças resultantes na criança podem ser utilizadas pelos pais e aqueles que são responsáveis no meio social imediato, de modo que, considerando uma criança com dificuldade em relação ao desenvolvimento emocional, a entrevista resultará na dissolução da dificuldade e num movimento progressivo no processo de desenvolvimento. Em muitos casos, contudo, o trabalho feito nessa entrevista é simplesmente um prelúdio para uma psicoterapia mais demorada ou mais intensa, mas pode facilmente acontecer que uma criança esteja preparada para isso somente após experimentar o entendimento concernente a essa espécie de entrevista (p.13).

As considerações apresentadas mostram a importância de uma primeira entrevista que, quando bem realizada, pode determinar mudanças no quadro ou vinculação futura a processos psicoterápicos. Embora sua experiência nas consultas terapêuticas tenha ocorrido com crianças e suas famílias, pesquisas

recentes sobre a efetividade do plantão psicológico³⁵, enquanto modalidade terapêutica, demonstram resultados positivos com pacientes de todas as idades, em especial com adultos. O que reforça a necessidade de qualificação profissional para a execução do diagnóstico e/ou do tratamento dos transtornos mentais, muitas vezes mascarados por queixas clínicas, como é o caso da insônia.

O primeiro sub-campo a ser discutido é o “compro, logo existo”. Jack intitulava-se um escravo de um consumismo instintivo e buscava, ao fazer suas compras, encontrar objetos que pudessem defini-lo como pessoa, por exemplo, ao escolher que tipo de aparelho de jantar deveria comprar.

Marion Minerbo (2000), no livro “Estratégias de Investigação em Psicanálise³⁶”, apresentou um estudo de caso no qual Bia, sua paciente, tinha uma compulsão por comprar roupas de *grife*, um sintoma bastante comum da sociedade líquido-moderna (Bauman, 2007a). O ato de comprar foi discutido sob o vértice da compulsão, por se caracterizar por uma urgência, algo irresistível e incontrolável. Cada produto consumido impulsivamente era sentido como indispensável para a sua vida: “Logo percebemos que era sem o Rolex que corria perigo de vida: ‘sem ele’, explica-me Bia, ‘eu não seria ninguém’” (Minerbo, 2000, p.23).

O mesmo fenômeno foi vivido por Jack/Tyler, que, ao perder suas roupas, móveis e objetos de *grife* durante o incêndio em seu apartamento, afirmou ter perdido sua vida e não simplesmente bens materiais. Em função disso, a existência de Jack/Tyler, neste campo, totalmente submissa aos valores sociais

³⁵ Os interessados sobre o tema podem buscar maiores informações nas pesquisas de Zanone (2008) e Furigo (2006) e no livro organizado por Mahfoud (1999).

³⁶ Livro baseado em sua tese de doutorado.

dominantes, é transformada em uma vivência sem autenticidade, do tipo falso *self* (Winnicott, 1960), ou seja, em uma manobra defensiva para sobreviver.

A submissão proporciona recompensas imediatas e “está sempre associada a um viver constituído a partir do falso *self*. Ela vincula-se ao desespero, em lugar da esperança” (Abram³⁷, 1996, p. 230).

O desespero emerge em função do bebê vivenciar uma experiência de falha ambiental, perdendo a confiança de que a mãe-ambiente seja capaz de acolher suas necessidades e funcionar como ego auxiliar de forma satisfatória, de acordo com um nível de adaptação suficientemente bom, que seu lactente necessitaria em cada fase de sua vida. Conforme escreveu Vaisberg:

Toda vez que o sentido da continuidade de ser de alguém é interrompido, vale dizer, que sua possibilidade de estar presente à própria existência é barrada, há a possibilidade de uma retirada de si, enquanto o falso *self* assume o prosseguimento aparente da vida. Esse falso *self* pode enganar a todos, inclusive a própria pessoa, e isso pode parecer eficaz durante muito tempo. A única coisa que o falso *self* não atinge é exatamente a sensação de estar vivo, a sensação de ser real. Nesse caso, estaremos diante de uma verdadeira ausência de si mesmo de caráter nitidamente defensivo. (Vaisberg, 2002, p.18).

Alguns psicanalistas, em sua maioria de influência kleiniana, utilizam o termo personalidade “como se” para descrever fenômenos que Winnicott denominou como expressões do falso *self*. Assim como foi descrito nas palavras de Vaisberg, não se deve tomar como um fato a aparente normalidade observada nesses quadros, pois, na verdade, representa uma organização defensiva, com o intuito de encobrir um temor de um colapso iminente que está sendo negado (Winnicott, 1963f).

³⁷ Jan Abram dirigiu a *Squiggle Foundation*, onde foi responsável como professora pela formação de novos analistas e estudiosos da obra de Winnicott, autora do dicionário de palavras e expressões winnicottianas, denominado “A linguagem de Winnicott”.

Esta pesquisadora considerou este artigo de 1963³⁸ dos mais interessantes de sua obra, por trazer a problemática das angústias de tipo psicótico encobertas pelo funcionamento defensivo do falso *self*, de uma forma bastante didática, contribuindo diretamente para a identificação desses fenômenos na clínica. O medo do colapso, já vivenciado durante a fase de não-integração, mas que seria impossível de ser nomeado com clareza, por se tratar de uma experiência bastante primitiva – um período não verbal de dependência absoluta –, aparece encoberto através de queixas de futilidade e falta de sentido da vida, medo da morte, vida vazia e/ou marcada por uma não existência pessoal ou de vida autônoma (Winnicott, *op. Cit.*).

Algumas dessas queixas podem ser observadas nas personagens Jack/Tyler Durden, Marla e Bob, e passam a ser cada vez mais comuns nos consultórios de psicologia e de psiquiatria, assim como nos diversos serviços de saúde mental. Quanto ao significado da palavra colapso, nas palavras de Winnicott:

Notar-se-á que, embora haja valor em pensar que, na área das psiconeuroses, é a ansiedade de castração que jaz por trás das defesas, nos fenômenos mais psicóticos que estamos examinando é um colapso do estabelecimento do *self* unitário. O ego organiza defesas contra o colapso da organização do ego e é esta organização a ameaçada. Mas o ego não pode se organizar contra o fracasso ambiental, na medida em que a dependência é um fato da vida (1963f, p.71).

Este conceito, analisado a partir de uma perspectiva generalista, faz supor que sujeitos afortunados pela presença de uma mãe suficientemente boa são aqueles capazes de alcançar a individualidade enquanto valor social e um

³⁸ Este artigo intitula-se “O medo do colapso” (*Breakdown*) e encontra-se disponível no livro “Explorações Psicanalíticas” (Winnicott, 1989).

amadurecimento psicológico, desde que possam ter uma vida familiar minimamente estruturada.

O medo do colapso acompanhou Jack/Tyler Durden durante alguns campos do imaginário: “compro, logo existo” e “sofro, logo existo”, pois, nos demais campos, o fenômeno que se observou foi o próprio colapso em curso, quando começaram a surgir os sintomas psicóticos positivos, o que ocorreu através da crise, uma tentativa de superar a dissociação mental, sendo esta última representada no filme, pela aparição da personagem interpretada pelo ator Brad Pitt. Para Winnicott (1963f):

Afirmo que o medo clínico do colapso é um medo de um colapso que já foi experimentado. Ele é um medo da agonia original que provocou a organização da defesa que o paciente apresenta como síndrome de doença (p.72).

Em função disso, o contato com o grupo de auto-ajuda de pacientes com câncer de testículo acabou realmente sendo de grande auxílio, embora isso tenha se dado por razões diversas àquelas apresentadas pelo plantonista responsável por seu encaminhamento ao grupo; o que nos aproxima do segundo campo, uma vez que Jack/Tyler Durden transforma-se em um adepto regular de diversos grupos de auto-ajuda, passando a frequentar um grupo diferente por dia, usando nomes falsos e participando dos grupos somente como ouvinte. Passou a encontrar a liberdade na perda de esperança, como verbalizou no filme. Esse contexto permitiu pensar que a participação nos grupos possibilitou o retorno da esperança de ser compreendido e acolhido em seu sofrimento pelo ambiente, de

modo que foi possível abdicar das defesas e vivenciar o processo de crise, conforme explica Winnicott (1967)³⁹:

Minha atitude mudou quando vi que tenho que pensar em dois tipos de regressão, e uma delas é simplesmente uma retroação em uma direção que constitui o oposto do movimento para a frente do desenvolvimento. Vê-se aspectos regressivos aparecem e reconhece-se que os mecanismos de crescimento do indivíduo tornaram-se bloqueados. O outro tipo de regressão é inteiramente diferente, embora clinicamente possa ser semelhante. Neste tipo, o paciente regride por causa de uma nova provisão ambiental que permite a dependência (...) Isto me levou a ver que a enfermidade do paciente constitui uma expressão dos elementos *sadios* em sua personalidade, quando se relaciona a regressão com a provisão ambiental. O que quero dizer é que é uma coisa se o paciente simplesmente tem um colapso e outra se ele o tem em alguma nova provisão ambiental que oferece um cuidado confiável (153-154).

Este trecho demonstra que sanidade e loucura coexistem lado a lado, prevalecendo um dos pólos dependendo dos fatores ambientais, mas que o processo de desenvolvimento em marcha busca, sempre que possível, retomar seu curso, interrompido pela falha de cuidado adequado do ambiente, o que, no caso do filme, ocorreu com o auxílio dos grupos de auto-ajuda dos quais Jack/Tyler participou. Estatísticas recentes, apesar de demonstrarem a abrangência que os grupos de auto-ajuda têm alcançado nos Estados Unidos, oferecem preocupação, pois se tem priorizado buscar ajuda em grupos como este, em detrimento, muitas vezes, da realização de tratamento com profissionais de saúde (Yalom⁴⁰ e Leszez, 2007).

³⁹ O artigo citado chama-se “O conceito de regressão clínica comparado com o de organização defensiva”, disponível no livro “Explorações Psicanalíticas” (Winnicott, 1989).

⁴⁰ Psiquiatra e grupo-terapeuta norte-americano, professor emérito de psiquiatria da Universidade de Stanford, autor não somente de trabalhos científicos, mas de livros de ficção. Alguns de seus romances se tornaram *best-sellers* no Brasil, tais como “Quando Nietzsche Chorou” e “A cura de Schopenhauer”.

O número de participantes de grupos de auto-ajuda é estarrecedor. Um estudo de 1997, que antecede os grupos de apoio pela internet, relatou que 10 milhões de norte-americanos haviam participado de algum grupo de auto-ajuda no ano anterior e um total de 25 milhões já havia participado de algum grupo de auto-ajuda em algum momento do passado. Esse estudo concentrou-se exclusivamente em grupos de auto-ajuda que não tinham líderes profissionais. De fato, mais de 50% dos grupos de auto-ajuda têm algum tipo de liderança profissional, o que significa que uma medida mais correta da participação em grupos de auto-ajuda seria de 20 milhões de indivíduos no ano anterior e 50 milhões em geral – números que excedem em muito o de pessoas que tem alguma forma de cuidado profissional de saúde mental (Yalom e Leszez, 2005, apud Kessler, Mickelson & Zhao, 1997, p. 402).

Estes dados trouxeram surpresa e não incluem os dados de participantes de grupos de apoio via internet, o que ampliaria bastante os números apresentados. Jack/Tyler Durden encontrou nos grupos a possibilidade única de estar com pessoas que sofriam e que o acolheram bem, por deduzirem que ele era como eles, que sofria dos mesmos males que eles. Durante os grupos, surgiu uma proximidade com Bob, um dos integrantes do grupo de câncer de testículo, com quem fazia dupla na fase da atividade destinada a conversas mais privadas e na qual os participantes costumavam se abraçar, como expressão de apoio e afeto. Para quem não convivia com amigos e familiares – pessoas com as quais pudesse estabelecer trocas afetivas –, encontrou nas atividades grupais, a condição mais próxima de uma relação de “amizade” e “carinho”.

O modelo cognitivo seria o mais comumente adotado pelos coordenadores de grupos de auto-ajuda, pois suas regras de funcionamento seriam de fácil assimilação para coordenadores e membros novos (Yalom e Leszez, 2005). No filme, cada grupo tinha uma forma peculiar de administrar suas regras de funcionamento e contavam com um número considerável de participantes.

O que explica o uso disseminado e a aparente eficácia dos grupos de auto-ajuda? Eles são abertos e acessíveis, e oferecem apoio psicológico

a qualquer um que compartilhe as características que definem o grupo. Enfatizam o conhecimento *interno* em vez do *externo* – em outras palavras, os recursos disponíveis no grupo, em vez dos disponíveis com especialistas externos. A experiência compartilhada dos membros torna os colegas e especialistas confiáveis. Comparações construtivas e mesmo inspiração podem ser obtidas com os colegas, de um modo que não ocorre com os especialistas externos. **Os membros são simultaneamente provedores e consumidores do apoio**, beneficiando-se com ambos os papéis – seu amor próprio aumenta com o altruísmo, **e o contato com pessoas que superaram problemas semelhantes instila esperança**. Desvia-se a ênfase da patologia, reduzindo também a dependência (Yalom e Leszcz, 2005, p.403)⁴¹.

Outra explicação para a popularidade dos grupos de auto-ajuda nos Estados Unidos seria o fato do sistema de saúde local ser prioritariamente privado e de que muitas das doenças que originam a montagem de um grupo não se encontrem incluídas nas ofertas de tratamento do sistema profissional de cuidado de saúde. Além disso, um dos objetivos dos grupos seria auxiliar na aceitação da enfermidade, o que beneficia, em especial, portadores de doenças estigmatizantes (Yalom e Leszcz, 2005).

Esta busca por enfrentar um perigo real, na companhia e com o apoio de outros indivíduos que sofrem de problemáticas semelhantes, baseia-se no princípio da realidade e torna possível aliviar a angústia provocada pela percepção de um perigo sem nome, aspectos estes que podem, por sua vez, fazer com que as fantasias assumam o controle, o que confere com a percepção do medo da catástrofe – descrita por Winnicott (1963f) e já mencionada anteriormente. As agonias primitivas, que representam, como uma de suas possibilidades, a perda do senso de real, configuram um retorno a um estado de não-integração, caracterizado por sensações de cair para sempre, de perda do

⁴¹ Grifos da pesquisadora.

conluio psicossomático (indivíduo não sentiria que habita o próprio corpo) e a perda da capacidade de estabelecer relações de objeto.

A psicose não é representante do colapso em si, pelo contrário, constituiria uma defesa, em geral, bem sucedida contra a agonia impensável, por isso, nestes casos, não haveria como ser efetivo em nomear a angústia, já que ela se remete a uma fase muito primitiva do desenvolvimento. Uma das formas pelas quais a agonia pode se manifestar na clínica psicanalítica é através de queixas de medo da morte. Esta foi uma experiência presente no filme, através da personagem Chloe, que estava com câncer em estágio avançado (Winnicott, *op. Cit.*).

O conceito de falso *self* e os quadros psicóticos referem-se à exclusão do ser de sua existência pessoal, consequência direta da desintegração e da despersonalização, processos estes deflagrados desde os primeiros vínculos do bebê com seu ambiente, e que ocorrem até mesmo em casos de aparente normalidade e em indivíduos bem adaptados socialmente, o que amplia a gravidade e a amplitude do problema a ser enfrentado pela sociedade de forma geral e por seus representantes, os especialistas em saúde. A sociedade contemporânea e as características que lhe são peculiares colocam seus habitantes diante de uma probabilidade cada vez maior de surgimento desta problemática, pois o ambiente, a sociedade, as políticas públicas, os serviços de saúde, psicólogos, psiquiatrias precisam se preparar para acolher as diferentes formas de sofrimento, expressas através dos males que afetam o corpo, a mente e os direitos individuais; o que não foi possível no filme. A partir de sua significativa experiência na clínica ampliada, Vaisberg alerta:

Não apenas aqueles pacientes que usam estratégias psicóticas de sobrevivência emocional, usualmente designados como psicóticos, lidam com a questão do ser ou com as agonias impensáveis. Esta dimensão ronda todos os seres humanos, tingindo-se de cores mais ou menos sombrias em diferentes formações culturais, mais ou menos aptas a prover sustentação emocional de indivíduos e grupos. Certamente o mundo globalizado em que vivemos, no qual o sentido do viver parece se esgarçar dolorosamente – ou, o que talvez seja pior, tediosa e futilmente - está longe de suprir necessidades emocionais fundamentais. Disto decorre que a clínica é cada vez mais procurada em função de vivências de perda de sentido e de ausência de desejo por pacientes que receberiam, na clínica psiquiátrica, diferentes diagnósticos (Vaisberg, 2006, p.117).

Diante deste quadro, é um árduo desafio pensar que os serviços de saúde e seus especialistas estariam sendo menos procurados para o tratamento das enfermidades psicossomáticas e dos quadros clínicos que acarretam sofrimento psíquico justamente por constituírem um conjunto de patologias que demandam acolhimento e orientação especializada (Yalom e Leszez, 2007). O filme denunciou isso em dois momentos, quando Jack buscou ajuda para tratar sua insônia e na forma como os coordenadores dos grupos de auto-ajuda lidavam com o sofrimento expresso por seus participantes.

Do ponto de vista desta pesquisadora, para discutir um campo amplo como este, que aborda a questão do sofrimento, é de fundamental importância apontar as questões apresentadas no filme, tanto àquelas centrais, foco deste estudo – a dificuldade de se sentir vivo e real –, quanto as formas como a sociedade tem cuidado do sofrimento psíquico, seja ele decorrente de doenças clínicas ou mentais.

Em consequência disso, a questão de como se dá a possibilidade de existência através do sofrimento, característica deste segundo campo, volta a ser foco desta análise, uma vez que o campo “sofro, logo existo” se organiza ao redor da crença de que sentir dor concede uma sensação de existência. Aqui, a dor

prioritariamente em questão seria a dor psíquica, ficando a dor física, em seu aspecto mais agudo, relacionada ao campo “apanho, logo existo”. Neste sentido, no filme, um elemento fundamental deste campo é a possibilidade de chorar, como forma de expressão e alívio de um sofrimento ou angústia, o que faz lembrar as etapas iniciais do desenvolvimento, nas quais o choro era uma das mais importantes formas de comunicação do bebê com seu ambiente. Uma das funções do *holding* é acolher o choro, interpretá-lo e oferecer uma ação de cuidado específica, por se tratar de um choro que representaria fome, sono, dor, manha, frio ou calor, sede, ou um chamado pela presença viva da mãe.

Quando o sofrimento humano pode ser acolhido (*holding*) e manejado (*handling*) de forma suficientemente boa pelo ambiente encarnado, há a alternativa de restauração do sentimento de esperança, e a opção por abrir mão de algumas defesas, de forma a possibilitar que o sofrimento apareça e receba o cuidado no nível adequado que o indivíduo demanda, permitindo que o processo de amadurecimento possa retomar seu curso natural a partir do ponto em que foi interrompido. Nos grupos, foi despertada a esperança de que poderia ser salvo de seu sofrimento pelo outro, mesmo que utilizasse do silêncio enquanto estratégia defensiva. A salvação, neste caso, seria algo mais do campo da fantasia onipotente, do que do cuidado real, já que o sofrimento em questão demandava outras estratégias de cuidados especializados.

Jack/Tyler Durden encontrou na figura de Bob, um homem com seios produzidos pelo uso de anabolizantes e pelo tratamento de seu câncer, o abraço continente que lhe permitiu chorar e voltar a dormir como um bebê, já que o contato humano acolhedor foi o único remédio para a insônia da personagem,

dentre todas as estratégias que utilizou para buscar/alcançar a sensação de existência.

A clínica winnicottina baseia-se fundamentalmente no *holding*, enquanto estratégia terapêutica fundamental, transmitindo para as funções terapêuticas, as tarefas de uma mãe suficientemente boa no cuidado com o seu bebê, conforme definiu Winnicott (1960a):

Protege da agressão fisiológica. Leva em conta a sensibilidade cutânea do lactente – tato, temperatura, sensibilidade auditiva, sensibilidade visual, sensibilidade à queda (ação da gravidade) e a falta de conhecimento do lactente da existência de qualquer coisa que não seja ele mesmo. Inclui a rotina completa de cuidado dia e noite, e não é o mesmo que com dois lactentes, porque é parte do lactente, e dois lactentes nunca são iguais. Segue também as mudanças instantâneas do dia-a-dia que fazem parte do crescimento e do desenvolvimento do lactente, tanto físico como psicológico (p.48).

Esta consideração ampla e objetiva auxilia na compreensão da complexidade da função materna, sendo que, no filme, nem sempre foi possível observar uma postura de acolhimento suficientemente bom por parte dos coordenadores dos grupos de auto-ajuda, enquanto representantes dessa função original. O coordenador do grupo de câncer de testículo, que pareceu ser um ex-paciente, foi acolhedor com a fala de Thomas sobre a perda da potência – consequentemente do casamento e do sonho de ser pai –, fala que apresentava o núcleo central do sofrimento dos pacientes que vivenciavam a doença. Embora tenha manejado a fala a partir de uma abordagem cognitiva, diferente da forma como a teoria psicanalítica ou uma psicoterapia de grupo o faria, conseguiu criar um espaço de acolhimento para a angústia do paciente. O mesmo não ocorreu no grupo de câncer da personagem Chloe. A coordenadora do grupo, que pareceu ser uma profissional da área da saúde, uma vez que utilizava técnicas de

relaxamento após a fase de verbalização das experiências, não conseguiu acolher minimamente a fala de Chloe, quando esta expressou que seu medo da morte havia passado, mas colocou, em seguida, que passou a ter medo de morrer sem ter uma última relação sexual. Não lhe foi possível acolher a demanda desesperada de existência de Chloe, relacionada à sexualidade, abordada no campo: “transo, logo existo”. Este campo se organiza em torno da crença de que, quando se faz sexo, ao ter o corpo tocado por outro corpo e ao retribuir este contato, seria **possível** ter, naquele momento, a sensação de estar vivo. Trata-se de uma forma de busca de uma existência baseada na tentativa de resgate do ser psicossomático, através do manuseio concreto do corpo, provocando um misto de dor, excitação e/ou prazer, através do sexo.

A conduta de não acolher o sofrimento relativo à sexualidade, e a ideia urgente, paradoxal e legítima de que a morte seria mais aceita se fosse possível, antes de sua chegada, se sentir viva através da sexualidade parece representar o avesso do *holding*. Pode ser vista como um alerta para que se avalie a qualidade da oferta de cuidados de saúde mental, tanto na rede básica de saúde, nos tratamentos alternativos, nos consultórios particulares, quanto nas instituições de ensino e pesquisa, responsáveis pela formação profissional.

A questão do falso *self* é outro núcleo central, que circulou horizontalmente pelos campos, embora sua expressão tenha sido qualitativamente diferente em cada campo, pois, nos campos “compro, logo existo” e “sofro, logo existo”, se define como parte do funcionamento de pessoas normais de tipo psicótico, o que se modifica nos campos “apanho, logo existo”, “roubo, logo existo” e “destruo, logo existo”. Nestes campos, as condutas vão se tornando progressivamente mais patológicas e denotam um quadro de psicose

clínica. Por sua vez, no campo “transo, logo existo” o quadro psicótico permanece presente, mas de uma forma menos patológica, com menos conseqüências graves (quando comparado aos três campos anteriores) e sugerindo um prognóstico melhor, uma vez que a construção de vínculos mais significativos entre Jack/Tyler Durden e Marla levaram à possibilidade de uma mudança qualitativa no funcionamento psíquico da dupla, que implicou maior amadurecimento emocional, presente no último campo: “encontro o outro, logo existo”, já que, neste momento, se desfez a dissociação mental e foi possível funcionar emocionalmente, a partir de um novo arranjo defensivo, que permite a existência de um mundo não-eu e de certa vontade de viver.

Considera-se que alguns acontecimentos no filme (além do vínculo com Marla) foram também responsáveis por esta mudança de campo, foram eles: a amizade com Bob e seu falecimento como membro do “comitê de destruição”; o fato de Marla passar a correr risco de vida em função de sua proximidade com o exército de Tyler, e o acidente de carro provocado por Tyler, no qual foi possível sentir na própria pele o que as pessoas, que compunham as estatísticas dos relatórios das apólices de seguro que Jack/Tyler costumava preencher durante anos de seu trabalho cotidiano, sentiam. Esta última situação faz com que estas pessoas deixem de ser vistas como objetos (números nas estatísticas) e passem a ser vistas como seres humanos que se acidentaram, sofreram ou perderam suas vidas. Neste sentido, estes acontecimentos possibilitaram a visão de um mundo não-eu e o desenvolvimento da capacidade de se preocupar, mesmo que ainda em um grau pouco elaborado, fruto da retomada de experiências iniciais rumo à personalização, à integração e das relações de uso do objeto.

Quando se aborda a questão da transformação da relação de objeto para uma relação de uso do objeto, torna-se necessário explicar este conceito complexo e inovador. Só se tornaria possível fazer uso de um objeto se ele fosse objetivamente percebido, o que implica na presença do elemento masculino. “Essa mudança (do relacionamento para o uso) significa que o sujeito destrói o objeto” (Winnicott, 1971a, p. 125). Quando o objeto é destruído mas sobrevive à destruição, o objeto passa a ter uma existência de valor para a pessoa, que passa a amá-lo e destruí-lo na fantasia, renunciando ao controle onipotente presente na relação com o objeto subjetivo, uma vez que não há raiva implícita neste impulso de destruir:

O sujeito agora pode usar o objeto que sobreviveu. É importante notar que não se trata apenas da destruição do objeto pelo sujeito, por estar o objeto fora da área de controle onipotente do sujeito. É igualmente importante o enunciado ao inverso, que é a destruição do objeto que o coloca fora da área do controle onipotente do sujeito. Dessa forma, o objeto desenvolve sua própria autonomia e vida e (se sobrevive) contribui para o sujeito, de acordo com suas próprias propriedades (Winnicott, 1971a, p.126).

Neste sentido, a destruição seria a responsável pelo processo de criação da realidade externa, cujos representantes precisam esforçar-se por sobreviver à destruição, sem retaliar a agressão sofrida, o que difere qualitativamente da teoria ortodoxa, na qual a agressividade surge como uma resposta ao princípio de realidade. Neste caso, criar o objeto buscaria garantir a própria condição de uma existência própria, separada, o que dependeria da capacidade do objeto de sobreviver, no entanto:

Ver-se-á que, embora “destruição” seja a palavra que estou utilizando, essa destruição real relaciona-se ao fracasso do objeto em sobreviver.

Sem esse fracasso, a destruição permanece potencial. A palavra destruição é necessária, não por causa do impulso do bebê a destruir, mas devido à suscetibilidade do objeto a não sobreviver, o que também significa sofrer mudança de qualidade, de atitude (*Op. cit.*, p.130).

Essas mudanças de qualidade e de atitude do objeto ficam bastante claras quando Jack/Tyler declara seu amor para Marla e a avisa do risco que estava correndo, buscando protegê-la de si mesmo, em um contexto em que ela estava decidida a não mais se relacionar com ele. Havia uma ameaça de perda deste relacionamento (baseado em uma identificação entre as duas personagens e estruturado, especialmente, através de um vínculo sexual), mas também uma possibilidade potencial de transformar-se, na opinião de Jack/Tyler, em um encontro com o outro separado de mim, ou seja, numa relação típica do último campo. Assim como foi possível perceber o mesmo processo no momento em que foi constatada a morte de Bob. Naquele instante, Tyler verbalizou ter perdido um amigo, insistindo para que tivesse o enterro mais digno possível, dadas às circunstâncias. Além disso, fez uma mudança nas regras: o morto passou a ter nome e sobrenome, ou seja, passou a ter uma existência pessoal e social. Segundo Winnicott (1971a):

Pode-se observar esta seqüência: (1) O sujeito relaciona-se com o objeto. (2) O objeto está em processo de ser encontrado, ao invés de ter sido colocado pelo sujeito no mundo. (3) O sujeito destrói o objeto. (4) O objeto sobrevive à destruição. (5) O sujeito pode usar o objeto. O objeto está sempre sendo destruído. Essa destruição torna-se o pano de fundo inconsciente para o amor a um objeto real, isto é, um objeto situado fora da área do controle onipotente do sujeito (p131).

Esta concepção aponta para o valor positivo da destrutividade, uma das marcas registradas da obra de Winnicott. Seu valor positivo pode ser percebido,

também, nos campos “apanho, logo existo” e “roubo, logo existo”, mesmo que através de demonstrações de condutas mais patológicas.

Um grande desafio foi buscar entender, do ponto de vista das personagens integrantes do “Clube da Luta” e do campo “apanho, logo existo” – as expressões de prazer, estampadas em suas faces, no momento em que espancavam a si mesmos, apanhavam, sentiam dores, sangravam, batiam, faziam o parceiro sangrar, sentir dor e, depois, agradeciam aos oponentes pela luta; mal podendo esperar pelo próximo confronto. Não parecia se tratar de um quadro sado-masoquista, mas de algo mais primitivo, já que foram feitas menções claras no filme de que, através das lutas, era possível conquistar a sensação de estar vivo. Esta ideia representou uma luta entre a vida e a morte, numa tentativa de resgatar novamente a relação psicossomática e poder retomar o processo de personalização, interrompido no passado, o que permitiria, através de meios extremos, o resgate da sensação de habitar o próprio corpo, anestesiada até então, em função da dissociação mental e da rigidez defensiva contra agravamento do colapso em curso. Como explicou Winnicott (1963):

Em contrapartida, a agressão experimentada pelo lactente, que faz parte do erotismo muscular, do movimento, e de forças irresistíveis encontrando objetos imóveis, esta agressão e as idéias ligadas a ela levam ao processo de colocar o objeto separado do *self* na medida em que o *self* começa a emergir como uma entidade. Na área do desenvolvimento, que é anterior à conquista da fusão, tem de se considerar o comportamento do lactente que é reativo a falhas do ambiente favorável, ou da mãe-ambiente, e isso pode parecer agressão; na realidade é sofrimento (p165).

A motilidade é a raiz do comportamento agressivo no desenvolvimento normal. No desenvolvimento patológico, a agressão passa a constituir um importante sintoma da tendência antissocial, assim como a mentira e o roubo:

Há sempre duas vertentes da tendência anti-social, embora a ênfase recaia por vezes mais sobre uma do que sobre a outra. Uma das vertentes é representada tipicamente pelo roubo e a outra é a da destrutividade. Em *uma* das vertentes, a criança procura algo em algum lugar e, fracassando em seu intento, procura-o em outro lugar, quando tem esperança. Na *outra*, a criança busca o quantidade de estabilidade ambiental necessária para suportar o embate do comportamento impulsivo. Trata-se da busca por uma provisão ambiental perdida, uma atitude humana que, por ser confiável, proporciona ao indivíduo a liberdade de mover-se e agir e excitar-se (Winnicott, 1956a, p.410-411).

Neste sentido, o campo “apanho, logo existo” é aquele que se organiza em torno da crença de que, no momento em que se sente dor, em que ocorre um espancamento e o corpo começa a sangrar ou surgem hematomas, isto concede uma sensação de existência, de que há vida; o que se relaciona, novamente, com uma tentativa de resgate da integração mente e corpo, ou seja, do processo de personalização. Quanto mais intensa for a dissociação, maior será a necessidade deste resgate das sensações corporais, o que passa a ocorrer por meio de métodos cada vez mais extremos e radicais, como os apresentados no filme.

Este campo poderia auxiliar na compreensão, na vida cotidiana, da paixão de algumas pessoas por esportes como lutas marciais, boxe e em um nível menos complexo, pelas academias de ginástica (no caso de seus adeptos mais radicais), em razão de serem atividades que envolvem movimentação corporal intensa, dor física e de levarem à sensação de exaustão momentânea do corpo e/ou de prazer durante a liberação da endorfina e outras reações químicas.

Em outra perspectiva, poder-se-ia entender os campos “apanho, logo existo”, “roubo, logo existo” e “destruo, logo existo” como manifestações da tendência antissocial. Os campos “apanho, logo existo” e “destruo, logo existo”, ainda que tenham qualidades semelhantes, se diferenciam; no primeiro caso, a autoagressão não implica prejuízos a terceiros, assim como a agressão a

terceiros presente nas lutas quando estas ocorrem com o consentimento manifesto do outro lutador. Já no caso do campo da destruição é diferente, pois a onipotência e a barbárie falam mais alto, e qualquer regra social pode ser quebrada, inclusive, uma das condutas foi a homicida. Em relação a esses fenômenos Winnicott, escreveu:

A desin-tegração implica numa rendição aos impulsos, que passam a agir sem controle. Posteriormente isto provoca a idéia de impulsos igualmente descontrolados (pois estão dissociados) dirigidos contra o eu (Winnicott, 1945, p. 231).

As palavras acima auxiliam na compreensão dos processos subjacentes aos campos “apanho, logo existo”, “roubo, logo existo” e “destruo, logo existo”. No filme, o roubo apareceu em condutas diferenciadas: o roubo do carro esporte no aeroporto, o roubo da gordura humana da clínica de lipoaspiração, utilizada na fabricação de sabão e de explosivos e, no assalto realizado na loja de conveniência, no qual ocorreu o roubo da carteira do funcionário, cuja vida foi ameaçada caso não voltasse a estudar. Neste último exemplo, mesmo que se levasse em consideração que Tyler não tinha realmente intenção de matar o funcionário, sua atitude implica em patologia grave e numa não diferenciação entre mundo interno e mundo externo, pois o outro era visto como uma parte de si mesmo. Tyler usa seu referencial particular, projetando-o no mundo externo, numa relação típica de objeto subjetivo. Sua lógica relaciona-se a uma universalização de sua experiência particular, sendo que acredita, de forma onipotente, que seria capaz de produzir as mesmas reações que viveu nos demais seres humanos – encontrar a liberdade na perda da esperança.

Neste sentido, o campo “roubo, logo existo” pode ser compreendido como aquele que se organiza em torno da crença de que, como o outro e eu somos iguais, tento fazer o outro chegar ao fundo do poço para que se sinta como eu e para que, posteriormente, possa viver a mesma sensação de liberdade, o que lhe permitiria valorizar mais sua vida. Seria, enfim, possível sentir-se vivo, quando se “ajuda” alguém (que sou eu) a se sentir vivo, independentemente dos meios que se utiliza para alcançar esses objetivos.

Mais especificamente sobre o furto, Winnicott (1956a), escreveu:

O roubo localiza-se no centro da tendência anti-social, com seu correlato, o mentir. A criança que rouba um objeto não está em busca do objeto roubado, mas da mãe sobre a qual ela tem direitos. Esses direitos derivam do fato de que (do ponto de vista da criança) a mãe foi criada pela criança. A mãe correspondeu à criatividade primária da criança, tornando-se, assim, o objeto que a criança estava pronta para encontrar (p.411).

O roubo do carro foi descrito no filme quase como uma molecagem de criança. Ocorreu em uma cena secundária, demonstrando, do ponto de vista desta pesquisadora, um pedido por limites, por uma bronca ou uma intervenção de limite social, personificada no papel policial. Representa uma forma de desafiar as regras e o perigo, fazendo algo proibido, desafiando o ambiente social, mas, por outro lado, possibilitando a adrenalina e o prazer de dirigir um moderno carro esporte, assim como o faz seu dono, uma vez que o carro não foi comercializado ou transformado em bem de troca. Pode ter sido uma ação de busca de se sentir vivo, tanto pela sensação de dirigir um carro veloz, o que o aproxima do campo “compro, logo existo”, quanto pelo fato de sentir os efeitos da liberação de adrenalina, por fazer algo proibido ou perigoso.

Na sociedade contemporânea, este processo de ser “viciado em adrenalina” poderia relacionar-se a um nível não patológico e que não implicaria em afronta às normas sociais ou à legislação vigente, com uma busca da existência através da prática de esportes radicais ou do uso de brinquedos mais radicais nos parques de diversão, nos quais estariam presentes necessidades de constante desafio de limites em condições extremas, implicando em riscos potenciais para o indivíduo. Como exemplo nos esportes, temos: paraquedismo, alpinismo, *rappel*, *raffiting*, surfe em ondas gigantes; quanto aos brinquedos em parques de diversão, poderiam se encaixar neste grupo as montanhas russas e outros brinquedos radicais.

Voltando ao campo “roubo, logo existo”, no caso do roubo da gordura na clínica de lipoaspiração, a atividade está cercada por um nível maior de risco e foi apresentada, no filme, como uma resposta irônica à sociedade, pois a gordura repudiada pelos frequentadores da clínica seria reciclada e transformada em outro bem de consumo, o sabão, que seria desejado e comprado, quem sabe, por seus “proprietários” anteriores. O tom de ironia se enfraquece quando, da gordura, se produz nitroglicerina e, com esta, a fabricação de explosivos, pois neste caso, o roubo adquire níveis de potencial destrutivo inimagináveis, como ocorreu na explosão dos prédios no final do filme, assumindo características de destruição, como no campo seguinte. Portanto, pode-se dizer que, no caso da fabricação de sabão, o roubo foi utilizado como uma forma mais típica de subsistência econômica, mas na produção de nitroglicerina, perdeu sua característica básica, passando a assumir um caráter terrorista, difícil de ser explicado a partir da concepção winnicottiana de tendência antissocial ou de delinquência, passando

para o campo das sociopatias, aqui compreendidas enquanto manifestações diversas de fenômenos psicóticos graves.

Na maioria das vezes, o sociopata seria alguém que não responde bem aos tratamentos tradicionais, por apresentar um quadro resultante de uma delinquência não tratada, e que foi se agravando em função dos tentadores ganhos secundários conseguidos através dos atos ilícitos. Entretanto, Winnicott não se aprofundou muito neste tipo de problemática, uma vez que sua grande preocupação foi com a tendência antissocial (Winnicott, 1963c, 1963e e 1963g⁴²).

Esta tendência anti-social é realmente muito comum em suas manifestações menores, uma vez que até certo ponto os pais devem falhar em satisfazer mesmo necessidades essenciais muitas vezes; mas estas falhas menores do ajustamento são corrigidas pelos pais com a criança vivendo uma vida do lar com a família. Os exemplos mais sérios de desapontar a criança (falha do ego auxiliar), contudo, dão à criança uma tendência anti-social e levam ao distúrbio de caráter e à delinquência. Quando as defesas se tornam enrijecidas e a desilusão é completa, a criança que foi afetada deste modo está destinada a ser psicopata, especializada em violência, roubo, ou em ambos; e a perícia que vai em um ato anti-social provê um ganho secundário, resultando que a criança perde o impulso de se tornar normal (Winnicott, 1963e, p.203-204).

O tratamento seria efetivo quando oferecido nos estágios patológicos iniciais, momento em que haveria, ainda, um pedido de socorro implícito dirigido às famílias e à sociedade, como forma de cobrança de reparação de uma dívida de cuidados com a criança, uma vez que teria direito a eles, buscando superar o vazio e o desespero vivenciados a partir do momento em que houve interrupção da provisão adequada dos cuidados em uma etapa de dependência relativa. Após os ganhos secundários transformarem-se na principal fonte de gratificação,

⁴² Os artigos em questão são respectivamente “Moral e educação”, “Os doentes mentais na prática clínica” e “Psicoterapia dos distúrbios de caráter”, disponíveis no livro “O ambiente e os processos de maturação” (1983).

substituindo, assim, o valor simbólico anteriormente ocupado pela função materna, muito pouco há a ser feito pelo indivíduo, restando somente como recurso à opção por medidas de proteção social contra os atos perversos e antissociais (Winnicott, 1963c e 1963e).

Vilete (2000), em seu artigo “Sobre *O homem morto que caminha*”, aborda a questão da sociopatia, fazendo uma análise do filme homônimo de Tim Robbins⁴³ (1995), que retrata a história de um condenado à pena de morte devido ao assassinato de dois jovens namorados, após estuprar a moça e esfaqueá-la repetidas vezes. O título do filme faz menção à frase que anuncia o exato momento do encaminhamento do prisioneiro para receber a injeção letal e que constitui uma forma de ritual para os guardas penitenciários nas prisões americanas. No entanto, esta frase peculiar pode representar, de forma mais ampla, o próprio tema aqui pesquisado, uma vez que este pode ser considerado o drama existencial de pessoas que passam a vida sem ter a sensação de uma existência verdadeira, como um paciente que foi, durante muitos anos, atendido por esta pesquisadora, que dizia a todos que já havia morrido, ainda que não se tratasse de uma morte clinicamente detectável, mas que se sentia morto em seu interior. Vejam um trecho em que Vilete (*op.Cit.*) descreve as características da personagem do filme, interpretada pelo ator Sean Pean:

“Você tem que ser apresentado como um ser humano”, já havia recomendado seu advogado, “para que poupem sua vida. Vão pensar no crime e em você como um monstro. **É mais fácil matar um monstro do que um ser humano.**” Apesar de ser também advertido por ele de que não gostariam de ver um assassino dando palpites sobre política, mais adiante declara, em um jornal, que não gosta do governo americano, que se pudesse, começaria de novo e **faria uma coisa útil, como virar terrorista e explodiria prédios do governo.** Sua arrogância se

⁴³ O título original do filme “*Dead Man Walking*” foi traduzido para o português como “Os últimos passos de um homem”.

mostrara já, desde o julgamento. Na entrada do tribunal, ao encontrar, de passagem, os pais da jovem que violentou, diz, irônico, provocador: “Não vou para a cadeira elétrica”. Chama o juiz de “chefe” e, mesmo quando o júri o declara culpado, sorri com desdém. Os episódios acima descritos deixam também evidentes os mecanismos de dissociação de Matthew. Helen fica indignada com ele, por suas declarações na mídia e lhe diz: “Quem lê isso pensa que você é louco. Admirador de Hitler? Terrorista? Explodir gente?”, Matthew esclarece: “**Não disse gente, prédios do governo, não gente!**” (...) Esta falta de integração que lhe permitiria compreender os significados de seus atos e palavras, bem com suas conseqüências, é tão extrema que nos surpreendemos com sua resposta à pergunta de Helen: “**Você já pensou naqueles jovens?**”. Como se fosse um espectador da tragédia e não o seu autor, diz: “**É terrível o que aconteceu com eles**”⁴⁴ (Vilete, 2000, p.151-152).

Este trecho expõe com primazia a característica do sociopata em seu grau patológico mais extremo, o que, de certa forma, assemelha-se em muitos aspectos ao perfil de Tyler Durden. Trata-se de uma descrição chocante, pois a dissociação entre ação, ideia e afeto funciona de forma que a frieza substitui a manifestação que deveria incluir o desamparo ou a culpa. Isto reforça a ideia popular de que indivíduos com estas características não possuiriam manifestações de sofrimento. Este fenômeno se deve à “organização no sentido da invulnerabilidade”⁴⁵ – característica dos quadros autísticos, esquizofrênicos e também, em grau mais leve, das condições *borderlines*:

O que observamos em crianças e bebês que ficam enfermos de uma maneira que nos força a usar a palavra “esquizofrenia”, embora ela originariamente se aplicasse a adolescentes e adultos, aquilo que vemos muito claramente é uma *organização no sentido da invulnerabilidade* (...) O que é comum a todos os casos é que o bebê, a criança, o adolescente ou o adulto *nunca mais devem experimentar* a ansiedade impensável que se acha na raiz da enfermidade esquizóide (...) A criança autista que percorreu quase todo o caminho que leva a insuficiência mental não sofre mais; a invulnerabilidade foi quase alcançada. **O sofrimento pertence aos pais. A organização no sentido da invulnerabilidade foi bem-sucedida e é isto que clinicamente se apresenta**⁴⁶,

⁴⁴ Grifos da pesquisadora.

⁴⁵ Este conceito foi descrito no artigo “O conceito de rejeição clínica comparado com o de organização defensiva” (1967), disponível no livro “Explorações psicanalíticas” (1989).

⁴⁶ Grifos da pesquisadora.

juntamente com aspectos regressivos que não são de fato essenciais ao quadro (Winnicott, 1967, p.154).

A experiência de viver a agonia impensável em decorrência da falha ambiental recorrente torna-se um trauma significativo que fica bastante evidente nos indivíduos que desenvolvem condutas sociopáticas e apontam para a questão da invulnerabilidade, cujas manifestações, valem dizer, fazem sofrer a sociedade como um todo. Segundo Vilete (2000):

A ausência de empatia, entretanto, de compreensão da fragilidade do sofrimento da criança, pode deixá-la para sempre entregue a um sentimento de desamparo ou, então, acentuar atitudes desafiantes que representam uma luta para resgatar a onipotência perdida (p.157).

A onipotência que não pode ser vivenciada enquanto experiência de criar/encontrar objetos passa a ser substituída pelo sentimento de onipotência, presente na personagem Jack/Tyler quando ele começa a dividir com Deus o papel de articulador entre a vida e a morte, passando a se sentir poderoso, autossuficiente, conhecedor da verdade sobre a existência e indestrutível. Conforme descrito no campo “destruo, logo existo”, que pode também ser aquele que se organiza em torno da crença de que quando se quebra ou se destrói algo belo ou se mata alguém, o autor da ação destrutiva presencia os instantes de transformação deste objeto material ou humano, de algo belo para algo feio, do íntegro ao desintegrado, do útil ao inútil, do vivo ao morto. Ao fazer parte fundamental deste processo divino, ele se sente vivo e especial. Cabe a ele, naquele momento, decidir sobre a vida e a morte, ou seja, ser Deus. Além disso, falam dele na mídia e nos jornais, pois fez algo que se tornou público, e ele passa

a existir nas páginas policiais, na mídia, tornando-se conhecido, portanto, vivo e poderoso. Em relação a este aspecto fundamental da teoria winnicottiana, Vaisberg (2007) afirma haver:

O estabelecimento claro de uma relação paradoxal entre loucura e sanidade, na medida em que considera que o fundamento do alcance de uma posição amadurecida se encontra numa vivência inicial de “ser Deus”. O que pode ser um mero jogo poético de palavras consiste, a meu ver, numa sofisticada formulação que exige uma revisão do campo da psicopatologia psicanalítica (p.9?).

Se para Winnicott (1969) a humildade característica da condição de pessoa total só se desenvolve a partir da sensação de ser Deus, pode-se compreender que as condutas mais extremas e repulsivas, que implicam em assassinato, assassinato em série (*serial killers*), em mutilações graves, atos de crueldade extrema e ações terroristas, podem ser compreendidas, sob este ponto de vista, como uma tentativa de resgate da experiência de onipotência e de exercer o controle sobre o mundo externo, que foram impossibilitadas nas relações primitivas não suportadas pelo ambiente inicial do bebê e que necessitam ser concretamente revividas e recriadas na vida atual, como busca de elaboração, o que implica em grave patologia e em um risco potencial para a sociedade, pois este sofrimento se expressa através de condutas que implicam destruição concreta de objetos animados ou inanimados, em seu grau mais extremo.

Por outro lado, em seu artigo “A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional” (1950-55), Winnicott enfatizou:

A IDÉIA CENTRAL por trás deste estudo da agressividade é a de que, se a sociedade encontra-se em perigo, não é por causa da agressividade

do homem, mas em consequência da repressão da agressividade pessoal dos indivíduos. O estudo da psicologia da agressividade coloca uma forte pressão sobre o estudioso pela seguinte razão: numa psicologia total, ser roubado é o mesmo que roubar, e é tão agressivo tanto. Ser fraco é tão agressivo quanto o ataque do forte ao fraco. Assassinato e suicídio são fundamentalmente a mesma coisa. E o mais difícil de tudo isso, possuir é tão agressivo quanto apoderar-se vorazmente. Na verdade, o possuir e o apossar-se formam uma unidade psicológica, cada qual ficando incompleto sem o outro. Isto não implica em dizer que possuir e adquirir sejam bons ou maus. Estas são considerações dolorosas, pois dirigem nossa atenção para certas dissociações ocultas dentro do que é socialmente aceito na atualidade. Mas não é possível mantê-las fora de um estudo da agressividade. Ao mesmo tempo, a base para o estudo da agressividade real deve ser o estudo das raízes da intenção agressiva (p.288).

Este trecho demonstra a complexidade do tema discutido aqui e talvez seja um dos mais fiéis representantes dos paradoxos winnicottianos, característicos do estilo pessoal de organização do pensamento do homem Winnicott. Neste sentido, torna-se necessário ressaltar que os campos “compro, logo existo” e “roubo, logo existo” seriam duas faces de uma mesma moeda, segundo a perspectiva abordada acima, assim como “sofro, logo existo” e “apanho, logo existo”. Também seriam campos irmãos “sofro, logo existo” e “destruo, logo existo”. Além disso, leva a ressaltar que os processos “educativos” que ocasionariam a conduta submissa seriam tão ou mais agressivos que os graus mais extremos de agressividade e de destrutividade manifestas.

Essa discussão traz a lembrança oportuna da questão do suicídio paradoxal (Vaisberg, 2007), que seria organizado pelo falso *self*, quando o *self* verdadeiro está sob ameaça de ser violado. No filme, esta questão apareceu em dois momentos distintos: na tentativa de suicídio de Marla e na tentativa grave de suicídio de Jack/Tyler. Ambos sobreviveram e se aproximaram, inclusive afetivamente, o que poderia reforçar a ideia de que os seres humanos buscariam muito mais seus semelhantes do que seus opostos como fonte de atração,

diferentemente do provérbio popular que enfatiza uma atração entre os pólos opostos, o que remete à Freud e aos mecanismos de identificação e projeção. O fato de Jack ter sobrevivido e Tyler não simbolizou, no filme, o fim da dissociação, entretanto, talvez pudesse ser explicado, aqui, como a sobrevivência do objeto após sofrer a ação destrutiva que possibilitou a retomada do processo de integração, lembrando que ele perdura ao longo de toda a vida do indivíduo e que, sob condições adversas, pode novamente necessitar de novas reorganizações defensivas.

Em função de todos os aspectos discutidos até o momento, o campo “destruo, logo existo” configura-se como o mais difícil de ser defendido da perspectiva winnicottiana otimista sobre a agressividade/destrutividade, levando a crer que as condutas integrantes deste campo estariam mais relacionados ao conceito de aniquilamento, angústia principal, presente nos quadros psicóticos. Winnicott (1971a) explicou este conceito, contrapondo-o com a ideia da destruição presente na capacidade de uso de um objeto, que não se encaixa, do ponto de vista desta pesquisadora, às condutas que têm como consequência uma ameaça terrorista, ou à maioria das manifestações do campo relativo à destruição concreta em graus extremos.

Mais primitiva e inteiramente diferente é a aniquilação. A aniquilação significa “ausência de esperança”; a catexia define porque nenhum resultado completa o reflexo a produzir um condicionamento. Por outro lado, o ataque raivoso, relativo ao encontro com o princípio da realidade, constitui um conceito mais apurado, posterior à destruição que aqui postulo (Winnicott, 1971a, p.130).

Mello Filho (2003) faz uma descrição de várias formas de expressão do funcionamento típico do falso *self* na sociedade contemporânea, contribuindo para

integrar os conceitos winnicottianos à teoria bauminiana, que será discutida no próximo sub-capítulo.

Deparei-me em minha clínica – e na vida em geral – com situações pouco estudadas pela psicanálise, como a pessoa sonsa, uma mistura de falsidade com esquizoidia. Comecei também a me interessar pela questão da falsidade humana, que vejo ao mesmo tempo como inconsciente e consciente, mas de qualquer modo parcialmente oculta para cada um. Revelar a falsidade existencial de um paciente, eis uma das tarefas hercúleas da psicanálise. Revelar a falsidade de um político é uma das tarefas positivas que a imprensa está tomando a si no Brasil atualmente. No desenvolvimento destas idéias, comecei a relacionar o fenômeno do falso-*self* com a esperteza (tão típica de nossa cultura), a tendência a iludir e enganar e, finalmente, como uma das raízes possíveis das sociopatias, dentre vários outros mecanismos psicológicos e sociais. Estes aspectos não estão presentes na obra de Winnicott, que viu, basicamente, a incapacidade do paciente não conseguir ser verdadeiramente ele mesmo, desconhecendo coisas essenciais de sua pessoa (verdadeiro *self*) (p.24).

Pode-se concordar com Mello Filho no fato de que as questões que se referem a graus mais extremos de agressividade e destrutividade não foram abordadas na obra de Winnicott em profundidade, o que inclui questões relativas à corrupção, violência urbana, crime organizado, terrorismo, dentre outras problemáticas presentes de forma bastante peculiar nos grandes complexos urbanos dos nossos tempos. Seus estudos sobre a tendência antissocial e sobre a agressividade não alcançam a dimensão da violência contemporânea, justamente por enfatizarem uma visão mais psicoprofilática e por apresentarem, como seu ponto mais forte e autêntico, um marcante otimismo característico de quem trabalhou com crianças – o que consistia, por sinal, em uma qualidade pessoal de Winnicott. Neste sentido, os artigos publicados recentemente por estudiosos de sua obra têm a função de suprir alguns pontos não apontados pelo autor, afinal este é o processo essencial de ampliação do conhecimento que possibilita manter viva a obra de um autor.

Neste sentido, Mello Filho (*op. Cit.*) auxilia na discussão do tema, quando incluiu os quadros de sociopatia no conjunto de fenômenos falso *self*, assim como também a mentira, a falsidade, as estratégias políticas, a corrupção, o famoso “jeitinho” brasileiro, as personalidades narcísicas, assim como a violência e o crime organizado:

Para Winnicott, a tendência anti-social e o fenômeno falso-self, que ele descreveu a ambos, eram coisas à parte do ponto de vista da psicopatologia psicanalítica. Para mim se interpenetravam e se continuam. Um *true false self* (Winnicott) é um forte candidato a uma vida marginal, ou pelo menos, a ter muito sucesso numa vida anti-social. No mundo dos golpes, que caracteriza certos espaços de nossa sociedade. Um indivíduo com tendência anti-social tem, geralmente, muitas dificuldades de fazer relações pessoais e afetivas verdadeiras, com generosidade, gratidão e capacidade de doação. Em vez disto, as pessoas com tendência anti-social e os delinquentes atuam basicamente usando técnicas de falsidade, para enganar e iludir os outros e assim obter de um modo mais fácil os seus proveitos: um roubo, um bom negócio às excusas, um golpe no erário público, uma lesão financeira não perceptível na firma em que trabalha (p.312-313).

Mello Filho (2003) diz ter realizado uma pesquisa com jovens delinquentes, membros de quadrilhas de tráfico de drogas, na qual constatou que houve o “fortalecimento de seus falso-*self* quando ingressavam nas quadrilhas e passavam a se sentirem ‘o outro’, o não carente, o imortal até, quando de posse de uma arma na mão” (p.24-25). Esta era a forma de vingança contra a sociedade que não lhes ofereceu cuidados. Descreve, ainda, que as armas seriam as substitutas dos objetos transicionais⁴⁷ destas crianças e adolescentes, caracterizando-os como aqueles que:

⁴⁷ Fica claro no texto que se trata de um uso do conceito de objeto transicional diferente do descrito por Winnicott, para quem é visto como fonte de vida e de criatividade. Enfatiza tratar-se de um processo patológico.

Tinham uma história típica de privações, porém não apenas uma privação como os menores estudados por Winnicott. Tinham privação de tudo: dos pais que eram alcoólatras; das mães que trabalhavam o dia inteiro; das irmãs que também trabalhavam ou eram prostitutas (p.310).

Embora, no trecho acima, Mello Filho (*op. Cit*) utilize-se de uma linguagem já superada, quando chama as crianças e os adolescentes da pesquisa de menores⁴⁸ - um aspecto depreciativo de uso da linguagem presente neste trecho - o autor traz elementos importantes para que pesquisas futuras⁴⁹ possam avaliar o que constitui o conceito de privação em nossos tempos, podendo ser acrescentados ao trecho defendido por Mello Filho uma carência de saúde, educação, orientação, alimentação rica em nutrientes, e, possivelmente, uma convivência com a experiência cotidiana de banalização da morte, considerando que as crianças e os adolescentes ingressam no tráfico com aproximadamente oito anos de idade e têm uma sobrevida na criminalidade média de dois anos (Zaluar, 1985 e 1994 *apud* Mello Filho, *op.cit.*).

Estes dados mostram que a problemática da violência contemporânea e do crime organizado é extremamente mais complexa e necessita de estudos rigorosos sobre o tema, pois se trata de uma necessidade social cuidar adequadamente desta questão.

Neste momento da discussão dos campos do imaginário, faz-se necessário retomar o principal objeto de estudo desta pesquisa para a análise do campo “ser ou não ser”, uma vez que esta acaba por se relacionar ao conceito de agressividade e crueldade. Winnicott comentou a tragédia de Hamlet em seu livro

⁴⁸ Termo utilizado pelo antigo Código do Menor, substituído pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Este termo caiu em desuso em função da conotação objetivante e preconceituosa que adquiriu em seu uso.

⁴⁹ Pesquisas em uma área de pesquisa e intervenção denominada por Aiello-Vaisberg; Lousada-Machado (2000) de Psicopatologia da Deficiência Ambiental.

“O brincar e a realidade” (1971a). Qual era para ele a mensagem implícita na indagação “ser ou não ser?”:

Hamlet é retratado, nessa fase, como estando à procura de uma alternativa para a idéia “Ser”. Procurava uma maneira de enunciar a dissociação que se realizara em sua personalidade, entre seus elementos masculinos e femininos, elementos que, até a ocasião da morte de seu pai, conviviam em harmonia, constituindo apenas aspectos de sua pessoa ricamente dotada. Inevitavelmente escrevo como se escrevesse sobre uma pessoa, não sobre uma personagem teatral (p.119).

A familiaridade com que se refere à personagem é comum quando uma obra ficcional – teatral, cinematográfica, artística, poética ou literária – se torna célebre. Este foi o princípio fundamental que levou a pesquisadora a transformar Tyler Durden em sujeito desta pesquisa. Seu drama atraiu milhões de expectadores ao cinema e, até hoje, o filme possui fãs espalhados pelo planeta, reunidos em *blogs* e comunidades virtuais.

Winnicott (1971a), tratando de Hamlet, colocou que a dissociação ocorreu entre os elementos femininos e masculinos do personagem, tornando fundamental esclarecer o conteúdo de suas afirmações. Suas observações clínicas lhe propiciaram constatar que pode ocorrer uma dissociação completa entre homens e seus aspectos da personalidade femininos expelidos (*split-off*), assim como o inverso também é verdadeiro. Quanto mais sadia for a personalidade, maior será a intensidade deste tipo de processo defensivo, por mais que isso pareça paradoxal:

Desejo dizer que o elemento que estou chamando de “masculino” transita em termos de um relacionamento ativo ou passivo, cada um deles apoiado pelo instinto. É no desenvolvimento dessa idéia que falamos de impulso instintivo na relação com o seio e com o amamentar, e, subseqüentemente, em relação a todas as experiências que envolvem as principais zonas erógenas, e a impulsos e satisfações subsidiárias. Em contraste, o elemento feminino puro relaciona-se com o seio (ou com

a mãe) no sentido do bebê tornar-se o seio (ou a mãe), no sentido de que o objeto é o sujeito (p.113).

Neste trecho se dá a definição do conceito de objeto subjetivo, aquele que ainda não se tornou objetivamente percebido e que, por isso, não foi repudiado como objeto não-eu. A noção de *self* verdadeiro surge a partir do sentimento de ser, ou seja, a partir do elemento feminino presente em indivíduos de ambos os sexos, bem como de uma relação de objeto que forneça as bases para o desenvolvimento da capacidade de ser.

Em contraste, a relação de objeto do elemento masculino com o objeto pressupõe uma separação. Assim que se acha disponível a organização do ego, o bebê concede ao objeto a qualidade de ser não-eu, ou separado, e experimenta satisfações do id que incluem a raiva, relativa à frustração. A satisfação dos impulsos acentua a separação do objeto quanto ao bebê e conduz à objetivação do objeto... O elemento masculino *faz*, ao passo que o elemento feminino (em homens e mulheres) *é* (Op. cit., p.115).

Winnicott (*Op. Cit.*) apontou a importância de uma mãe que *é* devotada e empresta plenamente o seu ser para adaptar-se às necessidades de seu filho, não bastando executar cuidados – ação de elemento masculino –, o que não resultaria na constituição da base da identidade inicial. Quando a mãe pode exercer bem seu papel de ser suficientemente boa, abre-se caminho para o ser do bebê, para um existir autêntico, por outro lado, se isso não ocorre, e se apresenta ao bebê uma “mãe que faz e não que *é*”, fundam-se as bases para o processo de submissão, restando ao bebê “fazer como” a mãe.

No caso da personagem sob análise, sabe-se que seu pai abandonou a família quando tinha seis anos, e sua mãe não é referida em momento algum,

senão quando Jack fala que era intermediário na briga entre os pais, o que pode constituir um forte indício de que sua relação com a mãe foi marcada pelo vazio, talvez paradoxalmente, mais do que com o pai, do qual era possível sentir raiva, em função do abandono. Quando a raiva é substituída pelo desamparo ou pelas agonias impensáveis, Winnicott comenta:

O resultado do trauma tem que ser um certo grau de distorção do desenvolvimento. Ver-se-á quão normal e sadia a raiva seria, em comparação com tal horror. A raiva implicaria a sobrevivência do ego e uma retenção da idéia de uma experiência negativa em que o “desapontamento” não ocorreu (Winnicott, 1967, p. 155).

Estas bases para o comportamento submisso manifestado por Jack/Tyler explicam a forma de organização do falso *self* da personagem no início do filme e nos campos “compro, logo existo” e “sofro, logo existo”, e permanece como um dos pólos da dissociação ao longo dos demais campos, até o final do filme. Pode-se considerar que a mesma interpretação que Winnicott atribui a Hamlet pode ser expandida à Jack/Tyler.

O elemento masculino, todavia, consiste no impulso direcionado aos objetos e demanda elaboração e desenvolvimento emocional, pois implica certa capacidade de estabelecimento de tolerância à frustração e de relações triangulares, nas quais a criança se percebe separada da mãe, assim como passa a perceber os objetos como não-eu. Estas considerações levam ao conceito de objeto transicional.

O objeto transicional representa a capacidade da mãe de apresentar o mundo de maneira tal que o bebê, a princípio, não tem de saber que o objeto não é criado por ele. Em nosso contexto imediato, podemos conceder significação total ao conceito de adaptação, com a mãe ou fornecendo ao bebê a capacidade de achar que o seio é ele, ou

deixando de fazê-lo. O seio aqui constitui um símbolo não de fazer, mas de ser (p.116).

Quando a mãe não é capaz de fazê-lo de forma suficientemente boa, surge o sentimento de inveja do seio e um mau uso da agressividade. Neste sentido, há pessoas que crescem sem a possibilidade de **ser** desenvolvida em função da dissociação, ou com esta capacidade mutilada. Ainda sobre Hamlet, Winnicott (*Op. Cit.*) conclui:

Se a peça for vista dessa maneira, parece possível utilizar a atitude alterada de Hamlet com respeito à Ofélia e a crueldade de seu comportamento como um retrato da rejeição cruel de seu próprio elemento feminino, agora expelido (*split-off*) e transmitido a ela, com seu elemento masculino pouco bem vindo ameaçando tomar conta de toda a sua personalidade. A crueldade para com Ofélia pode constituir uma medida da sua relutância em abandonar seu elemento feminino expelido (*split-off*) (p.119).

A discussão sobre a questão da crueldade foi de fundamental importância para este trabalho e, paradoxalmente, a destruição, no filme, mesmo em seu caráter mais extremo, leva ao encontro de objetos, como já foi discutido anteriormente, e constitui a relação entre Marla e Jack/Tyler.

Portanto, define-se o campo “ser ou não ser” como aquele que se organiza em torno da crença segundo a qual um indivíduo não constrói a sua existência do ponto de vista emocional simplesmente por nascer entre os seres humanos, mas que ele conquista o seu modo próprio de existir a partir de experiências significativas em seu meio familiar e social, graças ao elemento feminino de sua personalidade. Este conceito foi desenvolvido por Winnicott ao longo de sua obra e pode estar presente em todas as fases do processo de amadurecimento, cujo objetivo é levar a constituição do sujeito total e a

possibilidade do mesmo de se sentir vivo e real. Esta busca tem início ao nascer e assume sua plenitude na adolescência e início da vida adulta, mas, na verdade, pode retornar como questão fundamental em qualquer momento da vida.

Sob um certo ponto de vista, pode-se considerar que praticamente não há mudança de campos, entre os sub-campos encontrados, quando se considera a possibilidade de conquista da percepção do outro enquanto pessoa total como critério principal. No entanto, há uma mudança na qualidade de relação com o outro, expressa no sétimo campo, na qual a relação com o mundo deixa de ser concebida como relação com o objeto subjetivo e passa a se considerar, mesmo que ainda de forma rudimentar, a possibilidade de um mundo não-eu.

O campo “encontro o outro, logo existo” mostra a caminhada de Jack/Tyler rumo a retomada de seu processo de personalização e integração, interrompido devido às falhas maternas. O que permite concluir que, ao perceber o outro separado de mim, posso perceber-me, também, enquanto um ser com vida própria e isso atribui uma sensação de existência real, que constitui as bases para a saúde mental.

O encerramento deste capítulo ficará a cargo de Vaisberg (2007), em um de seus artigos mais inspirados e didáticos⁵⁰, de modo a promover a reflexão:

Entretanto, se a psicanálise exige, desde seus fundamentos, que a **loucura seja considerada como acontecer humano, como potencialidade a que todos estariam sujeitos, e jamais como mostruosidade infra-humana**⁵¹, o fato é que as conseqüências dessa radicalidade ética nem sempre foram observadas na prática. Assim, pareceu muitas vezes tranqüilo concluir que, quando certas condições negativas, definidas de acordo com o esquema das séries complementares freudianas (Freud, 1916), estivessem reunidas, alguns indivíduos psicotizariam e outros não. Deste modo, a loucura permaneceria como algo que “*poderia ter-nos acontecido*”, mas não nos

⁵⁰ O artigo em questão se chama “Paradoxo e Loucura: A radicalidade do pensamento psicopatológico de D.W.Winnicott”.

⁵¹ Grifos da pesquisadora.

aconteceu, gerando reação análoga à da visão de uma pessoa que apresenta a seqüela de um acidente, que não se abateu sobre nós, simplesmente porque não estávamos presentes no local e no momento desastroso. A loucura seria, então, nada além de uma vicissitude do acontecer humano (Vaisberg, 2007, p. 10).

Certamente neste trabalho, a loucura não é, de forma alguma, compreendida como uma mera vicissitude do acontecer humano, à qual um pequeno grupo de indivíduos menos afortunados estariam sujeitos, ao contrário, o ponto de vista defendido aqui caminha em direção bastante divergente.

Considera-se que o trecho acima contém conclusões importantes e dispensa comentários adicionais e auxiliará na condução do leitor ao próximo subcapítulo, no qual os campos do imaginário serão debatidos em diálogo com as ideias de Bauman.

4.6. Diálogos com Bauman sobre os Campos

As contribuições decorrentes da discussão dos campos do imaginário com os principais artigos winnicottianos, que remetem ao estudo das formas de subjetivação e aos impedimentos que podem surgir durante a busca por uma existência singular e criativa, constituem o núcleo central desta tese de doutorado. No entanto, este trabalho não estaria completo sem uma análise das condições ambientais ou sociais da sociedade atual, que podem auxiliar ou dificultar o caminho em relação ao sentimento de se sentir vivo e real e capaz de gestualidade espontânea. O caminho escolhido para retratar a sociedade contemporânea e discutir suas principais características, confrontando-as com os campos do imaginário – compreendidos neste momento de forma ampla –, foi a

realização de um diálogo com os aspectos da obra de Bauman, que podem contribuir para o tema aqui abordado. No entanto, esta discussão não se pretende uma defesa dos campos, rigorosamente fundamentados na compreensão dos textos winnicottianos desta pesquisadora e do grupo de pesquisa do qual a pesquisadora faz parte, por estar sendo realizada uma discussão complementar, baseada em uma diferente perspectiva teórica.

Um dos pontos fortes dos seus artigos é a discussão a respeito da influência do mundo globalizado e, conseqüentemente, do mercado de consumo sob as novas formas de organização social contemporânea, o que inclui a questão do trabalho, dos vínculos humanos e da sexualidade. A sexualidade é vista como um produto a ser comercializado, assim como o trabalho e os próprios seres humanos, que passam a ser objetificados nas relações do mercado de consumo. Segundo esta perspectiva, essa relação não aponta simplesmente para o campo “compro, logo existo”, com o qual a relação é inegável, mas também com os campos “sofro, logo existo”, “transo, logo existo” e “encontro o outro, logo existo”. Isto se deve ao fato de o modo de subjetivação da sociedade de consumo produzir formas específicas de vinculação, que foram abordadas no segundo capítulo deste trabalho, e que serão abordadas, também, no decorrer das discussões dos campos do imaginário (Bauman, 2007a).

O filme “Clube da Luta” descreve com precisão o drama contemporâneo da vida em uma sociedade de consumo e apresenta uma crítica às formas de organização social do mundo globalizado, descritas através da busca de Jack/Tyler por sentir-se vivo e real ou por saber se havia, para ele, um lugar no mundo, que oscilou entre uma submissão total ao *status quo* do modelo capitalista, até uma forma de viver totalmente desapropriada de bens materiais e

de valores ético-morais, na qual buscava agredir a cultura dominante e os padrões sociais, utilizando-se, para atingir sua meta, de diferentes estratégias de agressividade e destruição.

Jack/Tyler intitulava-se um escravo de um consumismo instintivo e buscava, ao fazer suas compras, encontrar objetos que pudessem defini-lo enquanto pessoa, por exemplo, ao escolher que tipo de aparelho de jantar deveria comprar. Este fenômeno representa uma importante característica da sociedade de consumidores, que oferece consequências diretas para a subjetividade de seus membros, e baseia-se essencialmente em opções de compras: “O que se supõe ser a materialização da verdade interior do *self* é uma idealização dos traços materiais – ‘objetificados’ – das escolhas do consumidor” (Bauman, 2007a, p. 24).

Consumir um aparelho de jantar, independente das inúmeras possibilidades de padrões estéticos e custos disponíveis no mercado, em função de sua funcionalidade é inteiramente diferente da busca de um aparelho de jantar que traga como consequência a satisfação de necessidades existenciais. O que mostra uma diferença qualitativa entre consumo e consumismo, que seria uma conduta mais patológica, pois, geralmente, implica em exageros. Esclarece Bauman:

Com a passagem do consumo ao “consumismo”, quando aquele, como afirma Colin Campbell⁵², tornou-se “especialmente importante, se não central” para a vida da maioria das pessoas, “o verdadeiro propósito da existência”. E quando “nossa capacidade de ‘querer’, ‘desejar’, ‘ansiar por’ e particularmente de experimentar tais emoções repetidas vezes de fato passou a sustentar a economia” do convívio humano (Op.cit., p. 38-39).

⁵² Foi feita uma citação do artigo de Colin Campbell: “*I shop therefore I know what I am: the metaphysical basis of modern consumerism*”. In: Ekström, K.M; Brembeck, H. (org.) *Elusive Consumption*, Berg, 2004, p. 27.

A menção clara de conceitos típicos dos escritos psicológicos e/ou psicanalíticos se deve ao fato de Bauman ser um leitor da obra de Freud e de possuir uma visão ampliada de ciência, não executando uma fragmentação de seu campo de conhecimento – a vida humana, ou a conduta humana, ideia consonante com a concepção de Bleger (1963).

O mercado de consumo transforma as relações intersubjetivas em relações do tipo sujeito-objeto, nas quais o sujeito tende a perder as características que o definem como tal, passando a funcionar, predominantemente, numa relação do tipo objeto-objeto. A partir dessa premissa, descreve a função do objeto de consumo do ponto de vista do consumidor:

Mantém-se no papel de “objeto” cartesiano – totalmente dóceis, matérias obedientes a serem manejadas, moldadas e colocadas em bom uso pelo onipotente sujeito. Pela simples docilidade, elevam o comprador à categoria de sujeito soberano, incontestado e desobrigado – uma categoria nobre e lisonjeira que reforça o ego. Desempenhando o papel de objetos de maneira impecável e realista o bastante para convencer, os bens do mercado suprem e reabastecem, de forma perpétua, a base epistemológica do “fetichismo da subjetividade”. Como compradores, fomos adequadamente preparados pelos gerentes de marketing e redatores publicitários a desempenhar o papel de sujeito – um faz-de-conta que se experimenta como verdade viva; um papel desempenhado como “vida real”, mas que com o passar do tempo afasta essa vida real, despindo-a, nesse percurso, de todas as chances de retorno (Bauman, 2007a, p. 26).

A economia da sociedade de consumidores baseia sua sobrevivência em transformar o ato de comprar em um vício ou compulsão, e este é um trabalho executado de forma magistral pelos profissionais de marketing, que precisam manter a eterna sensação de insatisfação e incompletude nos consumidores, retroalimentando constantemente seus desejos e conseqüentemente, o mercado, que está disponível vinte e quatro horas *on-line* para realizar os mais diversos tipos de sonhos (Bauman, *op. cit.*):

A sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua *insatisfeito*; mais importante ainda, quando o cliente não está "*plenamente satisfeito*" (...) É exatamente a não-satisfação dos desejos e a convicção inquebrantável, a toda hora renovada e reforçada, de que cada tentativa sucessiva de satisfazê-los fracassou no todo ou em parte que constituem os verdadeiros volantes da sociedade da economia voltada para o consumidor (Bauman, *Op. Cit.*, p.63-64).

De certa forma, a não satisfação dos desejos, gera frustração em variados graus, o que contribui, inicialmente, para a sensação de vazio, uma vez que a sensação de vida plena de posses nunca poderá ser alcançada, o que contribui para manter afastada do indivíduo a sensação de felicidade, que supostamente deveria ser encontrada através de posses materiais. Conclui:

Para completar a versão popular e revista do *cogito* de Descartes, "Compro, logo sou...", deveria ser acrescentado "um sujeito". E à medida que o tempo gasto em compras se torna mais longo (fisicamente ou em pensamento, em carne e osso ou eletronicamente), multiplicam-se as oportunidades para se fazer esse acréscimo (*Op. Cit.*, p.26-27).

Estas colocações justificariam a escolha deste autor como um interlocutor privilegiado deste trabalho, em função de sua larga experiência na área e da consonância de sua obra com as ideias aqui defendidas.

Por sua vez, o campo "transo, logo existo" é discutido atrelado à ideia de sexo enquanto mercadoria de consumo, independente de ser intermediado por uma transação comercial concreta. Esse conceito é usado como forma de ressaltar uma concepção de ser humano enquanto mercadoria, assim como suas produções, desejos e comportamentos. Um aspecto bastante atual refere-se à

substituição de vínculos face a face, por vínculos virtuais e pela busca de parceiros via internet:

Entrar na web para escolher/comprar um parceiro segue a mesma tendência mais ampla das compras pela internet. Cada vez mais pessoas preferem comprar em websites do que em lojas. Conveniência (entrega em domicílio) e economia de gasolina compõem a explicação imediata, embora parcial. O conforto espiritual obtido ao se substituir o vendedor pelo monitor é igualmente importante, se não mais. Um encontro face a face exige o tipo de habilidade social que pode inexistir ou se mostrar inadequada em certas pessoas, e um diálogo sempre significa se expor ao desconhecido: é como se tornar refém do destino. É tão mais reconfortante saber que é a minha mão, só ela, que segura o mouse e o meu dedo, apenas ele, que repousa sobre o botão. Nunca vai acontecer de um inadvertido (e incontrolado!) trejeito em meu rosto ou uma vacilante mas reveladora expressão de desejo deixar vaziar e trair para a pessoa do outro lado do diálogo um volume maior de meus pensamentos ou intenções mais íntimas do que eu estava preparado para divulgar (Bauman, 2007, p.27).

Os sites de encontro de parceiros pela internet oferecem a possibilidade de expor seu perfil pessoal e de selecionar o perfil de seus parceiros potenciais, o que também é comum em comunidades virtuais, nas quais se escolhem interlocutores, apelidados, independentemente do grau de intimidade, de amigos:

De maneira distinta da ficção eletronicamente improvisada a partir de uma série de atributos pré-selecionados, a pessoa real é dotada de uma língua para falar e de ouvidos para escutar. Deseja que o parceiro eleito olhe em seus olhos e se disponha a expor seus próprios olhos ao exame do outro, tem emoções esperando para serem despertadas, assim como a capacidade de despertá-las, e uma biografia apenas sua, juntamente com uma personalidade, expectativas e um modelo de felicidade biograficamente moldados: nada que lembre nem de longe o passivo, dócil, submisso e maleável “objeto” cartesiano. A maldição da mútua “atoria” (aquela mistura “impura” do “ator” com o “autor”, muito provavelmente incapaz de ser purificada em função do irredutível poder autoral de todos os atores e da virtual impossibilidade de “reiteraões puras” de movimentos padronizados) vai tirar a máscara da ilusão da “subjetividade pura”. Nenhum conjunto de precauções pode mudar esse fato ou “purgar” a relação dessa maldição: ela vai pairar sobre a série de tentativas dedicadas e engenhosas de mudá-la, não importa quanto durem (*Op. cit.*, p.29-30).

Apesar das características pessoais de cada indivíduo tornarem-se evidentes em seus contatos com outros seres humanos, muitas vezes, esse contato gera ansiedade, angústia e está sempre sob avaliação e sujeito a transformações. A capacidade de relacionamento é uma conquista, principalmente fora do campo da relação com objetos subjetivos, ou no caso da concepção de Bauman, da responsabilidade ética de preocupação com o outro.

Uma “relação pura” centralizada na utilidade e na satisfação é, evidentemente, o exato oposto de amizade, devoção, solidariedade e amor – todas aquelas relações “Eu-Você” destinadas a desempenhar o papel de cimento no edifício do convívio humano. Sua “pureza” é avaliada, em última instância, pela ausência de ingredientes eticamente carregados (...) Em última instância, essa atração está em estabelecer o atar e desatar de vínculos humanos como ações moralmente “adiafóricas” (indiferentes, neutras), que, portanto, livram os atores da responsabilidade que o amor, para o bem ou para o mal, promete e luta para construir e preservar. A “criação de um relacionamento bom e duradouro”, em total oposição à busca de prazer por meio de objetos de consumo, “exige um esforço enorme” – um aspecto que a “relação pura” nega de forma enfática em nome de alguns outros valores, entre os quais não figura a responsabilidade pelo outro, fundamental em termos éticos. (...) O amor, podemos dizer, abstém-se de prometer uma passagem fácil para a felicidade e a significação. Uma “relação pura” inspirada por práticas consumistas promete que essa passagem será fácil e livre de problemas, enquanto faz a felicidade e o propósito reféns do destino – é mais como ganhar na loteria do que um ato de criação e esforço (*Op. cit.*, p.32-33).

Para Bauman, amar implica em capacidade de criar e em esforço – responsabilidade pelo outro, preocupação, tolerância a frustrações, dedicação de tempo e em vínculos duradouros, assim como em correr riscos. E a realidade é soberana, por mais que se tente fugir dela:

Há limites até onde se pode estender a “soberania do consumidor” prometida pela sociedade dos consumidores – limites intransponíveis –, e de cada encontro entre seres humanos esses limites tendem a emergir fortalecidos, apesar (ou por causa) das pressões para retratá-los (*Op. cit.*, p.30).

Os campos “transo, logo existo” e “encontro o outro, logo existo” demonstram estar, portanto bastante interligados, tendo como companheiros inseparáveis, os campos “compro, logo existo” e “sofro, logo existo”. No entanto, para se arriscar em relacionamentos com outros seres humanos, há necessariamente que se superar uma parcela de medo de se expor e de ser rejeitado, ou excluído, o que torna o campo “encontro o outro, logo existo”, um processo incomum, complexo e sonho de consumo de muitos indivíduos, desde que venha com manual de instruções, certificado de garantia e seguro de vida, inclusos no pacote.

Da mesma forma, um relacionamento sexual mais estável, percebido como prazeroso, também seria incomum em um mundo de vínculos predominantemente virtuais e frágeis. Neste sentido, o sexo e os relacionamentos pessoais significativos concederiam uma sensação de existência, pois dariam sentido à existência, possibilitando estar com outros seres humanos em relações reais e significativas, o que é almejado, pois constitui um alívio para a sensação, também real e amedrontadora, de solidão, provocada pelo medo de transformar-se em um produto indesejável, resultante do campo “sofro, logo existo”. Este último, por sua vez, na concepção de Bauman, é o companheiro inseparável da vida líquida, pois o medo líquido perpetua-se de todas as formas, onipresente, dando à existência uma condição penosa e vulnerável ao extremo, de forma que, o incomum, neste caso, é sentir-se seguro, amparado, acolhido e protegido. Existir no mundo líquido-moderno é quase um sinônimo de sofrimento e medo.

Ainda sobre os campos “encontro o outro, logo existo” e “transo, logo existo”, ocorre uma busca por relacionar-se, o que é um processo curioso, pois em um mundo humano, relacionar-se deveria ser, praticamente, uma

consequência natural do viver, mesmo quando nem sempre os relacionamentos fossem significativos ou prazerosos. Mas a sutileza implícita denota, justamente, que se buscam relacionamentos do mesmo modo como se escolhe um produto qualquer: quero ou não me relacionar hoje? Como? Com quem? De que forma? A que horas? Por quanto tempo? O que retira do contato com o outro seu conteúdo espontâneo e prazeroso, passando a ser mais um compromisso na agenda ou uma exigência social, à qual o sujeito deve se submeter, ou,

(...) É possível buscar “relacionamentos de bolso”, do tipo que se “pode dispor quando necessário” e depois tornar a guardar. Ou que os relacionamentos são como vitamina C: em altas doses provocam náuseas e podem prejudicar a saúde. Tal como no caso desse remédio, é preciso diluir as relações para que se possa consumi-las (Bauman, 2003, p.10).

A relação entre os campos “encontro o outro, logo existo” e “sofro, logo existo” mostra-se como inegável, pois relacionar-se, ao mesmo tempo que dá sentido ao existir humano, tem sido fonte de intensa persecutoriedade, em um mundo competitivo, no qual o outro é um rival em potencial, ou deve ser considerado suspeito até segunda ordem, pois pode tentar prejudicar-lhe de alguma forma. Como ocorreu no filme, com a experiência de abandono vivida por Jack/Tyler, em relação ao pai e a Bob, que em um momento de intensa dificuldade, foi abandonado pela esposa e filhos. Esta situação faz com que se busque novas soluções para o desafio de conviver, através dos avanços tecnológicos, já que se relacionar tornou-se uma necessidade imposta por terceiros, e, no momento, a alternativa mais popular é conectar-se:

A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna “relacionar-se” a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma “conexão indesejável” é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a

detestá-las. Elas são “relações virtuais”. Ao contrário dos relacionamentos antiquados (para não falar daqueles com “compromisso”, muito menos dos compromissos de longo prazo), elas parecem feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que se espera e se deseja que as “possibilidades românticas” (e não apenas românticas) surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente e tentando impor aos gritos a promessa de “ser a mais satisfatória e a mais completa”. Diferentemente dos “relacionamentos reais”, é fácil entrar e sair dos “relacionamentos virtuais”. Em comparação com a “coisa autêntica”, pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear. (...) “Sempre se pode apertar a tecla deletar” (Bauman, 2003, p.12-13).

Esta tendência das conexões substituírem os relacionamentos face a face é um tema bastante atual, fonte de interesse e preocupação desta pesquisadora, compartilhada com Bauman. Embora não seja descrita no filme, é um elemento fundamental do contexto abordado, a sociedade contemporânea. Esta questão traz um desdobramento importante para a Psicologia, pois há atualmente um crescimento do interesse de pessoas receberem ajuda psicológica, psicoterápica e em grupos de apoio mediados por computador, o que respeita as mesmas tendências e decorre, dentre outros fatores, da dificuldade de exposição e contato face a face, que vem ocorrendo com os vínculos cotidianos e com as tendências do mercado de consumo. A procura por grupos de apoio na internet tem crescido vertiginosamente nos Estados Unidos e prometem expandir-se ainda mais, apesar das questões éticas que cercam este perfil de tratamento (Yalom e Leszez, 2006). Como ilustração deste ponto de vista apresenta-se a declaração de uma usuária de um grupo de apoio pela internet, justificando sua opção por um tratamento *on-line*:

Considero os quadros de aviso *on-line* uma comunidade solidária. Na ausência de um grupo de apoio “real”, **sou mais provável de interagir com a comunidade *on-line* do que cara a cara com as pessoas**. Ela me **permite ser honesta e aberta a respeito do que realmente se**

passa comigo. Existem muitas questões de vergonha e auto-estima envolvidas na depressão, e o anonimato do quadro de mensagens *online* **é muito efetivo para aliviar parte da ansiedade associada à “terapia de grupo” ou mesmo à terapia individual**⁵³. Não estou dizendo que ele seja um substituto à assistência profissional, mas que tem sido um grande apoio e tem ajudado a me motivar para ser mais ativa em meu próprio programa de recuperação (Yalom e Leszcz, 2006, p.406).

Suas colocações sugerem o quanto se relacionar tem se tornado uma fonte de intensa ansiedade na sociedade contemporânea, o que se reflete também na dificuldade de aderência aos processos psicoterápicos, sugerindo a necessidade de novas pesquisas sobre o tema. A exposição pessoal, independente de ocorrer em um relacionamento social face a face, em um contexto de trabalho ou em processos psicoterápicos, passa a exigir dos indivíduos condutas elaboradas demais (em termos de desenvolvimento emocional), para as quais, não se sentem preparados.

Voltando às discussões dos campos “transo, logo existo” e “encontro, o outro, logo existo”, Bauman faz considerações sobre a paixão e o amor:

Há bases bastante sólidas para se ver o amor, e em particular a condição de “apaixonado”, como – quase que por sua própria natureza – uma condição recorrente, passível de repetição, que inclusive nos convida a seguidas tentativas (...) Afinal, a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização (...) Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas com o codinome de “fazer amor” (Bauman, 2003, p.19).

Esta consideração, apesar de ter sido incorporada ao senso comum, se faz necessária, pois a relação estabelecida entre Jack/Tyler Durden e Marla era

⁵³ Grifos da pesquisadora.

baseada mais em um vínculo sexual (que passa a se tornar relativamente estável), do que em um processo de enamoramento. Inclusive porque a relação deles nasce de um vínculo de ódio e competição e não de uma atração decorrente de algum tipo de processo de sedução ou corte. O amor maduro constitui uma experiência mais complexa:

Em todo o amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita para o outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino – aquele futuro estranho e misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irresistível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor (Bauman, 2003, p.21).

Amar também é descrito tanto por Bauman, quanto por Winnicott, como um processo complexo e elaborado, impossível de se encontrar nas prateleiras das lojas, ou nas agências de casamento *on-line* em um simples manuseio de teclas, implica em pessoas totais, em universos desconhecidos para o parceiro e em uma liberdade de ser, tanto para consigo mesmo, como também para uma existência de um outro ser.

No filme, a relação de Jack/Tyler e Marla não se tratava uma relação baseada em amor maduro, mas em noites avulsas de sexo e numa profunda identificação pessoal, na qual o outro não configurava um mistério para o parceiro, ao contrário, expressavam-se como se a verdade do casal fosse uma só, ou seja, como se um fosse igual ao outro, em termos das experiências pessoais. No entanto, para ambos, essa relação foi um passo evolutivo, afastando-os da solidão.

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (Bauman, 2003, p.21-22).

A existência para Bauman pode ser compreendida como a busca pela individualidade de cada um, processo que apresenta uma significativa valorização social, justamente por ser um produto ao alcance de poucos, pois

A individualidade só é um *valor* na medida em que não se apresenta como uma *amostra grátis*, se for algo pelo qual se deve lutar e que exija um esforço a ser obtido – e por todos esses motivos seja disponível, em princípio, a alguns, enquanto permanece obstinadamente além do alcance dos demais.’ (Bauman, 2006, p. 51).

Suas palavras mostram que adquirir uma existência própria, capaz de gestualidade espontânea é uma conquista árdua, assim como acreditava Winnicott. A própria terminologia atual e informal utilizada, mostra seu dom de realizar uma escrita em estilo literário e romanceado, semelhante à utilizada pelo fundador da psicanálise, o que aproxima ainda mais suas ideias das apresentadas no filme, pois é como se ele estivesse dialogando diretamente com Jack/Tyler, quando este se queixava de que, durante suas viagens, tudo era impessoal e baseado em relações “porção única”, vivências que se aproximam muito do conceito de amostra grátis ou de “relacionamentos de bolso”.

O medo líquido é o ingrediente principal, o sofrimento implícito nos campos “compro, logo existo”, “sofro, logo existo”, “transo, logo existo” e “encontro

o outro, logo existo” e sofrimento explícito nos campos “apanho, logo existo”, “roubo, logo existo” e “destruo, logo existo”.

Bauman apresenta um conceito, que pode ser relacionado ao constructo winnicottiano do medo do colapso pessoal que se transformou em uma das características da vida líquida – o Complexo ou Síndrome de *Titanic*: “Todos nós imaginamos que existe um iceberg esperando por nós, oculto em algum lugar no futuro nebuloso, com o qual nos chocaremos para afundar ouvindo música” (Bauman, 2006, p.21). Não se pode saber se o que está por vir é um *iceberg* financeiro, nuclear, ecológico, social ou terrorista. A catástrofe pode vir de muitas fontes diferentes. Um desses *icebergs*, por exemplo, foi o furacão Katrina (2005), que arrasou a cidade de New Orleans, nos Estados Unidos, ou a enchente em Santa Catarina (2008), ou a depressão econômica mundial, iniciada no presente ano, e que ainda não mostrou todo o seu potencial destrutivo, até o momento da conclusão deste trabalho.

O ator principal (embora silencioso) da história do *Titanic* foi, como sabemos, o *iceberg*. (...) Oculto? Sim, mas nunca mais distante que um simples arranhão. A civilização é vulnerável; nunca está mais que à beira do abismo (*Op. Cit.*, p. 27-28).

Abismo? Isto me faz lembrar a perspectiva winnicottiana do abismo rumo às vivências de agonias impensáveis, características do medo do colapso.

Para Bauman, a Síndrome de *Titanic* tem seu correspondente individual, que poderia ser compreendido como o temor da exclusão social:

Os temores emanados da Síndrome de *Titanic* são os de um colapso ou catástrofe capaz de atingir todos nós, ferindo cega e indiscriminadamente, de modo aleatório e inexplicável, e encontrando

todos despreparados e indefesos. Há, contudo, outros medos não menos, se é que não mais, aterrorizantes: o medo de ser pinçado *sozinho* da alegre multidão, ou no máximo separadamente, e condenado a sofrer *solitariamente* enquanto todos os outros prosseguem em seus folguedos. O medo de uma catástrofe pessoal. O medo de se tornar um alvo selecionado, marcado para a ruína (...) O medo de ser deixado para trás, o medo da exclusão (*Op. Cit.*, p. 28-29).

O complexo ou síndrome de *Titanic* não poderia adquirir tal grau de generalização e reconhecimento social se a catástrofe do *Titanic* não tivesse se tornado conhecida e acompanhada pelo grande público, em recentes produções cinematográficas, sendo o filme homônimo de James Cameron o grande responsável pela popularização de sua história. Vencedor de diversas premiações e sucesso absoluto de bilheteria (faturou 28 milhões de dólares no primeiro final de semana de exibição e o faturamento total de 1,8 bilhões de dólares, tendo sido o primeiro filme a ultrapassar a marca de mais de um bilhão de dólares de bilheteria). Tamanho sucesso levanta a questão sobre o que levaria tantas pessoas ao cinema para assistir a uma antiga tragédia de um transatlântico, ocorrida muito antes de muitos de seus atuais fãs nascerem? Acredita-se aqui que seja o Complexo de Titanic, que tem no medo líquido o seu grande aliado, pois quando um barco considerado o último avanço tecnológico, à prova de inundações, afunda, isto chama a atenção geral por se constituir em uma denúncia contra as promessas da indústria da segurança de que a sociedade estará segura se adquirir determinados hábitos e produtos que prometem a garantia de segurança total.

No filme, antes da catástrofe iminente, a personagem principal, Rose (Kate Winslet), sofria de vivências de vida fútil, sentimentos de irrealidade e de vazio existencial, ou seja, exatamente os sintomas estudados neste trabalho e

encontra em Jack (Leonardo di Cáprio) a salvação e o amor, em um momento no qual pretendia se suicidar. Esse amor verdadeiro auxiliará Rose a mudar suas escolhas de vida e começar uma vida inteiramente nova, com um novo nome e nova identidade, após sobreviver ao naufrágio e à morte de Jack. O público, não muito afeito a finais infelizes, aclamou a versão hollywoodiana de James Cameron, apesar do casal de protagonistas não sobreviver juntos à catástrofe. No entanto, o amor sobreviveu, assim como a vontade de viver de Kate, que se torna mais feliz em uma vida nova e modesta, do que se sentia em uma vida falsa, ainda que cercada de riquezas.

Além disso, os efeitos especiais e as estratégias que ricos e pobres, não importava, utilizaram para sobreviver, também foram fonte de atenção. As próprias regras da navegação e da indústria náutica foram modificadas a partir da tragédia do Titanic, assim como foi o primeiro momento histórico no qual foi realizado um SOS⁵⁴, um pedido de socorro que se tornaria procedimento padrão, em circunstâncias de perigo iminente. Portanto, este é um exemplo no qual o cinema contribui para o desenvolvimento de produções culturais, que, por sua vez, explicam a admiração incondicional do público por alguns filmes, cujas imagens e narrativas, retratam com precisão os dramas humanos.

O medo da exclusão adquire especial importância no caso de pessoas portadoras de doenças estigmatizantes ou incapacitantes, além das doenças do corpo, mostradas no filme, não se pode esquecer das doenças da mente, nosso objeto de estudo, como uma das formas de adoecimento cercadas de maior temor e estigma social historicamente construído.

⁵⁴ O termo S.O.S. é a abreviação de *save our souves*, o que no português pode ser traduzido como *salve as nossas almas*.

O que nos remete novamente ao campo “sofro, logo existo” e à questão da imensa adesão aos grupos de auto-ajuda, que poderia ser explicada, dentre outras coisas, pelo fato do nome e finalidade do grupo dizer sobre o tipo de sofrimento físico e/ou psicológico que seus participantes enfrentam, o que faz com que a probabilidade de ocorrerem surpresas com questões relativas à nomeação de diferentes problemáticas existenciais seja menor do que em um grupo de psicoterapia, por exemplo. Além disso, devido ao fato destes grupos abordarem doenças graves, que implicam tratamentos longos, que incluem mutilações do corpo da pessoa enferma e, em alguns casos, trazendo consigo marcas de estigma e preconceito, estes são grupos que, necessariamente, para auxiliar no processo de aceitação da doença e em uma consequente adesão ao tratamento, necessitam abordar temas como o risco e o temor da morte, das perdas da capacidade física, da potência sexual, de relacionamentos afetivos, dentre outras possibilidades.

Uma das angústias de Jack/Tyler, do ponto de vista desta pesquisadora, era não conseguir dar nome para o seu sofrimento, já que isso não era coerente com uma pessoa que se considerava intelectualmente privilegiada, tanto que era chamado de “o cara esperto”. As palavras seguintes de Bauman (2006), vem ao encontro do que se procura apontar aqui, embora nomear o sofrimento não seja a preocupação central de quem não se sente vivo e real, pode ser considerado um aspecto relevante, porque, ainda que seja secundário, é digno de ser pontuado, pois esta é uma conduta que denuncia o vazio interno, que não pode ser preenchido satisfatoriamente com as habilidades intelectuais do sujeito, o que desperta a angústia e a insônia:

Bizarro, embora muito comum e familiar a todos nós, é o alívio que sentimos, assim como o súbito influxo de energia e coragem, quando, após um longo período de desconforto, ansiedade, premonições sombrias, dias cheios de apreensão e noites sem sono, finalmente confrontamos o perigo real: uma ameaça que podemos ver e tocar. Ou talvez essa experiência não seja tão bizarra quanto parece se, afinal, viermos a saber o que estava por trás daquele sentimento vago, mas obstinado, de algo terrível e fadado a acontecer que ficou envenenando os dias que deveríamos estar aproveitando, mas que de alguma forma não podíamos – e que tornou nossas noites insones... Agora que sabemos **de onde vem o golpe**, também sabemos o que podemos fazer, se há algo a fazer, para afastá-lo – ou pelo menos aprendemos como é limitada nossa capacidade de emergir incólumes **e que tipo de perda, dano ou dor seremos obrigados a aceitar**⁵⁵ (Bauman, 2006, p.7).

A possibilidade de confronto com um perigo real constituiria um alívio para a insegurança e a angústia difusa que paira no ar, em tempos de medo líquido, podem explicar alguns fenômenos observados nos campos “sofro, logo existo”, no qual o perigo é personificado pela presença de um diagnóstico clínico, e no campo “apanho, logo existo”, no qual, durante as lutas, se encontravam adversários reais a serem confrontados (e, neste caso, sabendo de onde viria o golpe), era uma condição bastante útil e tomada em seu sentido literal, o que ressaltaria ainda mais a sensação de alívio da angústia e a consequente sensação de existência descrita nos participantes da luta, pelo abandono de uma condição de passividade diante da vida.

Os heróis contemporâneos, como a personagem do *Titanic*, em nada lembram os mártires do passado, eles estão presentes em geral nas personagens dos filmes, nos esportes, na classe artística ou em eventos isolados do cotidiano. Os mártires e heróis estão cada vez mais escassos na sociedade contemporânea, é difícil achar alguém disposto a morrer por uma causa, ou pela pátria. A sociedade contemporânea transformou seus valores, assumindo como tal o culto

⁵⁵ Grifos da pesquisadora.

ao corpo, ao status social e às celebridades, que “são igualmente proeminentes no elenco dos personagens líquido-modernos” (Bauman, 2005, p.68). O que diferenciaria os mártires dos heróis?

Os mártires da velha escola estavam prontos para sofrer, mas não para fazer os outros sofrerem, já que a eficácia do martírio voluntário estava na prova que se pretendia oferecer do valor imortal da crença, em cuja defesa os mártires morriam. O “heroísmo”, por outro lado, era medido pelo número de inimigos que o “herói” destruía (*Op. cit.*, p.64).

Os discursos de Tyler para os integrantes do Clube da Luta tinham em seu conteúdo a descrição do papel das celebridades no imaginário da atual geração, assim como do heroísmo por uma causa, no caso, a causa de seus membros era uma espécie de guerra espiritual dos filhos odiados e excluídos por Deus, contra os valores da cultura consumista e despersonalizante. Segundo Bauman:

A sociedade de consumo líquido-moderna estabelecida na parte rica do planeta não tem espaço para mártires ou heróis, já que mina, despreza e milita contra os dois valores que desencadearam sua oferta e demanda. Em primeiro lugar, milita contra o sacrifício das satisfações imediatas em função de objetivos distantes e, portanto, contra a aceitação de um sofrimento prolongado tendo em vista a salvação da vida após a morte – ou, na versão secular, retarda a gratificação agora em nome de mais ganhos no futuro. Em segundo lugar, questiona o valor de sacrificar satisfações individuais em nome de uma “causa” ou do bem-estar de um grupo (na verdade, nega a existência de grupos “maiores que a soma das partes” e de causas mais importantes do que a satisfação individual). Em suma, a sociedade líquido-moderna despreza os ideais do “longo prazo” e da “totalidade” (Bauman, 2005, p.63).

Os heróis e mártires do passado eram convencidos da importância de morrer em defesa da nação ou de causas nobres. Atualmente esta temática é sucesso de bilheteria em filmes de guerra e principalmente de ação, nos quais um

único homem salva o mundo ou sua cidade da catástrofe iminente ou de uma ação criminosa ou terrorista, “assim sendo, tais ideais tendem a ser substituídos pelos valores da gratificação instantânea e da felicidade individual” (*op. Cit.*, p.64).

Isto decorre do fato de que:

Essa sociedade promete uma felicidade fácil que pode ser obtida por meios inteiramente não-heróicos e que, portanto, devem estar, tentadora e satisfatoriamente, ao alcance de todos (ou seja, de todo o consumidor). Transforma o sofrimento ou as pessoas diferentes da norma em criminosos ou doentes e os mártires e heróis em novas categorias de vítimas ou de celebridades (*Op. cit.*, p.65).

A sociedade de consumo necessita do heroísmo apenas como produto a ser consumido, quando devidamente patenteadado, e explica a criminalidade e atos de violência como decorrentes de pessoas doentes ou de produtos humanos com defeito de fabricação, ou seja, algum tipo de anomalia genética. E vale tudo para alcançar a fama e a notoriedade, até mesmo ações ilegais, uma vez, que,

Em contraste com o caso dos mártires ou heróis, cuja fama vinha de seus feitos (...) As razões que trazem as celebridades para as luzes da ribalta são as causas menos importantes de sua “qualidade de conhecido”. O fator decisivo neste caso é a *notoriedade*, a abundância de suas imagens e a frequência com que seus nomes são mencionados nas transmissões públicas de rádio e TV e nas conversas privadas que a estas se seguem. (...) Tal como os mártires e heróis, fornecem uma espécie de cola que aproxima e mantém juntos grupos de pessoas que sem elas seriam difusos e dispersos (*Op. cit.*, p.68).

Já foi mencionado aqui que o “Clube da Luta” tem fãs espalhados ao redor do mundo até hoje, quase dez anos depois de seu lançamento, o que demonstra a efetividade da cola que a indústria cinematográfica, seus heróis e suas celebridades produzem no cidadão comum, além de apontar que a

sociedade de consumidores prega e cultua valores fúteis, que por si mesmos podem contribuir com as vivências de vida fútil e de sensação de vazio, uma vez incorporados ao dia a dia de cada indivíduo, quando desatrelados de outros valores e realizações mais significativas, pois

Diferentemente da fama, a notoriedade é tão episódica quanto a própria vida num ambiente líquido-moderno. A cavalgada das celebridades, cada qual aparecendo do nada só para cair rapidamente no esquecimento, é eminentemente adequada à marcante sucessão de episódios das existências fatiadas (Bauman, 2005, p.68).

Existências fatiadas, fragmentadas, dissociadas e despersonalizadas...

Uma pessoa pode obter notoriedade, muitas vezes, através da prática de atos ilícitos e criminosos, normalmente noticiados com destaque pela mídia, como ocorreu no filme. Neste sentido, seus protagonistas alcançam a sensação da existência, ao terem seus atos ou nomes comentados na televisão e nos jornais:

A vida líquido-moderna reside em um campo de batalha. (...) No campo de batalha da vida líquido-moderna, o conflito do reconhecimento, destinado a atualizar o inventário de ameaças e oportunidades, nunca se extingue. Um lapso momentâneo de vigilância será suficiente para que os excludentes sejam excluídos. Um espectro paira sobre o campo de batalha: o espectro da exclusão, da *morte metafórica* (Bauman, 2006, p. 69).

A ideia de campo de batalha da vida cotidiana pode ser tomada tanto no sentido metafórico, quanto literal, tanto no que permite contribuir para a compreensão de nosso objeto de pesquisa e da discussão dos campos “apanho, logo existo”, “roubo, logo existo” e “destruo, logo existo”, quanto para pensar a vida em tempos de violência urbana, crime organizado, guerras no Oriente Médio

e terrorismo. Bauman (2006) faz algumas considerações sobre o terrorismo em seu livro “Medo Líquido”. Afirma que as causas dos conflitos sociais e da violência encontram-se no processo de globalização negativa, que provoca desigualdade social e injustiça:

Foram as ações dos Estados Unidos, juntamente com seus vários satélites como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e a Organização Mundial do Comércio, que “estimularam acontecimentos subsidiários”, subprodutos perigosos como o nacionalismo, o fanatismo religioso, o fascismo e, evidentemente, o terrorismo, marchando lado a lado com o projeto neoliberal da globalização”. A idéia de um “mercado sem fronteiras” é uma receita para a injustiça e, em última instância, para uma nova desordem mundial na qual (contrariando Clausewitz) é a política que se torna a continuação da guerra por outros meios. *A desordem global e a violência armada alimentam-se, reforçam-se e se animam mutuamente*. Como adverte a sabedoria antiga: *inter arma silent leges* (quando as armas falam, as leis silenciam). A globalização dos danos e prejuízos resulta na globalização do ressentimento e da vingança (Bauman, 2006, p.127-128).

Uma forma ampla de compreender a autodestruição presente no campo “apanho, logo existo”, enquanto fenômeno social, é apontada a seguir:

A humanidade, como assinala Jean-Pierre Dupuy em seus estudos mais recentes, alcançou, no curso do último século, a capacidade de autodestruição. O que agora ameaça o planeta não é apenas outra rodada de danos auto-inflingidos (um traço muito constante da história da humanidade), nem outra catástrofe de uma longa série (que tem atingido a humanidade repetidas vezes em seu caminho até a condição atual), mas a catástrofe de todas as catástrofes, que não deixaria para trás nenhum homem que pudesse registrá-la, refletir sobre ela e daí extrair uma lição, muito menos aprender a aplicar essa lição. A humanidade tem agora todas as armas para cometer suicídio coletivo, seja por vontade própria ou falha – para aniquilar a si mesma, levando o resto do planeta à perdição (*Op. cit.*, p.96).

Outro paradoxo consiste, justamente, na condição de que, pelo fato da catástrofe ser uma possibilidade concreta, isso pode tornar-se o melhor aliado humano em defesa da vida. Assim como descreveu Rubem Alves (1991) em sua

crônica “A morte como conselheira”⁵⁶, quando afirma de forma poética, como é parte de seu estilo pessoal de escrita, que a ideia de que a morte pode estar à espera de cada um, podendo chegar sem aviso, deveria ser o motivador ideal para que se aprenda a aproveitar melhor a vida. Na medida em que se vive como se fosse possível viver eternamente, há mais chances de que não se dê a devida atenção ao milagre da vida, condição sublime, enquanto passageira. A autodestruição enquanto fenômeno individual seria também manifestação destes fenômenos coletivos ou vice-versa. Neste sentido a existência estaria ancorada na possibilidade de perceber-se vivo e capaz de um viver com qualidade de vida ou em função da presença da morte como companheira. Outro componente possivelmente despertado, em relação à ideia da finitude, é o medo:

No mundo líquido-moderno, os perigos e os medos são também de tipo líquido – ou seriam gasosos? Eles flutuam, exsudam, vazam, evaporam... Ainda não se inventaram paredes capazes de detê-los, embora muitos tentem construí-las. O espectro da vulnerabilidade paira sobre o planeta “negativamente globalizado”. Estamos todos em perigo, e todos somos perigosos uns para os outros. Há apenas três papéis a desempenhar – perpetradores, vítimas ou “baixas colaterais” – e não há carência de candidatos para o primeiro papel, enquanto as fileiras daqueles destinados ao segundo e ao terceiro crescem interminavelmente. Aqueles de nós que já se encontram na extremidade receptiva da globalização negativa buscam freneticamente fugir e procurar vingança. Os que até agora foram poupados temem que sua vez de fazer o mesmo possa chegar – e acabe chegando (Bauman, 2006, p. 128).

A ideia de vitimização e da presença de baixas colaterais é importante, pois, do ponto de vista desta pesquisadora, as pessoas que sofrem de experiências de vida vazia, fútil e irreal podem enquadrar-se tanto na categoria de vítimas deste processo, quando o quadro se encontra próximo de condições de

⁵⁶ Este artigo encontra-se disponível no livro “O quarto do mistério” (1995).

aparente normalidade, como no de “baixas colaterais”, quando implica em quadros graves, em vidas desperdiçadas, ou em casos de suicídio paradoxal (Winnicott, 1960). O último papel possível, o de perpetrador da violência ficou bem claro no filme:

O que torna nosso mundo vulnerável são principalmente os perigos da probabilidade não-calculável, um fenômeno profundamente diferente daqueles aos quais o conceito de “risco” comumente se refere. *Perigos não-calculáveis aparecem, em princípio, em um ambiente que é, em princípio, irregular, onde as seqüências interrompidas e a não-repetição de seqüências se tornam a regra, e a anormalidade, a norma*⁵⁷. *A incerteza sob um nome diferente (...)* As raízes de nossa vulnerabilidade são de natureza *política e ética* (Bauman, 2006, p.129-130).

Em um mundo no qual os princípios éticos são considerados de importância secundária, torna-se difícil diferenciar o certo e o errado facilmente, e a ideia de normalidade não pode mais se ancorar em critérios estatísticos, pois o respeito às leis e ao ser humano deixaram de configurar a norma, passando para o campo das exceções.

Daí mais um paradoxo no calidoscópio/mosaico líquido-moderno de paradoxos: com o crescimento da capacidade de nossos instrumentos e recursos de ação, os quais nos permitem avançar ainda mais no espaço e no tempo, cresce também nosso medo de que eles sejam inadequados para erradicar o mal que vemos e **o mal ainda não visto, mas que tende a ser gestado...**⁵⁸ A geração mais tecnologicamente equipada da história humana é aquela mais **assombrada por sentimentos de insegurança e de desamparo** (*Op. cit.*, p.132).

⁵⁷ Grifos da pesquisadora.

⁵⁸ Grifos da pesquisadora.

O medo líquido é um dos pontos mais enfatizados na obra do idealizador deste conceito, por sua onipresença. Ele vincula-se também ao terrorismo e ao campo “destruo, logo existo”:

De maneira altamente dramática, foi demonstrado pelo terrorismo global o grau de insegurança que sentimos vivendo em um planeta negativamente globalizado e o modo como a “defasagem moral” – responsável pelo aprofundamento das contradições entre o caráter remoto dos efeitos provocados pelas nossas ações e o curto espectro das preocupações que as modelam – torna dificilmente concebível qualquer fuga do estado de incerteza endêmica, da insegurança e do medo que esta alimenta. “O inconcebível, o inimaginável, se tornou brutalmente possível”, resumiu Mark Danner, professor de política e jornalismo de Berkeley (*Op. cit.*, p.133).

O ataque terrorista contra o *World Trade Center* e o Pentágono demonstraram a fragilidade da segurança do país mais armado do mundo, modificou o panorama mundial, pois trouxe para a realidade cotidiana experiências que antes só eram possíveis nos filmes, nos romances de ficção e no imaginário de poucos. Desde então, a sensação de insegurança se tornou uma constante no panorama mundial:

Diferentemente de seus inimigos declarados, os terroristas não precisam se sentir constrangidos pelos limites das forças que comandam diretamente. Ao desenvolverem seus projetos estratégicos e planos táticos, também podem incluir entre seus trunfos as reações prováveis, na verdade quase certas, de seus inimigos, as quais tendem a ampliar consideravelmente o impacto de suas atrocidades. Se o propósito declarado (imediate) dos terroristas é espalhar o terror entre a população inimiga, então o Exército e a polícia inimigos, com a colaboração entusiástica dos meios de comunicação, certamente garantirão que esse propósito seja alcançado num nível muito superior àquele que os próprios terroristas seriam capazes de garantir (...) Alguns pacotes de explosivos e uns poucos desesperados, ávidos por sacrificar suas vidas “pela causa”, podem, assim, ir muito longe... (Bauman, 2006, p.141).

A tragédia do *World Trade Center*, assim como outras catástrofes semelhantes passam a ser acompanhadas ao vivo pela televisão e pela internet, o que traz para a ação uma dimensão muito maior, para além do território atacado, o que garante sucesso e impacto absolutos, imortalizando a ação e a sensação de terror e indignação, de forma a tornar impossível esquecê-la, mesmo que alguns tentem fazê-lo. Além disso,

A guerra verdadeira – e vencível – contra o terrorismo não é conduzida quando as cidades e aldeias já semidestruídas do Iraque ou do Afeganistão são ainda mais devastadas, mas quando as dívidas dos países pobres forem canceladas, quando nossos ricos mercados se abrirem a seus principais produtos, quando a educação for patrocinada para as 115 milhões de crianças atualmente privadas de acesso a qualquer tipo de escola e quando outras medidas semelhantes forem conquistadas, decididas – e *implementadas*. E, no entanto, há poucos sinais estimulantes – se é que algum – de que essa verdade tenha sido compreendida, aceita e posta em prática. Os governos dos países mais ricos, reunidos em Gleneagles em julho de 2005, supostamente para acabar com a pobreza, gastam entre si dez vezes mais com armamentos do que gastaram com a ajuda econômica a África, Ásia, América Latina e países pobres da Europa tomados em conjunto (Bauman, 2006, p.143).

O panorama não é nada favorável a mudanças, pois as questões econômicas barram qualquer possibilidade de transformação. A tendência mundial é continuar combatendo o terrorismo com novas guerras, armamentos e com o incremento da tecnologia bélica de forma geral; o que faz pensar que pouca alteração ocorrerá em termos de investimento na educação, na saúde e em melhores condições de vida para as crianças, para os adolescentes e para a população em geral, o que reforça a ideia de níveis altíssimos de privações que passam a ser uma constante na vida de uma parcela significativa da população, acarretando problemas diversos e graves, inclusive os relativos ao nosso objeto de estudo.

Dentre as contribuições de Bauman, talvez as mais importantes sejam decorrentes dos estudos apresentados no livro “Modernidade e Holocausto” (1989), no qual realizou uma análise do Holocausto, que pode contribuir não só para a discussão dos campos “apanho, logo existo”, “roubo, logo existo” e “destruo, logo existo”, mas podem ser pesquisas que reforcem a ideia principal, objeto desta pesquisa, relacionada à saúde e à doença mental, assim como ao tema do falso e verdadeiro *self*. Bauman apresenta seus estudos:

As provas reunidas pelos historiadores eram esmagadoras em volume e conteúdo. E suas análises profundas e irrefutáveis. Mostravam de forma razoavelmente indubitável que o Holocausto era uma janela, mais do que um quadro na parede. Olhando por essa janela, pode-se ter um raro vislumbre de coisas de outro modo invisíveis. E as coisas que se pode ver são da máxima importância não apenas para os que perpetraram o crime, para suas vítimas e testemunhas, mas para todos aqueles que estão vivos hoje e esperam estar vivos amanhã. Não achei nada agradável o que vi dessa janela. Quanto mais deprimente a vista, tanto mais convencido fiquei de que recusar-se a olhar seria temerário para quem o fizesse (Bauman, 1989, p.10).

A curiosidade e a coragem de olhar por janelas como a aberta pelo Holocausto são condições necessárias a todos aqueles que se propõem o desafio de realizar uma pesquisa psicanalítica, ou que compartilham do conceito de ruptura de campo (Herrmann, 1991), pois a meta de vislumbrar coisas que, sem o recurso do método psicanalítico, talvez permanecessem não perceptíveis aos diversos sentidos humanos, é o trabalho essencial do psicanalista: criar/encontrar o que está pronto para ser encontrado por alguém que se permita compartilhar qualquer experiência humana de forma atenta, devotada e sensível. Bauman não se recusou a abrir a janela e, com isso, precisou transformar a si mesmo, adaptando-se de forma a absorver o novo conhecimento que encontrou:

Acreditava (mais por omissão que por deliberação) que o Holocausto fora uma interrupção do curso normal da história, um câncer no corpo da sociedade civilizada, uma loucura momentânea num contexto de sanidade. Assim, podia pintar para meus alunos o quadro de uma sociedade normal, sadia, deixando a história do Holocausto para os patologistas profissionais. Minha complacência, assim como de meus colegas sociólogos, era em muito explicada (mas não desculpada) por certas formas de apropriação e exibição da memória do Holocausto. Sedimentou-se com frequência na mente das pessoas que essa foi uma tragédia ocorrida com os judeus e apenas com os judeus, de modo que, no que concerne a todos os demais, eram chamados a lamentar, a ter compaixão, talvez a se desculpar, mas não muito mais que isso (Bauman, 1989, p. 10).

A autorreflexão de Bauman permite associar o Holocausto à problemática da loucura na sociedade contemporânea, assim como fazer um paralelo entre a discussão apontada em relação à saúde e à doença mental de forma mais ampla, o que remete às definições clássicas que separam as patologias em neuroses, psicoses e quadros *borderlines*. Nestas concepções, a psicose é um sofrimento exclusivo de um pequeno grupo acometido por uma predisposição genética, associada a outras condições sociais, o que livraria todos os demais deste destino cruel:

Quando o público é chamado a pensar na questão mais aterradora – como foi possível tamanho horror? Como isso pôde acontecer bem no coração da região mais civilizada do mundo? – sua tranquilidade e equilíbrio mental raramente são perturbados. Discussões de culpa passam por análises das causas, elidindo-a; as raízes do horror, dizem, devem ser procuradas e serão encontradas na obsessão de Hitler, na subserviência de seus capangas, na crueldade de seus seguidores e na corrupção moral semeada por suas idéias; talvez se procurarmos um pouco além, podem ser encontradas também em certos aspectos peculiares da história alemã ou na particular indiferença moral do alemão comum – atitude que nada tem de espantosa face ao seu aberto ou latente anti-semitismo (Bauman, 1989, p.14).

Nesta linha de raciocínio, o Holocausto foi durante muito tempo relacionado com uma espécie de doença da sociedade alemã:

No entanto, esse exercício de explicar o crime por sua *germanidade* é um exercício que absolve todos os demais e, em particular, *tudo* o mais nele envolvidos. A implicação de que os que perpetraram o Holocausto foram uma ferida ou doença de nossa civilização – e não seu horrendo mas legítimo produto – resulta não apenas no conforto moral da auto-absolvição, mas também na terrível ameaça do desarmamento moral e político. Tudo aconteceu “lá” – em outra época, em outro país. Quanto mais culpáveis forem “eles”, mais seguros estaremos “nós” e menos teremos que fazer para defender essa segurança. Uma vez que a atribuição de culpa for considerada equivalente à identificação das causas, a inocência e sanidade do modo de vida de que tanto nos orgulhamos não precisam ser colocadas em dúvida (p.14).

A ideia de considerar novas possibilidades de compreensão das causas do Holocausto, assim como de considerar a psicose como um produto de falha ambiental, que também pode estar presente em indivíduos bem adaptados socialmente, exige uma mudança de paradigmas sobre a questão da loucura, assim como ocorreu no caso do genocídio do povo judeu:

O Indizível horror que permeia nossa memória coletiva do Holocausto (ligado de maneira nada fortuita ao premente desejo de não encarar essa memória de frente) é a corrosiva suspeita de que o holocausto possa ter sido mais do que uma aberração, mais do que um desvio no caminho de outra forma reto do progresso, mais do que um temor canceroso no corpo de outra forma sadio da sociedade civilizada; a suspeita, em suma, de que o Holocausto não foi uma antítese da civilização moderna e de tudo o que ela representa (ou pensamos que representa). Suspeitamos (ainda que nos recusemos a admiti-lo) que o Holocausto pode ter meramente revelado um reverso da mesma sociedade moderna cujo verso, mais familiar, tanto admiramos. **E que as duas faces estão presas confortavelmente e de forma perfeita ao mesmo corpo**⁵⁹. O que a gente talvez mais tema é que as duas faces não possam mais existir uma sem a outra, como verso e reverso da mesma moeda. Muitas vezes nos detemos no limiar da aterradora verdade (Bauman, 1989, p.26).

De forma geral, as verdades aterradoras aguardam para ser reveladas àqueles capazes de tolerá-las, a princípio, pois despertam sofrimento existencial e

⁵⁹ Grifo da pesquisadora.

narcísico, isso posto, o que Bauman tenta revelar ao afirmar que o Holocausto e civilização seriam duas faces de uma mesma moeda?

Para o senso comum pode ser compreendido como um símbolo de fracasso da civilização, enquanto atividade humana racional, mas do ponto de vista de Bauman, representa que ainda não se alcançou um grau suficiente de civilização, pois considera que o assassinato em massa traz entre suas lições, a demanda por transformações sociais:

À medida que o quadro completo emerge da pesquisa histórica, surge também uma interpretação alternativa do Holocausto – possivelmente de mais crédito – como um evento que revelou a **fraqueza e a fragilidade da natureza humana** (a abominação do assassinato, a aversão à violência, o medo da consciência culpada e a responsabilidade pelo comportamento imoral) quando confrontada com a simples eficiência dos mais acalentados produtos da civilização; sua tecnologia, seus critérios racionais de escolha, sua tendência a subordinar pensamento e ação à praticidade da economia e da eficiência (...) A civilização moderna não foi a condição *suficiente* do Holocausto; foi, no entanto, com toda a certeza, a condição *necessária*. Sem ela, o Holocausto seria impensável. **Foi o mundo racional da civilização moderna que tornou viável o Holocausto**⁶⁰ (p.32).

O Holocausto passou a ter uma explicação que transfere, do “ato de loucura”, para o contexto da sociedade contemporânea e, para os comportamentos eminentemente racionais, a responsabilidade pelo assassinato em massa. Justifica:

Em nenhum momento de sua longa e tortuosa execução o Holocausto entrou em conflito com os princípios da racionalidade. A “Solução Final” não se chocou em nenhum estágio com a busca racional da eficiência, da otimização na consecução do objetivo. Ao contrário, *resultou de uma preocupação autenticamente racional e foi gerada pela burocracia fiel a sua forma e propósito* (...) Sugiro de fato, no entanto, que as regras da racionalidade instrumental são singularmente incapazes de evitar tais fenômenos; que não há nada nestas regras que desqualifique como impróprios os métodos de “planejamento social” usados no Holocausto

⁶⁰ Grifos da pesquisadora.

ou, mesmo, como irracionais as ações a que serviram. Sugiro, ademais, que a **cultura burocrática que nos capacita a ver a sociedade como objeto de administração**, como uma coleção de tantos “problemas” a resolver, como “natureza” a ser “controlada”, “dominada” e “melhorada” ou “refeita”, como um alvo legítimo para o “planejamento social” e no geral como um jardim a ser projetado e mantido à força na forma planejada (a atitude do jardineiro divide as plantas entre aquelas “cultivadas”, de que se deve cuidar, e as ervas daninhas a serem exterminadas) foi a própria atmosfera em que a idéia do Holocausto pôde ser concebida, desenvolvida lentamente mas de forma consistente e levada à conclusão. E também sugiro que foi o espírito da racionalidade instrumental e sua forma moderna, burocrática de institucionalização que tornaram as soluções tipo Holocausto não apenas possíveis mas eminentemente “razoáveis” – e aumentaram sua probabilidade de opção. Este aumento da probabilidade está mais do que casualmente ligado à capacidade da burocracia moderna de coordenar a ação de grande número de indivíduos morais na busca de quaisquer finalidades, também imorais (Bauman, 1989, p.37).

Aqui torna-se necessário outro pedido de desculpas em função da utilização de uma citação bastante longa, por considerar que esta é fundamental para que o leitor possa entender o ponto de vista defendido por Bauman, uma vez que sua interpretação paradoxal do Holocausto pode causar surpresa e discordâncias eventuais.

A influência positivista, baseada na relação sujeito-objeto, na ideia de objetividade e racionalidade, que destituiu da conduta humana seu aspecto essencial – a subjetividade, a singularidade, a pessoalidade –, permite que sejam feitos usos diversos desta forma de concepção de mundo e de ciência, o que, no caso do Holocausto, justificou o assassinato em massa dos judeus, que uma vez objetificados, destituídos de seus direitos civis e de sua condição humana, tornaram-se, aos olhos dos oficiais nazistas e da população alemã, uma praga a ser eliminada, de forma a purificar a raça ariana. Ideias difundidas de forma inteligente e lógica, através de um bom marketing, permitiram que o Holocausto tivesse êxito. E que cidadãos comuns, pessoas de moral até então inquestionável,

se transformassem em mandantes e executores diretos da destruição do povo judeu.

É do conhecimento geral a esta altura que as tentativas iniciais de interpretar o Holocausto como um **ultraje cometido por criminosos de nascença, sádicos, loucos, depravados sociais ou indivíduos de outra forma moralmente incompletos não encontraram qualquer confirmação nos fatos envolvidos**. Sua refutação pela pesquisa histórica está hoje praticamente consumada (...). **A maioria dos que executaram o genocídio eram pessoas normais, que passariam facilmente em qualquer peneira psiquiátrica conhecida**, por mais densa e moralmente perturbadora. Isso também é teoricamente intrigante, em especial quando visto em conjunto com a **“normalidade” daquelas estruturas da organização que coordenaram as ações desses indivíduos normais no empreendimento do genocídio**. Já sabemos que as instituições responsáveis pelo Holocausto, mesmo se consideradas criminosas, não eram, em nenhum sentido sociologicamente legítimo, patológicas ou anormais. Agora vemos que as pessoas cujas ações elas institucionalizaram também não se desviavam dos padrões estabelecidos de normalidade⁶¹ (Bauman, 1989, p.38-39).

Estas informações desmontam ideias preconcebidas que geralmente povoam o imaginário coletivo sobre o tema e tornam a compreensão da questão mais complexa – o que levou estas pessoas comuns a fazer o que fizeram?

Os líderes SS contavam (com razão, ao que parece) com a rotina da organização, não com o zelo individual; com a disciplina, não com a dedicação ideológica. A lealdade à sangrenta tarefa devia ser – e era de fato – um derivativo de lealdade à organização. A “superação da piedade animal” não podia ser buscada e alcançada através da liberação de outros instintos animais, inferiores; estes seriam com toda a probabilidade disfuncionais para a capacidade de agir da organização; **uma multidão de indivíduos vingativos e homicidas não igualaria a eficiência de uma pequena mas disciplinada burocracia estritamente coordenada**⁶² (Op. Cit., p.40).

⁶¹ Grifos da pesquisadora.

⁶² Grifo da pesquisadora.

Três condições seriam responsáveis por enfraquecer o senso crítico e o posicionamento ético que normalmente barram os impulsos destrutivos humanos: o fato da violência ser autorizada por ordens superiores, o que implicaria em normas e especificação de papéis; a desumanização das vítimas potenciais e a mediação da ação. Todas estas estratégias fazem com que ocorra uma dissociação entre a ideia e a ação, ou entre o pensamento e a ação, ou entre sentimento e ação; além de funcionar como uma forma de transferir responsabilidades e eximir-se de culpa, levando a pessoa a agir no cumprimento de um dever (Bauman, 1989).

O Holocausto fez minguar todas as imagens lembradas ou herdadas do mal. Com isso, inverteu todas as explicações estabelecidas dos feitos maléficis. De repente ficou claro que o mais terrível dos males de que se tinha memória não resultou de uma ruptura da ordem, mas de um impecável, indiscutível e inatacável império da ordem. **Não foi obra de uma turba ruidosa e descontrolada, mas de homens uniformizados, obedientes e disciplinados, cumpridores das normas e meticulosos no espírito e na letra de suas instruções.** Bem cedo se soube que esses homens, sempre que estavam à paisana, não eram de modo algum maus. **Portavam-se de forma bem parecida à de todos nós. Tinham esposas que amavam, filhos que papricavam, amigos que ajudavam e consolavam no infortúnio**⁶³. Parecia inacreditável que, uma vez uniformizadas, essas mesmas pessoas fuzilassem, asfixiassem com gás ou presidissem ao fuzilamento e asfixia de outras milhares de pessoas, inclusive mulheres que eram esposas amadas de outros homens e bebês que eram filhos queridos de alguém. Era não só inacreditável, mas aterrador (p.178).

O Holocausto, assim como as imagens retratadas no filme “Clube da Luta”, mostraram intensa destrutividade partindo de homens comuns, bem adaptados socialmente, em alguns casos, com inteligência privilegiada e, em sua maioria, sem um quadro de loucura aparente e que, em seus contextos de vida privada, não eram agressivos, ao contrário, eram amáveis e educados. Tal

⁶³ Grifos da pesquisadora.

constatação causa surpresa, perplexidade, mas pode ser explicada pelos processos de fragmentação do *self*, descritos na obra de Winnicott, ou em relação à submissão às regras sociais dominantes das instituições sociais contemporâneas, conforme explica Bauman (1989):

Uma raiva e inquietação particulares foram causadas por sua hipótese de que **a crueldade não é cometida por indivíduos cruéis, mas por homens e mulheres comuns tentando desempenhar bem suas tarefas ordinárias**; e por sua descoberta de que a crueldade relaciona-se apenas secundariamente às características individuais dos que a cometem, mas de maneira muito forte mesmo **à relação de autoridade e subordinação, com nossa estrutura normal e cotidiana de poder e obediência**. A pessoa que, com convicção interior, se gaba de **roubar, matar e atacar pode se ver cometendo tais atos com relativa facilidade sob o comando de uma autoridade**. Ato impensável num indivíduo que age por conta própria pode ser executado sem hesitação quando levado a efeito sob ordens. Pode ser verdade que alguns indivíduos sejam impelidos por si mesmos à crueldade, por suas próprias inclinações pessoais, inteiramente espontâneas. O mais certo, porém, é que traços pessoais não os impeçam de cometer atos de crueldade quando o contexto interativo em que se encontram os impele a isso⁶⁴ (p. 181).

Tais descobertas basearam-se em intensa pesquisa nos documentos sobre o Holocausto, nas informações de sobreviventes, em dados dos estudos posteriores realizados, ou nas entrevistas e declarações dos SS quando foram responsabilizados criminalmente pelas ações de extermínio, assim como em pesquisas experimentais sobre violência, como as realizadas por Milgram⁶⁵:

Costumávamos pensar que o impensável só pode acontecer quando as pessoas param de pensar: quando a tampa da racionalidade é tirada do caldeirão de paixões humanas pressociais e incivilizadas. As descobertas de Milgram também colocam de cabeça para baixo aquela imagem bem mais velha do **mundo segundo o qual a humanidade está completamente ao lado da ordem racional, enquanto a desumanidade confina-se inteiramente às ocasionais rupturas dessa ordem**. Em suma, Milgram sugeriu e provou que a

⁶⁴ Grifos da pesquisadora.

⁶⁵ Stanley Milgram é psicólogo americano da Universidade de Yale; escreveu "The Individual in a Social World" (1971), "Obedience to Authority: An Experimental View" (1974).

desumanidade é uma questão de relacionamentos sociais. Na mesma proporção em que estas são racionalizadas e tecnicamente aperfeiçoadas, também o são a capacidade e a eficiência de produção social da desumanidade⁶⁶ (Bauman, 1989, p.181).

Estas considerações demonstram que Bauman defende um ponto de vista bastante interessante e consistente, quando aponta que há a carência de civilização na sociedade contemporânea, pois, quando relaciona a crueldade e a destrutividade, não à necessidade de mais adequação às regras, à maior adaptação social, ou a uma maior rigidez moral, mas, pelo contrário; aponta a necessidade de resgate da valorização da condição de humanidade e da qualidade de vinculação social. Aponta, ainda, que a questão da repressão da agressividade, da capacidade de se preocupar e de consideração com o outro, assim como a responsabilidade pelas ações, a capacidade de confiar, de estabelecer vínculos significativos e duradouros; constituem as condições fundamentais de humanidade.

O grande desafio é que assim como Bauman não é ingênuo em considerar que estas características são facilmente encontradas na sociedade contemporânea, também a psicanálise considera que dependem de um nível bastante avançado de desenvolvimento humano, característico das relações entre pessoas totais. Este contexto preocupa e traz um alerta à sociedade em um sentido amplo, e pede novas pesquisas e publicações que possam colocar estes temas em pauta, de forma a buscar soluções para tratar esta forma de sofrimento humano radical, que pode ser potencializada pelas formas de organização social contemporâneas, sempre que estas reforcem condutas que implicam na

⁶⁶ Grifos da pesquisadora.

desconsideração do existir humano, decorrentes de um paradigma positivista dominante no mundo globalizado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: TUDO COMEÇA EM CASA?

O processo dialógico que pôde ser sustentado nesta tese, mantendo uma interlocução com as obras de Winnicott – assim como com estudiosos de sua obra – e com os escritos de Bauman sobre a sociedade contemporânea ofereceram reflexões importantes para se pensar as intervenções no campo da saúde e da saúde mental.

Neste sentido optou-se por não realizar uma conclusão, na qual as principais ideias apresentadas durante o trabalho seriam recapituladas, mas finalizar focalizando algumas questões e desdobramentos que puderam surgir a partir da leitura, caso esta tese tenha sido efetiva em seu compromisso de contextualização da (im)possibilidade de se sentir vivo e real na sociedade contemporânea. Assim, este último capítulo articula-se em torno de um debate com leitores interessados e engajados na prática clínica enquanto psicanalistas, psicoterapeutas, psicólogos e/ou profissionais de saúde, assim como com profissionais da área de educação, de assistência social e da sociologia, uma vez que estes também possam vir a se interessar pelo tema aqui abordado.

Sob um dos pontos de vista apresentados, Winnicott propõe contribuições fundamentais e consagradas em sua teoria psicopatológica sobre a origem das patologias do falso *self* – que podem ser descritas como integrantes dos quadros *borderlines* –, assim como da tendência antissocial e das psicoses. Autores contemporâneos como Mello Filho (2003) e Vaisberg (2006 e 2007) enfatizam que as sociopatias podem ser também incluídas na perspectiva psicopatológica de Winnicott, segundo a qual, essas decorreriam de falhas ambientais, deixando, portanto, de ser vistas como produto da influência majoritária de determinantes endógenos, tão defendidos pelo pensamento organicista clássico e até por um determinado grupo de psicanalistas referenciados pelo modelo estrutural-

pulsional. Esta concepção de psicopatologia, que considera a dissociação como o sofrimento fundamental, traz questionamentos e implica os profissionais do campo das ciências humanas em um árduo desafio de integração de forças, conhecimentos e práticas, que permitam o desenvolvimento de alternativas de cuidado efetivo das novas formas de expressões de sofrimento radical, que surgem no mundo globalizado e que se perpetuam com a mesma velocidade que os demais elementos constitutivos do cenário social atual.

Sob outro ponto de vista, a obra de Bauman, sociólogo leitor de Freud, fornece uma descrição incontestável sobre o sofrimento emocional em uma sociedade que designa como “líquido-moderna”, regida pelos padrões de conduta da cultura consumista, pela competição, pelo individualismo, pelo “medo líquido” – fenômeno onipresente –, pelo “amor líquido”, caracterizado pela fragilidade dos vínculos afetivos, assim como pelo temor constante de exclusão social. Além disso, os estudos do autor sobre o fenômeno do Holocausto e sobre o mundo líquido-moderno, não só contextualizam a violência, a destruição, a criminalidade e o terrorismo como consequências diretas da globalização mundial, como também apontam para o risco do cultivo dos ideais dominantes da cultura racionalista, que tendem a desvalorizar a alteridade e a subjetividade, o que resulta em uma objetificação do ser humano e da experiência intersubjetiva.

Tal quadro explicar-se-ia pelo fato do controle social poder ser mais facilmente obtido quando o homem pode ser domesticado e submetido aos valores da cultura consumista dominante, transformado em massa de manobra, de forma a garantir a manutenção do poder político e econômico de uma elite que detém o poder. Além disso, Bauman enfatiza que a tendência humana de se submeter às normas e às figuras de autoridade, associadas a uma excelente

campanha de *marketing* e aos mecanismos burocráticos, constituíram determinantes fundamentais do massacre de um povo – realizado pelas mãos de homens comuns, extremamente bem adaptados socialmente e sem histórico de comportamento agressivo pregresso⁶⁷.

Estes dados são enfáticos em contestar o imaginário coletivo da violência enquanto fruto da insanidade de um grupo de pessoas, portadoras de patologias que justificariam a exclusão social de seu portador, o que pôde ser observado no exercício da psiquiatria clássica, durante décadas e, que vem, gradativamente, sendo combatido pelos princípios da reforma psiquiátrica, assim como ocorre na visão psicopatológica de Winnicott. Vale aqui lembrar que a submissão também é ressaltada, enquanto fenômeno psicopatológico na obra deste autor, gerando consequências ligadas à organização do falso *self*, que se atrelam às sensações de vida fútil, vazia e ao sentimento de irrealidade.

Em função disto, levanta-se a questão do que pode ser feito para qualificar transformações sociais e ofertas de tratamento adequado à problemática do sofrimento contemporâneo, dentre os quais, a impossibilidade de se sentir vivo e real, sintoma que, conforme foi abordado, pode emergir em variados contextos diagnósticos.

Ao apontar para a importância de um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento da saúde mental dos recém-nascidos, bebês, crianças e adolescentes, o pensamento winnicottiano enfatiza a necessidade de constantes cuidados psicofiláticos para a dupla mãe-bebê, em função de considerar que o cuidador materno é, de fato, o “primeiro ambiente do bebê”. Apresentando o

⁶⁷ Dados que ressaltam a importância de estudos sobre fenômenos como o Holocausto, de forma a proporcionar diferentes formas de focar o problema, uma vez que este momento histórico dramático parece trazer contribuições relevantes para o estudo dos fenômenos dissociativos relacionados ao falso self.

mundo em pequenas doses, a mãe filtra a complexidade da realidade em termos que o lactente pode tolerar e assimilar, o que, evidentemente, só é possível quando existe um ambiente social suficientemente bom, que depende do pai, da família e da sociedade.

O próprio título de um dos livros da autoria de Winnicott (1986), *“Home is where we start from”*, traduzido como “Tudo começa em casa”, reforça a ideia da responsabilidade e da alta complexidade da tarefa de criação dos filhos, uma vez que se considere como verdadeira a afirmação de que o lar é o local onde começamos a existir. Desde um determinado ponto de vista, é possível concordar inteiramente com esta idéia fundamental, pois o desenvolvimento humano no primeiro ano de vida tem sido objeto de estudo privilegiado de psicanalistas de diferentes abordagens e todos são unânimes em concluir que neste período são lançadas as bases para uma boa saúde mental. O próprio Winnicott (1951) intitula um dos capítulos da obra *“Privação e Delinquência”* (1984) usando a expressão “alicerce da saúde mental”. No entanto, não se pode esquecer que a casa de cada um de nós está inserida em um contexto social mais abrangente e existe em continuidade com o ambiente social mais amplo e não como um mundo a parte.

A partir das leituras da obra de Bauman, é possível seguir afirmando que tudo começa em casa? Ou temos que começar a nos perguntar sobre o ambiente social no qual se insere a vida familiar? O próprio conceito de família tem se modificado bastante nos últimos tempos, assumindo novos e mais complexos padrões relacionais, o que implica em novos valores sociais. É possível aqui lembrar dos novos modos pelos quais a paternidade vem se modificando ao longo das últimas décadas, assumindo feições bastante diversas daquilo que vigorou durante a vida do próprio Winnicott (Ferreira e Vaisberg, 2006).

As idéias de família e de casa que Winnicott tinha em mente, ao escrever sobre o tema, derivavam de uma experiência muito diversa daquela que hoje se vive. As mudanças trazidas pelos novos tempos, por outro lado, não nos devem levar a esquecer de que, em se tratando de um padrão inglês, lidou também com condições sócio-econômicas marcadas por níveis de desigualdade bastante menores do que aqueles que vigoram no Brasil.

Atualmente, o fato das mulheres exercerem uma atividade profissional, seja por uma opção de desenvolvimento pessoal, seja, ainda, por uma necessidade de subsistência econômica, acarretou transformações sociais significativas. Inclusive, é possível ter conhecimento de inúmeros casos nos quais a mulher assume uma responsabilidade importante na manutenção da renda familiar, não sendo incomum encontrar aquelas que sustentam a família exclusivamente com seus esforços pessoais; conseqüentemente, o cuidado com os filhos é comumente compartilhado com terceiros – berçários, creches, escolas, familiares próximos, amigos, conhecidos, vizinhos ou a uma funcionária da casa. Esta realidade oferece uma reformulação da idéia de uma mãe que exerce sua função em tempo integral, cuidando da casa, dos filhos e do marido, pois atualmente a função materna é exercida, em uma grande porcentagem de casas, por mais de uma pessoa, o que, muitas vezes, sobrecarrega a mãe com um intenso sentimento de culpa, pois as pressões sociais ainda atribuem à ela o sucesso ou o fracasso no processo de criação dos filhos.

Ao compartilhar a criação dos filhos com terceiros, é necessário ter o devido cuidado para que as rotinas da criança não passem a ser reguladas, prioritariamente, por organizadores externos a ela (e à mãe), como o horário de trabalho dos pais, das rotinas das instituições às quais o cuidado da criança pode

ser atribuído, ao horário de trabalho da babá ou à disponibilidade dos familiares e amigos. Segundo o ponto de vista desta pesquisadora, esta discussão abrange o cuidado possível da mãe devotada comum nos dias atuais, o que diverge da mãe descrita por Winnicott em sua obra, embora não deixe de se tratar de uma busca por um cuidado suficientemente bom. Sempre que as necessidades dos bebês, crianças e adolescentes possam ser consideradas como importantes, sendo articuladas com as necessidades das mães, pais e/ou cuidadores, na vigência de um vínculo significativo, pode-se considerar que estaria ocorrendo um cuidado suficientemente bom.

Quando este processo não ocorre de forma satisfatória, levando a interrupções na vivência de continuidade de ser, há a necessidade de buscar novas alternativas de organização de cuidados e, muitas vezes, auxílio especializado. Entretanto, o bebê, a criança e o adolescente em todas as situações, até nas mais adversas, se adaptam ao ambiente e ao acolhimento possível, mas este processo pode ocorrer por uma via de compreensão racional, intelectual, ou seja, em decorrência de dissociação e submissão, o que afetará de alguma forma o desenvolvimento do seu potencial criativo e de sua capacidade de gestualidade espontânea. Este contexto faz pensar que, em muitos casos, o cuidado possível garanta mais a possibilidade de uma execução de cuidados concretos, relacionados ao elemento masculino de homens e mulheres, do que em cuidados típicos do elemento feminino de homens e mulheres, que permitirão o desenvolvimento da capacidade de ser e a existência de um *self* verdadeiro, fenômeno que pode se manifestar independente do fato da mãe estar presente em casa em tempo integral com os filhos ou trabalhando fora de casa.

As recentes transformações sociais das últimas décadas do século XX, garantiram à mulher o direito a desenvolver uma carreira profissional, de buscar uma formação de qualidade e melhores espaços no mercado de trabalho, o que permite, muitas vezes, através do exercício de uma atividade profissional, o desenvolvimento de seu potencial criativo e a emergência de seu verdadeiro *self*, condição esta que necessita ser ressaltada como possibilitadora de um viver criativo e saudável⁶⁸ – o que de certa forma, pode, inclusive, contribuir para o desempenho de sua função materna.

O imaginário social parece configurar-se segundo linhas que pressionam a mulher a se sentir culpada por trabalhar fora de casa, e os pais a se preocupar, desde o nascimento dos filhos, com sua formação pessoal e profissional, numa tentativa de lhes garantir uma vida autônoma no futuro e um bom espaço no mercado de trabalho. Por outro lado, raras vezes são auxiliados a perceber que os esforços de construção de um futuro positivo não se fazem prioritariamente por meio de brinquedos caros, cursos de línguas ou da oferta de inúmeras atividades “extracurriculares”, mas pela presença viva dos pais com o bebê, a criança ou o adolescente. Da mesma forma, pais excessivamente preocupados com a sobrevivência concreta da família, com a violência ou com as pressões diárias do ambiente de trabalho chegam em casa demandando acolhimento e com poucas condições de oferecer cuidados suficientemente bons. Tais questões exigem, do ponto de vista desta pesquisadora, muita atenção, por constituírem um problema de saúde pública.

⁶⁸ Este tema é abordado em filmes como “O sorriso de Monalisa” que conta a história de jovens mulheres que recebiam excelente formação educacional, mas acabavam não exercendo uma profissão, pois os valores sociais da época direcionavam as mulheres exclusivamente para o casamento e para a criação de filhos.

A sociedade contemporânea estimula o isolamento social em detrimento do convívio, a persecutoriedade em detrimento da sensação de segurança, o ter em detrimento do ser, a passividade e a submissão em detrimento da espontaneidade e da autonomia devidamente amparada e protegida. Este quadro gera desafios urgentes, tais como o da necessidade de planejamento de ações de cuidado para os pais, pois não se trata de lhes atribuir responsabilidade ou culpas adicionais, pois oferecem o melhor de si na criação dos filhos, mas de oferecer-lhes condições que favoreçam e fortaleçam sua capacidade de prover cuidados, como forma de proteção à família.

A ampliação do tempo da licença maternidade é um avanço inquestionável para a realidade do mercado de trabalho brasileiro, e esforços que garantam seu efetivo cumprimento não devem ser poupados. Entretanto, também é importante lembrar que esta medida, sendo necessária, não é suficiente, pois fica circunscrita aos primeiros quatro ou seis meses de vida. A gravidade do problema faz pensar que uma das questões éticas fundamentais da atualidade é o planejamento de formas de proteção efetivas de cuidados à mulher e à família, o que exigiria mudanças globais na sociedade, pois a mãe e o pai do presente carregam dentro de si os adolescentes, as crianças e os bebês que foram. Sem falar no fato de que o processo de amadurecimento e de busca por integração e personalização ocorre ao longo de toda a vida, podendo ser estimulado, fortalecido ou sofrer múltiplas interrupções, dependendo das condições ambientais, o que abrange a relação com os pais, a vida familiar, o contexto escolar, o meio social local, a realidade do país e o contexto global.

Finalizamos, assim, sublinhando que ao se concordar com Winnicott quando aponta a impossibilidade de se sentir vivo e real, que é a base da

gestualidade espontânea e transformadora de si e do mundo é sofrimento radical que tem suas bases lançadas na primeira infância, não se pode deixar de destacar que é fundamental lembrar que o cuidado e proteção à criança não depende única, direta e exclusivamente da conduta dos pais, mas antes, que a maternidade e a paternidade dependem das condições psíquicas coletivamente vigentes no mundo social.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAM, J. (1996) A linguagem de Winnicott: Dicionário de Palavras e Expressões Utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Editora RevinteR Ltda, 2000.

AIELLO-TOFOLO, T.M.J. O Uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema em Pesquisa sobre Representação Social. In: *Encontro latino-americano de psicologia marxista y psicoanalisis*, 3, Havana, Cuba, Resúmenes. Universidad de la Habana, 1990.

AIELLO-VAISBERG, T.M.J. O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: Projeção e Transicionalidade, *Psicologia USP*, 6 (2), 103-127, 1995.

AIELLO-VAISBERG, T.M.J. O uso de procedimentos projetivos na pesquisa sobre representação social. In: CARVALHO, R.M.L.L., *Repensando a formação do psicólogo: Da informação à descoberta*. Campinas-SP: Alínea, 1996.

AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Investigação de representações sociais. In: Trinca, W. (Org.) *Formas de Investigação Clínica em Psicologia*. São Paulo: Vetor, 1997.

AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Sofrimento e Adolescência no Mundo Contemporâneo sob a Perspectiva da Psicologia Social Clínica. Anais I Simpósio do Adolescente, 2005.

AIELLO-VAISBERG, T.M.J.; MACHADO, M.C.L.; BAPTISTA, A.M. Sofrimento Humano e Psicanálise Contemporânea, II Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise, 2003, Rio de Janeiro. Trabalhos inscritos no II Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise, vol. 1, p.1-11, 2003.

AIELLO-VAISBERG, T.M.J. e MACHADO, M.C.L. Transicionalidade e Ensino de Psicopatologia: Pensando “Aulas Práticas” com Winnicott. Passagens de Paris I (2005).

AIELLO-VAISBERG, T.M.J. e MACHADO, M.C.L. Pesquisa Psicanalítica de Imaginários Coletivos à Luz da Teoria dos Campos. IN: MONZANI, J.M. e MONZANI, L.R. (Orgs.) *Olhar: Fábio Herrmann – Uma Viagem Psicanalítica*. São Paulo: Pedro e João Editores/CECH-UFSCar, 311-324, 2008 (ISBN 978-85-99803-28-8).

- ALVES, R. (1991) A morte como conselheira. IN: *O quarto do mistério*. Campinas-SP: Papirus, 1995.
- BARRETO, K. D. *Ética e técnica no acompanhamento terapêutico*. São Paulo: Unimarco, 1998.
- BARRETO, M.A.M. *Do Vôo Preciso: Considerando o Imaginário Coletivo de Adolescentes*. Tese de Doutorado. PUC-Campinas, 2006.
- BAUMAN, Z. (1989) *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Z. (2003) *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BAUMAN, Z. (2004) *Vidas Desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAUMAN, Z. (2005) *Vida Líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BAUMAN, Z. (2006) *Medo Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BAUMAN, Z. (2007) *Tempos Líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BAUMAN, Z. (2007a) *Vida para Consumo: A transformação de pessoas em mercadoria*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BERNARDET, J.C. (1980) *O que é cinema*. Coleção Primeiros Passos. Vol. 9. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.
- BION, W. R. (1957). Ataques ao elo de ligação. In: *Melanie Klein Hoje: Desenvolvimento da teoria e da técnica - vol. 1: Artigos predominantemente teóricos*. Nova biblioteca de psicanálise. Instituto de Psicanálise de Londres. Coord. Elias Mallet R. Barros. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BION, W. R. (1957a). Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica. In: *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica - vol. 1: Artigos predominantemente teóricos*. Nova biblioteca de psicanálise - Instituto de Psicanálise de Londres. Coord: Elias Mallet R. Barros. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BLEGER, J. (1963). *Psicologia da Conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BLEGER, J. (1965). *Psico-higiene e psicologia institucional*. Trad. Emília de O. Diehl. 2ª ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BLEGER, J. (1966) *Simbiose e Ambigüidade*. Tradução: Maria Luiza X.A. Borges. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A., 1977.

BLEGER, J. (1969). *Temas de psicologia: entrevistas e grupos*. Trad. Rita M. M. de Moraes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRITTON, R. Crença e Imaginação: explorações em psicanálise. *Nova biblioteca de psicanálise (31)*. Instituto de Psicanálise de Londres. Coord. Elias Mallet R. Barros. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

CAMARGO, A.C.S.P. *A Vivência do caos: uma experiência de mudança em uma instituição de saúde mental*. Dissertação de Mestrado.PUC-Campinas, 2004.

CASTILHO, R. Réquiem para um Sonho: Entre a Psicanálise e a Cultura. Goiânia: Cãnone Editorial; UEG, 2007.

CROMBERG, R.U. *Prefácio*. IN: TELLES, G. *O psicanalista vai ao cinema*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DESCARTES, R. (1644) *Discurso do Método*. Coleção Fundamentos do Direito. São Paulo: Ícone, 2006.

DROGUETT, J. *Sonhar de Olhos Abertos*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

FERREIRA, M.C. *Encontrando a Criança Adotiva: Um passeio pelo Imaginário Coletivo de Professores à Luz da Psicanálise*. Tese de Doutorado. PUC-Campinas, 2006.

FERREIRA, M.C.; VAISBERG, T.M.J.A. O pai 'suficientemente bom': algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. *Mudanças* (São Bernardo do Campo), v. 14, p.136-142, 2006.

FIKS, J.P. E SANTOS JUNIOR, A. No Avesso da Tela: A Psiquiatria pelo Cinema. São Paulo: Lemos Editorial, 2006.

FREUD, S. (1930 [1929]) O Mal-Estar na civilização. IN: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, volume XXI (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1974.

FURIGO, *Plantão psicológico: uma contribuição da clínica junguiana à atenção psicológica na saúde*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2006.

GUERREIRO, G. Loucura em Cena. IN: *Mente, Cérebro e Arte*. Edição Especial Revista *Mente e Cérebro*, número 17. Tradução: Mário Bresighello. São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

GOLDBERG, J. *Clínica da psicose: um projeto na rede pública*. Rio de Janeiro: Te Cora, Instituto Franco Basaglia, 1996.

GRANATO, M.M e AIELLO-VAISBERG, T.M.J. *Tecendo a Pesquisa Clínica em Narrativas Psicanalíticas*. Revista *Mudanças – Psicologia da Saúde*. São Paulo, vol. 12, nº 12, p.253-271, 2004.

GRANATO, M.M. *Tecendo a Clínica Winnicottiana da Maternidade em Narrativas Psicanalíticas*. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

GRANATO, M.M. A maternidade e a clínica winnicottiana. IN: VAISBERG, T. M. J. A. ; GRANATO, T. M. M. *Ser e Fazer: Na clínica winnicottiana da maternidade*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006.

GREENBERG, J. R. E MITCHELL, S.A. *Relações Objetivas na Teoria Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HERRMANN, F. *Andaimos do Real: O Método da Psicanálise*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

HERRMANN, F. *O divã a passeio: A procura da psicanálise onde não parece estar*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

HERRMANN, F. Uma aventura: A tese psicanalítica (entrevista com Fábio Herrmann). In: SILVA, M. E. (coord.). *Investigação e psicanálise*. Campinas-SP: Papyrus, 1993.

HERRMANN, F. *A psique e o eu*. São Paulo: He Psyque, 1999.

HERRMANN, F. *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

HERRMANN, F. *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

HERRMANN, L. [et.al.] *Ruptura de campo: crítica e clínica – IV Encontro Psicanalítico das Teorias dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

HISADA, S. *Clínica do setting em Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

KHAM, M.M.R.(1988) *Quando a Primavera Chegar: Despertares em Psicanálise Clínica*. São Paulo: Escuta, 1991.

KORNIS, M. A. *Cinema, televisão e história*. Coleção Ciências Sociais Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda., 2008.

KRAFT, U. Sobre gênios e loucos. IN: *Mente, Cérebro e Arte*. Edição Especial Revista *Mente e Cérebro*, número 17. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

LAPLANCHE E PONTALIS (1967) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LOUSADA-MACHADO, M.C. *Universo em desencanto: Conceitos, Imagens e Fantasias de pacientes psiquiátricos sobre loucura e/ou doença mental*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

MARTINS, P.C.R. *O amante competente e outros campos do imaginário coletivo de universitários sobre as dificuldades sexuais masculinas*. Tese de Doutorado, Faculdade de Psicologia do Centro de Ciências da Vida. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2007.

MAHFOUD, M. (ORG.) *Plantão psicológico: Novos Horizontes*. São Paulo: Editora C.I., 1999.

MEDEIROS, C.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Limites de um modelo psicopatológico pulsional: em direção a outra melodia. Anais da Segunda Jornada de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia: Pesquisa Qualitativa em Saúde Mental – Perspectivas Psicanalíticas e Fenomenológicas. Campinas, PUC-Campinas, p. 141-149, 2008.

MELLO FILHO, J. *O Ser e o Viver: uma visão da obra de Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MELLO FILHO, J. *Vivendo num país de falsos-self*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MENCARELLI, V.L.; AIELLO-VAISBERG, T.M.J. Iluminando o *self*: uma experiência clínica psicanalítica não convencional. Estudos de Psicologia (Campinas), vol. 22 (4) Campinas: Oct./Dec. 2005 (Print ISSN 0103-166X).

MINERBO, M. *Estratégias de Investigação em Psicanálise: Desconstrução e Reconstrução do conhecimento*. São Paulo: casa do psicólogo, 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (<http://www.saúde.gov.br>).

ORSINI, C. M. B. O trabalho clínico institucional: Da impotência absoluta à potência relativa. Psicanálise sem divã. *Jornal de Psicanálise*. Instituto de Psicanálise – SBPSP, vol.30, 1997.

PADILHA, B. M. *Nove personagens em busca de um autor: Apropriação da identidade profissional de psicólogo clínico numa instituição de saúde mental*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2002.

- PITTA, A. (org.). *Reabilitação psicossocial no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- POLITZER, G. (1928) *Crítica aos Fundamentos da Psicologia: A Psicologia e a Psicanálise*. Piracicaba, Editora UNIMEP, 2004.
- RIVERA, T. (2002) *Arte e Psicanálise*. Coleção Psicanálise Passo a Passo, vol. 13. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2005.
- RIVERA, T. *Cinema, Imagem e Psicanálise*. Coleção Psicanálise Passo a Passo, vol. 85. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2008.
- REY, F. L. G. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. Trad. Marcel A. F. Silva. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.
- REZENDE, A. M. *A identidade do psicanalista: funções e fatores*. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2000.
- SAFRA, G. O uso do material clínico na pesquisa psicanalítica. In: M.E.L. Silva. (coord.). *Investigação e psicanálise*. Campinas, SP, Papyrus, 1993.
- SAFRA, G. *A Pós-ética da Clínica Contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.
- SAÚDE MENTAL EM DADOS – 4, ano II, nº 4, agosto de 2007 (<http://www.saúde.gov.br>).
- SHAKESPEARE, W. (1602) *Hamlet*. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2000.
- SILVA, M. E. Pensar em psicanálise. In: M.L.E. Silva (coord.). *Investigação e psicanálise*. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- TACHIBANA, M. *Rabiscando Desenhos-Estórias: Encontros Terapêuticos com Mulheres que Sofreram Aborto Espontâneo*. Dissertação de Mestrado. PUC-Campinas, 2006.
- TELLES, G. *O psicanalista vai ao cinema*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- TELLES, G. *O psicanalista vai ao cinema II*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

TRINCA, W. e COL. *Diagnóstico Psicológico: A Prática Clínica*. Paulo: E.P.U., 1984.

TRINCA, W. (Org.) *Formas de Investigação Clínica em Psicologia: Procedimentos de Desenho-Estórias e Procedimentos de Desenhos de Famílias com Estórias*. São Paulo: Vetor, 1997.

VAISBERG, T. M. J. A.; GRANATO, T. M. M. Tecendo a clínica em narrativas psicanalíticas. *Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais*, São Bernardo do Campo, v. 12, n. 2, p. 253-271, 2005.

VAISBERG, T. M. J. A. ; GRANATO, T. M. M. *Ser e Fazer: Na clínica winnicottiana da maternidade*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006.

VAISBERG, T. M.J.A.; LOUSADA-MACHADO. Diagnóstico Estrutural de Personalidade em Psicopatologia Psicanalítica. *Psicologia USP*, vol. 11 (1). São Paulo, 2000. (ISSN 0103-6564).

VAISBERG, T. M.J.A.; LOUSADA-MACHADO. Narrativas: O Gesto do Sonhador Brincante. In: IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise. São Paulo, 2005. (<http://www.Estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalho/php>).

VAISBERG, T. M.J.A.; LOUSADA-MACHADO. O Método Psicanalítico na Pesquisa Clínica Ampliada. *Anais da Segunda Jornada de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia: Pesquisa Qualitativa em Saúde Mental – Perspectivas Psicanalíticas e Fenomenológicas*. Campinas, PUC-Campinas, p. 69-83, 2008.

VAISBERG, T. M.J.A. *Encontro com a Loucura: Transicionalidade e Ensino de Psicopatologia*. Tese de Livre Docência. Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

VAISBERG, T.M.J.A. A função social da psicologia clínica na contemporaneidade. In: *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, Vol. 3, nº 1, Janeiro-Julho/2001 (<http://www.mackenzie.com.br>).

VAISBERG, T.M.J.A. Da questão do método à busca do rigor: a abordagem clínica e a produção de conhecimento na pesquisa psicanalítica. *Cadernos Ser e Fazer: Apresentação e Materialidade*, editado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2003.

VAISBERG, T.M.J. A. *Ser e fazer: Enquadres Diferenciados na Clínica winnicottiana*. São Paulo: Idéias e Letras, 2004.

VAISBERG, T.M.J.A. Os Enquadres Clínicos Diferenciados e a Personalização/Realização Transicional. In: Tânia Maria José Aiello Vaisberg; Fabiana Follador e Ambrósio. (Org.). *O Brincar*. 1 ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004, v. 1, p. 6-17. 2004a.

VAISBERG, T. M. J. A. Os montros, o método e o estabelecimento da capacidade ética. In: Tania Maria José Aiello Vaisberg; Fabiana Follador e Ambrósio. (Org.). *Caderno Ser e Fazer: Reflexões Éticas na Clínica Contemporânea*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, p. 09-26, 2005.

VAISBERG, T.M.J.A. A Transicionalidade e Cultura: a grupalidade na clínica winnicottiana. IN: Terzis, A. (Org.) *Psicanálise, Grupalidade e Cultura*. Campinas, SP: Gráfica e Editora Magister-Baron Ltda, 2005a.

VAISBERG, T.M.J.A. O ser e o fazer na clínica ampliada e a radicalidade psicopatológica do pensamento de D. W. Winnicott. IN: Calderoni, D. (Org.) *Psicopatologia: Clínicas de Hoje*. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2006.

VAISBERG, T.M.J.A. *Paradoxo e Loucura: A Radicalidade do Pensamento Psicopatológico de D. W. Winnicott*. Trabalho apresentado como palestra da mesa Paradoxo no XVII Encontro Latino-Americano sobre o Pensamento de D. W, Winnicott. São Paulo, 2007.

VILETE, E.P. Sobre o homem morto que caminha. IN: *Natureza Humana*. Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Volume II, número 1, 2000.

WINNICOTT, D.W. (1935) A defesa maníaca. *Da pediatria à psicanálise - Obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D.W. (1939) Desilusão Precoce. IN: WINNICOTT, C. (Org) *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. (1945) O Desenvolvimento Emocional Primitivo. *Da pediatria à psicanálise - Obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D.W. (1947) O ódio na contratransferência. *Da pediatria à psicanálise - Obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D.W. (1950-55) A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. *Da pediatria à psicanálise - Obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D.W. (1951) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. *Da pediatria à psicanálise - Obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D.W. (1952) Psicoses e cuidados maternos. *Da pediatria à psicanálise - Obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D.W. (1954) A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. *Da pediatria à psicanálise - Obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D.W. (1956) A preocupação materna primária. *Da pediatria à psicanálise - Obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D.W. (1956a) A tendência anti-social. *Da pediatria à psicanálise - Obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D.W. (1957) Alucinação e desalucinação. IN: WINNICOTT, C. (Org) *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. (1958) A capacidade para estar só. IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1958a) *Da pediatria à psicanálise - Obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D.W. (1958b) Psicanálise do sentimento de culpa. IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1958c) Psicogênese de uma fantasia de espancamento. IN: WINNICOTT, C. (Org) *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. (1959-1964) Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica. IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1960) Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro "self". IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1960a) Teoria do relacionamento paterno-infantil. IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1962) A integração do ego no desenvolvimento do lactente. IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1962a) Os Objetivos do Tratamento Psicanalítico. IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1963) Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos . IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1963a) Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1963b) Distúrbios psiquiátricos e processos de maturação infantil. IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1963c) Moral e educação. IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1963d) O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1963e) Os doentes mentais na prática clínica. IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1963f) O medo do colapso (*Breakdown*). IN: WINNICOTT, C. (Org) *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. (1963g) Psicoterapia dos distúrbios de caráter. IN: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D.W. (1964) Transtorno (*Disorder*) Psicossomático. IN: WINNICOTT, C. (Org) *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. (1964-1968) O jogo do Rabisco (*Squiggle Game*). IN: WINNICOTT, C. (Org) *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. (1965) A psicologia da loucura: uma contribuição da psicanálise. IN: WINNICOTT, C. (Org) *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. (1966) Ausência e presença de um sentimento de culpa, ilustradas em duas pacientes. IN: WINNICOTT, C. (Org) *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. (1967) O conceito de regressão clínica comparado com o de organização defensiva. IN: WINNICOTT, C. (Org) *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. (1970) Sobre as bases para o self no corpo. IN: WINNICOTT, C. (Org) *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.

WINNICOTT, D.W. (1971). *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

WINNICOTT, D.W. (1971a). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D.W. (1984). *Privação e Delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

WINNICOTT, D.W. (1986). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WINNICOTT, D.W. (1988). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

YALOM, I.D., LESZCZ, M. (2005) *Psicoterapia de Grupo: teoria e prática*. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ZANONI, M.R.L. Plantão psicológico em um serviço universitário de psicologia: a experiência de aprimorandas, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2008.

ZIMERMAN, D.E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ZIMERMAN, D.E. *Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed, 2004.